



**Universidade de Brasília - UNB**  
**Instituto de Letras - IL**  
**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**  
**Programa de Pós-Graduação em Literatura**

**O MITO DO HEROI GAÚCHO E A REALIDADE DA FORMAÇÃO  
AGRÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL NA POESIA DE JAIME  
CAETANO BRAUN**

**Claudio Reus Silveira Hernandez**

**Brasília**  
**2014**



**Universidade de Brasília - UNB**  
**Instituto de Letras - IL**  
**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**  
**Programa de Pós-Graduação em Literatura**

**Claudio Reus Silveira Hernandez**

**O MITO DO HEROI GAÚCHO E A REALIDADE DA FORMAÇÃO  
AGRÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL NA POESIA DE JAIME  
CAETANO BRAUN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Mestre em Literatura Brasileira. Orientadora: Profa. Dra. Ana Laura dos Reis Corrêa.

**Brasília**  
**Julho - 2014**

## Ficha Catalográfica

**HERNANDEZ**, Claudio Reus Silveira

**O MITO DO HEROI GAÚCHO E A REALIDADE DA FORMAÇÃO AGRÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL NA POESIA DE JAIME CAETANO BRAUN**

Brasília, DF: [p. 107], 2014.1

Claudio Reus Silveira Hernandez

Orientadora: Professora Doutora Ana Laura dos Reis Corrêa

Dissertação (Mestrado ) – Universidade de Brasília / UNB .

1. Universidade de Brasília, 2014.

## **DEDICATÓRIA**

À Nêdia Hernandez, esposa dedicada, amiga e companheira, que sempre tem um olhar compreensivo, uma palavra amável e um sorriso iluminado, que faz não só acreditar na infinitude da vida, mas, também, desejar que cada instante dessa experiência seja eternizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora: Professora Doutora Ana Laura dos Reis Corrêa, pela orientação serena, tranquila e paciente. Aos professores do Departamento de Teoria Literária e Literatura da Universidade de Brasília, por tirarem de meus olhos a venda que fazia com que a minha percepção de mundo fosse obliterada pela névoa criada por anos a fio de uma leitura de mundo burocrática e desprovida da visão da realidade latente que nos cerca e, assim, sem considerar a alteridade e a problemática social, baseada em uma distribuição injusta de renda e na perpetuação da miséria.

Agradeço, também, aos meus filhos, por sua compreensão quando de minha ausência em diversos momentos importantes em suas vidas e, assim, também colaboram para que a minha expectativa de concluir o curso de pós-graduação em Literatura aproxime-se cada vez mais da sua concretização.

Agradeço, ainda, a todos os amigos e colegas que de alguma forma contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho, indicando fontes de leitura e sugerindo materiais que poderiam ser utilizados no *corpus* do projeto.

## EPÍGRAFE

De olhar com luz incontida de estrela de eterno facho  
De poesia aguerrida falada com voz de macho  
Deixou paisagens perdidas nalgum potreiro de guacho

Ao Jaime Caetano Braun a reverência elevada  
De quem tropeia um sinal onde ele abriu as estradas  
E busca o seu manancial para beber nas aguadas

Alma de índio altaneiro, sino de bronze e pajé  
Velho chimango guerreiro, mescla de sonho e de fé  
Pedra do chão missioneiro, lume do olhar de Sepé!

Joca Tavares

## RESUMO

Este trabalho compõe-se de três capítulos, nos quais procuraremos discutir a relação da obra do poeta regionalista gaúcho, Jaime Caetano Braun, com a problemática da má distribuição da terra no Rio Grande do Sul. No primeiro capítulo, buscaremos apontar o lugar que o poeta, também chamado de *El Payador*, ocupa dentro do regionalismo gaúcho, relacionando as obras do autor com o que era produzido pelos autores do grupo de 20 e do grupo do Partenon Literário; no segundo, colocaremos em destaque os elementos estéticos baseados na idealização da figura do habitante do Rio Grande do Sul, que veio a originar o “Mito do Herói Gaúcho”, conforme aparece nas obras de Jaime. Essa análise dar-se-á de acordo com o que nos diz Antonio Candido a respeito das ideologias que possibilitaram o surgimento do Indianismo no Brasil e de como esse elemento estético aparece nas poesias de Jaime, discutiremos, ainda, nesse capítulo, como se deu o desenvolvimento no sul do país de uma obra poética com algumas das características percebidas dos textos literários celebrados na fase chamada por Candido de consciência amena do atraso; no terceiro capítulo, trabalharemos dando ênfase à comparação entre o que é discutido nas poesias de Jaime sobre o destino dos peões e trabalhadores rurais que se veem obrigados a deixarem a terra em que trabalharam a vida inteira, relacionando a representação do personagem gaúcho com a situação política vivenciada no Brasil, em que o homem do campo passa a viver na cidade devido à total falta de uma política efetiva e justa de reforma agrária. Portanto, neste trabalho, procurar-se-á desmistificar a possibilidade de uma suposta relação harmônica entre os personagens antagônicos que se digladiaram, alguns em uma luta ferrenha pela sobrevivência e outros movidos pela ambição desmedida, na formação da configuração agrária do Rio Grande do Sul.

**PALAVRAS CHAVE:** Jaime Caetano Braun; Consciência Amena; Antonio Candido; Indianismo; Pampa; Rio Grande do Sul.

## ABSTRACT

This paper consists of three chapters, in which we will try to discuss the relationship of regionalist gaucho poet, Jaime Caetano Braun's work, with the problem of unequal land distribution in Rio Grande do Sul. In the first chapter, we will try to discuss the place the poet, also called *El Payador* occupies within the gaucho regionalism, relating the author's works with that one produced by groups of 20 and the Literary Parthenon; in the second, the emphasis is on the aesthetic elements based on the idealization of the Rio Grande do Sul inhabitants figure, who came to give the "Myth of the Gaucho Hero", as it appears in the works of Jaime. This analysis will take place, according to Antonio Candido who tells us about the ideologies that enabled the emergence of Indianism in Brazil and how this aesthetic element appears in the poetry of Jaime, this chapter will also discuss how the development in the south of a poetic work with some of the perceived characteristics of the celebrated literary texts in the phase named by Candido delay mild awareness; the third chapter, will emphasize the comparison between what is discussed in the poetry of Jaime on the fate of peasants and farm workers who are forced to leave the land they worked on for their whole life, relating the representation of the Gaucho character with the situation Brazil experienced in politics, in which the farmer moves to the city because of the total lack of a serious policy which deals with land reform. Therefore, this work will seek to demystify the possibility of any alleged harmonious relationship between the antagonistic characters who battled, some in a fierce struggle for survival and others driven by excessive ambition, feature of a society already deeply contaminated by the capitalism germ.

**KEYWORDS:** Jaime Caetano Braun; Mild Consciousness; Antonio Candido; Indianism; Pampa; Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>CAPITULO I. Jaime Caetano Braun e a Literatura Gaúcha</b>	<b>16</b>
1.1 Conservadorismo em Jaime Caetano Braun	18
1.2 Passado e modernização	28
1.3 O lugar de <i>El Payador</i> no tradicionalismo gaúcho	33
<b>CAPITULO II. O poeta gaúcho no sistema literário: regionalismo e indianismo</b>	<b>35</b>
2.1. Consciência amena do atraso	35
2.2 O mito do Herói Gaúcho	47
2.3 O Indianismo	51
2.4 A figuração do negro	60
<b>CAPITULO III. A figuração da terra na poesia de Jaime Caetano Braun</b>	<b>66</b>
3.1 Conformação agrária no Brasil: da Lei de Terras aos movimentos sociais do Campo	67
3.2 A terra e a sociedade gaúcha na poesia de Jaime Caetano Braun	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>104</b>
<b>SÍTIOS CONSULTADOS</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

“Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que todos os outros”.

Laraia, 2009.

Este trabalho compõe-se de três capítulos, no primeiro, **Jaime Caetano Braun e a Literatura Gaúcha**, trataremos do espaço ocupado por esse poeta dentro do Regionalismo Gaúcho; no segundo, **O poeta gaúcho no sistema literário: regionalismo e indianismo**, discutiremos a ideologia que originou o “Mito do Herói Gaúcho”, considerando o que nos diz Antonio Candido a respeito do Indianismo e da consciência amena do atraso; e, no terceiro, **A figuração da terra na poesia de Jaime Caetano Braun**, abordaremos a forma como aparecem, nas poesias de Jaime, os personagens que representam os peões e trabalhadores rurais que deixam a vida no campo e rumam para a cidade, tomando por escopo a ineficácia das leis que tratam da reforma agrária em relação ao que o poeta e radialista gaúcho discute em poemas nos quais diz que: “das léguas de liberdade / não resta um palmo de terra!”.

Com o intuito de perceber as implicações da relação das ideologias subjacentes na poética de Jaime Caetano Braun com os anseios do homem do campo captados pela visão do poeta, neste trabalho também será realizada uma análise da relação existente entre o trabalho do autor e a necessidade de narrar a cultura ligada diretamente às atividades econômicas do homem gaúcho, considerando os elementos internos e externos da obra do poeta e radialista Jaime Caetano Braun, também conhecido como *El Payador*, oportunidade em que se procurará demonstrar que a problemática da má distribuição da terra no Brasil existe desde os momentos iniciais de nossa colonização e que, graças à falta de uma política séria e arrojada por parte dos governantes, tende a perpetuar-se em nossa sociedade e, ainda, que tal assertiva está tão viva na consciência e na cultura do homem gaúcho que acaba por refletir-se como praxis histórico-social na poesia do Payador.

O problema que motiva esta pesquisa visa tratar da representação deste embate, que surge com a intermediação do autor, possivelmente sem intencionalidade, entre dominante e dominado, fazendeiro e peão, burguesia e proletariado, camponês e latifundiário conforme esses elementos podem ser identificados nas obras poéticas de Braun.

A problemática de uma má distribuição da terra assola o país desde os primórdios da nossa formação como nação e vem prejudicando as condições de sobrevivência dos habitantes das regiões em

que a economia baseia-se na produção agropecuária. De qualquer forma, na poesia de Jaime, é possível perceber a voz do povo sendo captada pela sensibilidade do artista e transformada em lirismo. Isso, após sofrer um processo de transfiguração e reconstrução da realidade que passa a coexistir de acordo com a ótica do poeta, baseado na experiência de mundo do autor.

Essa representação da realidade vivida, que de acordo com Candido (2000, p. 49): “corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada.”, deforma a concretude e a transfigura para uma nova composição, criando condições para que possa ser apreciada e aceita pelo leitor como obra artística, mesmo estando contaminada pela crença do direito de posse, difundida pelos latifundiários e que está ideologicamente presente na estética da obra de Braun.

O nosso objetivo principal é a realização de uma análise da obra do poeta gaúcho, Jaime Caetano Braun, em que se procurará identificar as relações de continuidade e ruptura existentes na poética celebrada pelo autor. Para isso, partiremos da ideia de Antonio Candido a respeito da existência de um sistema literário, compreendido como um dos pontos determinantes da formação da nação brasileira. De acordo com essa diretiva, a nossa abordagem constituir-se-á na busca da percepção de como se deu a relação dialética entre um modelo estético historicista e outro modernista, que reconhecidamente é baseado na imposição de um sistema capitalista no Brasil, celebrado na adequação do homem do campo à imposição do cosmopolitismo burguês. Essa questão abrangerá a assimilação da fórmula de modernização constituída na adoção do modelo capitalista, ocasionando uma transfiguração literária, cujos efeitos compreendem uma redução estrutural, na qual o elemento externo acaba por tornar-se interno na sociedade sul-rio-grandense.

A representação estética do elemento indígena corrobora para a formação do sistema social sul-rio-grandense, pois, ao serem removidos das localidades em que habitavam, o que na região Sul deu-se, principalmente, com a expulsão dos Padres e dos índios da Região das Missões Jesuíticas, os índios passaram a vagar pelo pampa e a imiscuírem-se aos espanhóis e portugueses, gerando uma mestiçagem e transmitindo aos seus descendentes o amor a terra e aos costumes do campo.

Uma análise da obra de Jaime Caetano Braun justifica-se pela necessidade da percepção de que a cultura do povo gaúcho não pode continuar alijada da busca constante por uma melhor compreensão da necessidade de elaboração de programas que almejem, a curto e longo prazos, o desenvolvimento de um sistema profícuo de redistribuição da terra no Brasil e da necessidade de que se processe uma revisão dos preconceitos sobre os movimentos campesinos, visando a desmistificação da sistemática equivocada em que se deu a distribuição da terra no Rio Grande do Sul. Esse bem que foi tomado dos indígenas para

ser redistribuído entre os integrantes das classes mais favorecidas, na forma das chamadas *sesmarias*<sup>1</sup>, sem qualquer critério, exceto o de servir como forma de premiação por atos que, *a priori*, deveriam ser considerados como crimes contra os direitos humanos.

Este embate antagônico entre dominante e dominado reverbera, ainda hoje, pelos imensos vazios do pampa sulino e aparece, nitidamente, no formato conflitante da obra de Jaime Caetano Braun; sua poesia resulta, muitas vezes, na deformação estética da representação dos personagens históricos nas lutas pela conquista da terra, tais como: o negro, que aparece como um sujeito dócil e dependente do favor do branco para ser alforriado e, somente assim, alcançar a almejada liberdade; o peão, que na maioria das vezes era também soldado, o qual surge como um sujeito sempre à disposição do patrão para lutar e para morrer se preciso for, mas isso sempre de forma heróica e pelos interesses e pela propriedade do patrão; aparece, também, o indígena, retratado como uma figura ainda baseada no modelo europeu e que, mesmo após a experiência da representação idealizada pelos românticos e da consolidação do processo de formação da nação brasileira por Machado de Assis, ainda se mantém como a figura nativista com características semelhantes às que nos foram inculcadas pelo modelo colonizador. Percebe-se essa contradição do poeta na representação idealizada do estancieiro, proprietário da terra, que deveria aparecer como o derradeiro opositor aos peões, aos indígenas e aos escravos, mas, no entanto, esses personagens aparecem como se todos defendessem interesses comuns.

Conforme se pode perceber da essência do pensamento do poeta, a relação de Jaime Caetano Braun com o Rio Grande do Sul é tão forte a ponto do Payador declarar: “Que até morto há de querer” a terra em que nasceu e viveu, denotando a verdadeira paixão pela terra natal, característica marcante em toda a obra desse autor gaúcho, que nasceu em Timbaúva, em 30 de janeiro de 1924 e faleceu em Porto Alegre, em 8 de julho de 1999, tendo lançado oito livros de poesias, nos quais procura louvar o mito do “gaúcho herói” e fazer uma descrição sobre a vida e a cultura do habitante do Sul do país. Braun foi um dos maiores poetas gaúchos, bastante prestigiado na Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Quando do nascimento do poeta a cidade de Bossoroca<sup>2</sup> era conhecida como Timbaúva, na época distrito de São Luiz Gonzaga, na Região das Missões no Rio Grande do Sul. O Payador compôs diversas *payadas*<sup>3</sup>, poemas e canções, sempre enaltecendo o Rio Grande do Sul, a vida no campo, os modos gaúchos e a natureza local. Foi membro e

1. Sesmarias - foi um instituto jurídico português que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção: o Estado, recém-formado e sem capacidade para organizar a produção de alimentos, decide legar a particulares essa função. Este sistema surgiu em Portugal durante o século XIV, com a Lei das sesmarias de 1375, criada para combater a crise agrícola e econômica que atingia o país e a Europa, e que a peste negra agravava. Quando a conquista do território brasileiro se efetivou a partir de 1530, o Estado português decidiu utilizar o sistema sesmarial no além-mar.

2. Bossoroca - fenda cavada pelas enxurradas, origem: Tupi-Guarani.

cofundador da Academia Nativista Estância da Poesia Crioula<sup>4</sup>. Trabalhou publicando poemas em jornais como “O Interior” e “A notícia”, de São Luiz Gonzaga. Passou a dirigir em 1948 o programa radiofônico “Galpão de Estância”, em São Luiz Gonzaga e, em 1973, passou a participar do programa semanal “Brasil Grande do Sul”, na Rádio Guaíba. Na capital, o primeiro a publicar seus poemas foi o jornal “A Hora”, que dedicava toda semana uma página em cores aos poemas de Jaime.

Como funcionário público, Jaime trabalhou no Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Servidores do Estado e, ainda, foi diretor da Biblioteca Pública do Estado de 1959 a 1963, aposentando-se em 1969. Em 1945 começa a atuar na política, participando de comícios como payador. Fala de Getúlio Vargas no poema “O Petiço de São Borja”, publicado em revistas e jornais do país. Participa das campanhas de Ruy Ramos, com o poema “O Mouro do Alegrete”. Participou das campanhas de Leonel Brizola, João Goulart e Egidio Michaelsen e, em 1962, concorreria a uma vaga na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul pelo PTB, ficando como suplente.

Em Jaime, a apresentação da ideologia do gaúcho herói é feita nos mesmos moldes dos autores analisados no excelente trabalho de Ligia Chiappini Morais Leite (1978), tese essa em que a autora percebe as obras analisadas como de baixa qualidade do ponto de vista estético, constatando que reiteradamente é repetida a fórmula, já bastante desgastada, da narrativa de atos heróicos realizados por personagens fictícios que, na verdade, de acordo com Ligia Chiappini, com exceção dos contos de João Simões Lopes Neto, não diferem em nada uns dos outros e apenas tentam reafirmar uma suposta superioridade do que a autora chama de “raça gaúcha” (LEITE, 1978, p. 51), conforme o seguinte texto:

Os adjetivos são tão recorrentes que é possível extrair, dos textos, um quadro de qualificações comuns aos elementos naturais simbólicos. O adjetivo “verde” é uma das constantes, conotando vida e fertilidade do solo e da “raça” gaúcha, no “heroico renascer febril de nossa gente”: “marco verde”; “chão verde do pago”; “descampados verdejantes”.

Tanto da vida quanto da obra de Jaime, *a priori*, parece emanar a essência do homem gaúcho; o Payador parece querer denunciar a situação de miséria em que vive o homem do campo, expulso da terra pela chegada das novas tecnologias, que na sociedade moderna

---

3. Payada – é uma arte que pertence à cultura hispânica, que adquiriu um grande desenvolvimento no Cone Sul da América, em que uma pessoa, o menestrel, improvisa uma fala em rima, cantada e acompanhada por um violão.

4. Academia Nativista Estância da Poesia Crioula - grupo de poetas tradicionalistas que se reuniam no final dos anos 50, em Porto Alegre.

provocaram a falência da mão de obra humana, passando a promover uma supervalorização do mecanicismo. Essa problemática é agravada pela má distribuição da terra, que é, acima de tudo, uma herança maldita, a qual nos foi deixada pelo modelo de colonização predatório, imposto pelo europeu, que se manifesta no modelo tradicional passado pela cultura de expropriação dos mais fracos.

A obra de Jaime, alicerçada no amor à terra e à cultura gaúcha, retrata também a personalidade do autor, tematizando não apenas a história conflitante do nascedouro da cultura do homem sulista, mas o conflito próprio do autor, que se dá, talvez, entre o Payador, representante dos anseios do povo, e Jaime Guilherme Caetano Braun, o filho de fazendeiros. O poeta explora a representação de personagens que são expropriados de seus direitos à terra, mas, ao mesmo tempo, compõe uma obra saturada dos valores e da lógica do latifúndio, ratificando, com isso, a defesa incontestável dos interesses da classe a qual pertence.

Embora, em um nível mais profundo, seja impossível negar a tendência da obra de Jaime em defender os interesses da classe a qual pertence, a obra desse autor também parece querer abraçar as causas sociais e dar vazão à voz do homem do povo. Esse embate antagônico, travado na subjetividade do poeta, justifica-se na representação de uma obra ideologicamente marcada pelos conflitos vivenciados pela sociedade gaúcha, assim como também o era, como já dissemos, experimentada na subjetividade do homem, Jaime Caetano Braun - filho de fazendeiros, e do cidadão, Jaime Caetano Braun, membro do Partido Trabalhista e, provavelmente, defensor dos ideais de igualdade e fraternidade para todos.

Essa dicotomia, que aparece na poesia de Jaime, é a mesma que se percebe fluindo da sociedade gaúcha e explica-se pelo modelo capitalista adotado em nossa nação, pois o poeta compõe a sua obra quando estávamos vivendo um período de nossa história, em que, segundo Candido (2006, p. 139):

Mário Vieira de Mello, um dos poucos que abordaram o problema das relações entre subdesenvolvimento e cultura, estabelece para o caso brasileiro uma distinção que também é válida para toda a América Latina. Diz ele que houve alteração marcada de perspectivas, pois até mais ou menos o decênio de 1930 predominava entre nós a noção de "país novo", que ainda não pudera realizar-se, mas que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro. Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é a noção de "país subdesenvolvido". Conforme a primeira perspectiva salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra.

É perceptível que o povo brasileiro, nessa época, vivencia uma concepção social nos mesmos moldes do que é discutido por Mészáros (2007, p. 191): pois aqui também, “(...) se constitui em paralelo à formação das novas estruturas de desigualdade do capital, sobre os injustos fundamentos herdados do passado”. Tais fundamentos, ao mesmo tempo em que aparecem, claramente, na obra do poeta Jaime Caetano Braun, baseados em um sistema de acomodação, em que os espoliados aceitam o jugo das classes dominantes, também pode surgir como uma tentativa de libertação.

A obra de Braun pode ser analisada do ponto de vista de que as poesias desse autor, ao falarem da terra e dos costumes do povo gaúcho, tocavam até mesmo os elementos mais brutos, utilizando-se para isso de uma narrativa dos momentos vivenciados por heróis consagrados da historicidade do povo sulista, em que se destaca, normalmente, a bravura e o apego aos valores morais que, de acordo com as lendas criadas em torno da conquista do território rio-grandense-do-sul, eram defendidos por aqueles personagens.

Pode-se perceber no imaginário do habitante da região Sul do país a contribuição das poesias de Jaime, que toca na sensibilidade e no sentimentalismo dos leitores e do público ouvinte; a respeito do valor artístico da obra de Jaime, Fischer nos diz o seguinte (2006, p. 76):

(...) caso fôssemos contrastar a poesia de Jaime como os melhores momentos da poesia culta escrita da língua portuguesa, repetindo, o resultado indicaria para ela uma posição secundária. No entanto, é de ver que o modo específico de concepção e circulação de sua poesia é bem outro, e nesse contexto ela ganha força. Mesmo sem evocar uma antiga linhagem que poderia lhe dar relevo – a linhagem dos trovadores mais ou menos espontâneos, a linhagem dos desafios, a linhagem mais específica ainda da payada -, e mesmo sem considerar as muitas proximidades entre ela e aquela modalidade de poesia que está no berço da canção popular, brasileira ou não, a produção poética de Jaime Caetano Braun tem estatura apreciável para qualquer leitor.

A dinâmica da poesia de Jaime, que provoca um verdadeiro encantamento no espírito do habitante do pampa sulino, deve-se a estrutura basilar do projeto da obra poética do autor, a qual foi construída sobre uma narrativa em que se louva o processo de ocupação da terra no Rio Grande do Sul, laureando os personagens que participaram desse processo, assim como procura destacar a cor local. Nesse sentido, apesar de a poesia de Jaime situar-se cronologicamente no período modernista, a sua gênese está no modelo regionalista romântico, porque é marcada pela defesa dos valores de amor à pátria e exaltação da natureza, portanto, apresenta marcas dos períodos iniciais da Formação da Literatura Brasileira, o que se

comprova haja vista que a exaltação da terra e dos valores morais do homem é marca indelével regionalismo pitoresco, conforme o que diz Candido (2006, p. 189):

Talvez não sejam menos grosseiras, do lado oposto, certas formas primárias de nativismo e regionalismo literário, que reduzem os problemas humanos a elemento pitoresco, fazendo da paixão e do sofrimento do homem rural, ou das populações *de cor*, um equivalente dos mamões e dos abacaxis. Esta atitude pode não apenas equivaler à primeira, mas combinar-se a ela, pois redundando em *fornecer* a um leitor urbano europeu, ou europeizado artificialmente, a realidade quase turística que lhe agradaria ver na América. Sem o perceber, o nativismo mais sincero arrisca tornar-se manifestação ideológica do mesmo colonialismo cultural que o seu praticante rejeitaria no plano da razão clara, e que manifesta uma situação de subdesenvolvimento e conseqüente dependência.

Conforme já foi dito, analisando a obra poética de Braun é possível encontrar traços das fases iniciais da literatura brasileira, assim, *El Payador*, em pleno século XX, ainda apresenta em seus versos muitos elementos de valorização da cor local.

## CAPITULO I

### Jaime Caetano Braun e a Literatura Gaúcha.

“O Jayme se constitui no panorama da literatura gaúcha como um dos mais expressivos da temática nativa. Ele englobava os grandes problemas universais e não se restringia a assuntos galponeiros. O Jayme, embora se dissesse um nativista, era um grande versejador. É um dom divino colocar o tema da terra nos questionamentos universais.”

Paixão Côrtes, folclorista

A poesia gaúcha, conforme aparece nas obras escritas por Jaime Caetano Braun, tem seus principais referentes no Grupo do Partenon Literário, associação que teve como principais membros Apolinário José Gomes Porto-Alegre, Afonso Luís Marques, Alberto Coelho da Cunha, Antônio Vale Calder Fião, Argemiro Galvão, Augusto Rodrigues Tota, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Bernardo Taveira Júnior, Bibiano Francisco de Almeida, Carlos Von Koseritz, dentre inúmeros outros. Autores esses que tentaram criar um modelo padrão de representação do gaúcho em que esse personagem aparece, segundo Regina Zilberman (1980, p. 14), em duas grandes vertentes temáticas, sendo ambas decisivas para os estágios posteriores da cultura do Rio Grande do Sul.

As temáticas descritas por essa autora desenvolviam-se nos seguintes aspectos: de um lado apresentava-se a linhagem romântica, explorando assuntos relativos à infância, à morte e ao amor desenganado; enquanto que de outro lado apresentava-se a apropriação dos motivos regionais, conforme se faz nas obras de Jaime, em que o autor explora a narrativa épica do modelo humano rio-grandense oriundo dos pampas, ora como memória de um passado glorioso, exaltando as lutas, principalmente, dos índios missioneiros pela posse da terra; e ora com a narrativa das diversas revoluções, principalmente a Farroupilha.

Esse modelo literário, já em seus primórdios, veiculava elementos da vida popular e, ao mesmo tempo, da classe dominante. É nesse sentido que Zilberman diz o seguinte: (1980, p. 11):

Ao contrário das outras regiões brasileiras, a Província sulina cultivou a familiaridade com o cancionero folclórico, que se propagou enquanto se mantiveram vivos a cultura rural de onde proveio e os laços com a produção trovadoresca do Prata. O início da literatura sul-rio-grandense ligou-se a estes fatores, justificando-se a opção pelo verso. Por sua vez, a temática relacionou-se desde o começo à valorização do mundo gauchesco,

aproveitando elementos de procedência popular e da ideologia da classe latifundiária.

Desse texto, percebe-se que os poetas que fundaram a primeira escola literária do Rio Grande do Sul estavam ligados aos interesses ideológicos da classe latifundiária, baseando-se, inicialmente, na exploração da Revolta de 1835, por ser um campo fértil, haja vista que os ideais separatistas dessa revolução atendiam aos anseios sociais das elites da época, com suas ideologias de liberdade e fraternidade, típicas do ideário da Revolução Francesa, cujos interesses garantiam à burguesia o desenvolvimento do capitalismo e a dominação política sobre os demais segmentos sociais.

A literatura gaúcha, dessa forma, já surge como um mecanismo de acomodação levado a efeito pelos intelectuais, em que se procurou criar um tipo social que atendesse aos interesses da classe dominante. Sobre essa vertente ideológica identificada entre os elementos que ajudaram a formar a literatura rio-grandense em seus momentos iniciais, configuração essa que mais tarde deverá influenciar as futuras gerações de poetas gaúchos, entre eles Jaime Caetano Braun, Zilberman (1980, p. 12) diz o seguinte:

A revolta de 1835 tinha um objetivo separatista, porque a classe dos proprietários rurais aliada à utilização industrial do charque contrapunha seus interesses (relativos ao estabelecimento de preços compatíveis com o mercado interno do país) à política de exportação da burguesia carioca, que controlava a administração durante o período dos Regentes. Como o movimento expressava, em todos os âmbitos, a ótica local, encontrou um eco no setor intelectual, que deu andamento à exploração do veio gauchesco. Encetou-se, desta maneira, uma temática regional, que acabou por dar estatuto literário ao tipo local e suas formas de comunicação, de maneira que, da confluência entre a contribuição do cancionero popular e o uso que fez dele a classe superior, ainda no período delimitado pela Guerra dos Farrapos, produziu-se o nascimento das instituições literárias no Sul.

Podemos perceber dessa assertiva que os intelectuais do Sul do Brasil, segundo Regina Zilberman, utilizaram a figura do gaúcho, aproveitando, também, o cancionero popular, para fundar a manifestação literária que seria amplamente difundida pelo Rio Grande do Sul, cuja visão de mundo atendia tanto aos interesses da classe dominante, constituída, basicamente, pelos pecuaristas e latifundiários, e, apesar de não refletir a verdadeira essência do homem do campo, também atendia muito bem às expectativas das classes menos abastadas, isso por utilizar o tipo local em suas composições, conquistando o público ao mostrar a imagem de um homem do campo aguerrido, bravo, valente, conforme o homem do campo no sul do país passou a ser representado na literatura gaúcha.

## 1.1 Conservadorismo em Jaime Caetano Braun

É dessa forma que podemos perceber que a veia estética das poesias de Jaime Caetano Braun busca seus referentes no nascedouro da poesia gaúcha, período em que as ideologias da classe dominante foram sendo impostas de acordo com o modelo difundido pela necessidade de criar uma nova imagem do gaúcho, conforme o que diz Regina Zilberman (1985, p. 22):

É o que acontece por muito tempo no Rio Grande do Sul, talvez porque numa sociedade tão desprovida de outros aparelhos ideológicos (tais como uma escola firmemente estabelecida ou meios de comunicação de massa efetivamente modeladores da opinião pública) restasse apenas a palavra convertida em escrita artística para dar vazão aos sentimentos que os grupos sociais mais cultos e poderosos formulavam visando conservar seus privilégios de classe.

Conforme podemos perceber, a estética da obra de Jaime segue as mesmas ideologias dos poetas regionalistas gaúchos do grupo da década de 20, assim denominado por Lígia Chiappini Morais Leite, cujas obras foram alvo de análise em sua tese de doutorado, sendo que os principais textos estudados são de autoria de Clemenciano Barnasque, Roque Callage, Vieira Pires, João Maya, Darcy Azambuja, Alcides Maya, e João Simões Lopes Neto; pois o *Payador*, a exemplo desses autores, na maioria dos poemas que escreve procura descrever as lides do homem do campo, ao mesmo tempo em que se destacam os preceitos morais com que o autor busca revestir seus heróis, dotados de qualidades, tais como: valentia, lealdade, destemor, honestidade.

Por outro lado, de acordo com Fischer (2006, p. 75), apesar de aproximar-se dos autores mais consagrados, a poesia de Braun não alcança o critério das mais altas realizações da poesia brasileira por dois motivos, a saber: em primeiro lugar, porque “Braun se contenta com formas mais singelas e mais conservadoras, quando a regra da alta poesia moderna é a sofisticação e a insatisfação formal”; conforme podemos perceber, as poesias de Braun são produzidas em uma linguagem que busca a norma culta como referente, ao mesmo tempo em que se aproxima bastante do dialeto utilizado no Rio Grande do Sul. Em segundo lugar, ainda segundo Fischer (2006, p. 75):

(...) porque os temas mais exigentes da segunda metade do século 20, nervo da poesia dos maiores, estão praticamente ausentes de sua criação, que parece sempre mais ligada à lamentação pela passagem do tempo e ao edulcoramento de um passado visto como superior, mais íntegro e para sempre perdido.

A poesia de Jaime, segundo os critérios de Fischer, é conservadora porque pratica regularmente os metros curtos, de cinco ou sete sílabas, em quadras, sextilhas, oitavas e décimas. Sua sintaxe é sempre linear, isto é, não se encontram muitas inversões de ordem na frase. Nas poesias de Jaime, pode-se entender essa tendência à simplicidade se considerarmos o fato de que suas obras eram feitas, em sua grande maioria, de improviso, característica da *Payada*<sup>5</sup>, cujo patrono no Rio Grande do Sul é o próprio poeta Jaime Caetano Braun, modalidade essa que não é muito conhecida fora da região de abrangência da cultura gaúcha, formada principalmente no Uruguai, parte da Argentina e no Rio Grande do Sul.

Podem-se perceber essas características presentes nas obras do Payador de acordo com as seguintes poesias: “Cemitério de Campanha” e “Tacuapi”:

#### **Cemitério de Campanha**

Cemitério de campanha,  
Rebanho negro de cruzes,  
Onde à noite estranhas luzes  
Fogoneiam tristemente;  
Até o próprio gado sente  
No teu mistério profundo  
Que és um pedaço de mundo  
Noutro mundo diferente.

Pouso certo dos humanos  
Fim de calvário terreno,  
Onde o grande e o pequeno  
Se irmanam num mundo só.  
E onde os suspiros de dó  
De nada significam  
Porque em ti os viventes ficam  
Diluídos no mesmo pó.

Até o ar que tu respiras  
Morno, tristonho e pesado,  
Tem um cheiro de passado  
Que foi e não volta mais.  
A tua voz, são os ais

---

<sup>5</sup> *Pajada* ou *Payada* é uma forma de poesia improvisada vigente na Argentina, no Uruguai, no Sul do Brasil e no Chile (onde se chama *Paya*). É uma forma de repente em estrofes de 10 versos, de redondilha maior e rima ABBAACCDDC, com o acompanhamento de violão. A *pajada* remonta aos romances e quadras medievais e renascentistas, trazidos pelos povoadores europeus e adaptados às temáticas campeiras. A *pajada* está presente no Sul da América desde quando as fronteiras eram imprecisas, o que impossibilita dar uma nacionalidade ao gênero artístico. No Sul do Brasil, as *pajadas* são cantadas em versos em Décima Espinela, no estilo recitado com acompanhamento musical de um músico de apoio, normalmente em milonga.

Do vento choramingando  
Eternamente rezando  
Gauchescos funerais.

Coroas, tocos de vela  
De pavios enegrecidos  
Que tem Terços mal concorridos  
Foram-se queimando a meio  
Cruzes de aspecto feio  
De alguém que viveu penando  
E depois de andar rolando  
Retorna ao chão de onde veio.

Mas que importa a diferença  
Entre urna cruz falquejada  
E a tumba marmorizada  
De quem viveu na opulência?  
Que importa a cruz da indigência  
A quem já não vive mais,  
Se somos todos iguais  
Depois que finda a existência?

### **Tacuapi**

Tacuapi - gomo de cana,  
falquejado de taquara,  
por minha artéria dispara,  
o sangue verde que irmana!

O "pai tupã" guarani,  
nos primitivos rituais,  
me batizou "tacuapi"  
para o licor dos ervais!  
**Nos lábios de uma guria,**  
ou na boca de um "ventena"  
meu trono é a cuia morena,  
quando a mão me acaricia!

Agora - de prata e ouro,  
ou de alpaca - simplesmente,  
sigo sendo a confidente,  
do "mal de amor" e namoro!

Hoje - na beira do povo,  
na miséria do casebre,  
inda guardo a mesma febre,  
mas nada volta de novo...

Então sou clarim de guerra,

fazendo roncar o mate,  
e fico a pensar na terra  
que eu entreguei sem combate!

O mate se desencilha,  
- já não tem água a cambona  
só me resta na boquilha,  
o beijo da minha peona!<sup>6</sup>

Nas poesias acima, conforme o que nos diz Fischer, podemos observar que as orações aparecem na ordem direta: sujeito, verbo e complemento, em praticamente todos os versos; as estrofes são compostas em oitavas, na primeira poesia: “Cemitério de Campanha”, e em quadras na segunda: “Tacuapi”; mantém-se uma métrica com versos curtos de 7 sílabas, a linguagem utilizada é clara e aproxima-se bastante do linguajar do habitante do pampa, região compreendida entre as fronteiras, conforme já dissemos, do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul.

É nessa tríplice fronteira que surge e se consolida a cultura do povo gaúcho, gerando poetas que, segundo Fischer (2006, p. 73), “escrevem não mais como quem precisa inventar uma forma adequada para tratar de certo tema, mas como quem precisa atender a parâmetros já estabelecidos.”. Diante dos padrões estabelecidos, os poetas são chamados a escolher entre o novo e o antigo.

De um lado, há os novos autores que rompem com os padrões, a exemplo do que aconteceu com o romantismo, enquanto de outro lado aparecem autores que escrevem de acordo com o modelo tradicional, conforme o que se pode perceber nos parnasianos. Alguns dos principais poetas gaúchos, destacando-se entre eles Braun, Rillo e Barbosa Lessa, optam pela continuidade do modelo tradicional e o fazem mergulhando, de acordo com Fischer (2006, p. 73),

(...) numa quadra histórica já dominada pela cidade e pela indústria e num momento cultural que combina de modo relativamente inédito no quadro da experiência brasileira, e talvez americana e mesmo ocidental, uma prática literária e uma prática social, um tema (o gaúcho) e uma instituição (o CTG, ou pelo menos o Tradicionalismo, agora com maiúscula).

---

6. Fonte: Centro de Tradições Gaúcha – Uberaba – Minas Gerais – Cultura Nativa. Disponível em <<http://culturatanativa.no.comunidades.net/index.php?pagina=1384900031>>. Acessado em: 09 de maio de 2014.

O tema que, segundo Fischer, é explorado por Braun é o que celebra uma figura mítica surgida no Rio Grande do Sul, ainda sob o domínio europeu, personagem esse que se passou a chamar de herói gaúcho. Essa nova configuração do homem do campo no Rio Grande do Sul nos leva a compreender o quão era importante para a classe dominante que surgisse um modelo de moral e bons costumes, criando assim uma norma de vida validada pelos interesses dos dominantes e seguida pelos habitantes do extremo sul brasileiro. Segundo Regina Zilberman (1985, p. 22), esse modelo se baseou no:

(...) aproveitamento ficcional do tipo humano do campo – o peão, o campeiro e, depois, generalizadamente, o gaúcho – remonta às iniciativas pioneiras de constituição de um sistema literário no Rio Grande do Sul, o que, descontando-se algumas manifestações esporádicas de autores aí nascidos, nem todos morando na província quando da edição de suas obras, não aconteceu antes de 1850.

Pode-se considerar que o regionalismo gaúcho tem sua continuidade percebida nas marcas estéticas identificadas na poesia de Jaime, em que se louva o homem do campo e os atributos do gaúcho, que teve suas raízes no Grupo do Partenon Literário, cujos integrantes, segundo Regina Zilberman (1985, p. 23):

(...) foram românticos. Tardios, como era tardia a literatura aqui publicada. Mas eles já se orientavam para o Regionalismo, como faziam seus pares que moravam no Rio de Janeiro, a começar pelo principal mestre, José de Alencar.

Ainda, segundo Regina Zilberman (1985, p. 23), não é fácil saber se foi mesmo José de Alencar quem levou os autores do Partenon Literário a perceberem o “Herói Gaúcho” como personagem digno de figurar na literatura do Rio Grande do Sul, ou se foi o conhecimento do gaúcho que fez os fundadores da literatura produzida no Sul do país a lerem José de Alencar e passarem a adotá-lo como um mestre, embora a influência de Alencar apareça de forma contraditória em autores como Apolinário, que admirava o romancista, mas que escreveu uma novela, *O vaqueano* (1872), para corrigir as imperfeições (substituindo-as, às vezes, por outras) de *O gaúcho*. Na atitude dos autores gaúchos podia-se perceber a contradição entre uma certa desconfiança e uma fé em relação às características do modelo estético que estava sendo explorado. Isso de acordo com Zilberman (1985, p. 23) deu-se porque:

(...) os adeptos do Partenon Literário parecem desconhecer o campeiro tanto quanto o escritor cearense. E, quando apresentam o herói do campo, fazem-no sobretudo segundo a perspectiva do homem da cidade, que se dirige a um igual, portanto, a um leitor talvez desacostumado às lides rurais.

Com isso entende-se que as obras dos autores gaúchos eram baseadas em um modelo estético em que os escritores desconheciam a cor local que descreviam e em que os leitores também apenas tinham acesso à figura do gaúcho baseados em um modelo ficcional bastante diverso do que realmente significava a figura do peão ou campeiro durante o processo de conquista e consolidação do que viria a ser o Rio Grande do Sul. Portanto, pode-se dizer que a literatura gaúcha foi construída tendo por base um modelo estético cuja característica principal era a de que nem mesmo os próprios autores conheciam o ambiente em que se desenrolavam as narrativas e em que os leitores, também sujeitos que desconheciam as lides do campo, acabavam sendo levados a acreditar nas ideologias de um herói cheio de nobres conceitos de moral, conforme vinham sendo perpetuadas pela classe dominante.

A respeito dessa idealização, Regina Zilberman (1985, p. 28) apresenta duas circunstâncias simultâneas que concorreriam para solapar os pressupostos da literatura gaúcha sobre o posicionamento dos autores em relação aos personagens. Na primeira, o narrador “é exterior aos acontecimentos e figuras, um assistente culto que transfigura o que vê”. Assim a narrativa caracteriza-se como um registro urbano e erudito diferente da fala dos personagens. Na segunda, o narrador conta uma história como se tivesse participado dela e, por isso, a fala dos personagens está presente no discurso adotado na narrativa. Nesse contexto da literatura regionalista gaúcha, apenas João Simões Lopes Neto alcançou algum mérito, isso porque os narradores nos contos de Simões Lopes incorporam as perspectivas de seus protagonistas e assumem o jeito do personagem de falar, identificando o narrador com o personagem e em consequência com o público leitor.

Quanto à circunstância em que ocorre um posicionamento exterior do narrador em relação ao ambiente e a fala do personagem, Regina Zilberman (1985, p. 28) cita o conto “Pampa”, de João Maia, como um exemplo de tentativa de aproximação do autor com o ambiente da narrativa, pois na obra em questão procura-se “assegurar que os ‘episódios regionalistas’, se são apresentados por um homem da cidade, procedem de alguém acostumado às tarefas do campo”. É nesse sentido que Balbino Marques da Rocha refere-se a Jaime Caetano Braun, quando diz que (*Apud*. BRAUN 1981, p. 7):

Seus livros nada mais são do que instantâneos de algumas notas que o autor conservou. O mais perdeu-se e se perderá nas noites de galpão, nas reuniões sociais e nos encontros de payadores onde Jayme, de improviso, emocionado e de olhar penetrante, solta ao sabor de uma milonga o rosário de ouro das suas mais profundas composições. Ele é um repentista soberbo encarnando, nos momentos de exaltação, o panorama inteiro do Rio Grande do Sul.

Considerando essa assertiva, percebe-se que, segundo Balbino (*Apud* BRAUN, 1981, p. 7.), nas obras de Jaime aparece um narrador que “encarna” o próprio personagem e parece bastante familiarizado com o contexto das narrativas que compõem a sua obra poética.

Ainda de acordo com o poeta Balbino Marques da Rocha, nas poesias de Jaime a “pasmosa transfiguração do espírito revive nele” o Rio Grande do Sul, na figura do indígena inculto; no homem de chiripá e botas de garrão<sup>7</sup> de touro, “na inimitável expressão dos dias da conquista, onde se viviam momentos de couro cru e a lei era a faca, nas distâncias infinitas do pampa (...)”; no peão de estância, com o seu linguajar grosseiro e pitoresco “a reviver pealos porteira afora e a decompor expressões desconhecidas da gramática, porque se geraram nos atropelos de campereadas, que não se repetem, sovando rédeas e pelegos”. Ainda segundo Balbino (*Apud* BRAUN, 1981, p. 7), Jaime Caetano Braun:

Na misteriosa transubstanciação das rimas, abstrai o seu tipo físico e veste a expressão de domadores e vaqueanos, ao trote de garanhões poderosos, destilando ao compasso de patas a rima bárbara de horizontes chucros. Os que o ouvem entranham-se de um Rio Grande com cheiro de pasto, percebendo a bulha de tiradores e o tinido ancestral das esporas de ferro, riscando ilhargas de baguais.

É nesse contexto que a poesia de Jaime Caetano Braun reflete a própria história da formação cultural do habitante do Rio Grande do Sul, sendo construída sobre uma ideologia baseada no saudosismo dos supostos tempos áureos do surgimento da Província de São Pedro; a aproximação do autor com o objeto narrado ocorre quando o poeta introduz os elementos estéticos que denotam a neutralização do distanciamento entre o mundo do narrador e o dos personagens.

Segundo Regina Zilberman (1985, p. 29), “Junto com a linguagem, introduz-se a visão que o homem do campo tem de sua realidade circundante, carregada de elementos lógicos e mágicos, racionais e sagrados, segundo uma experiência mítica daqueles que vivem

---

7. Garrão. Regionalismo: Rio Grande do Sul. 1 jarrete de equídeos. 2 Derivação: por extensão de sentido. jarrete de qualquer animal. 3 Derivação: por analogia. jarrete do ser humano.

muito próximos da Natureza”. Essa aproximação, que somente é possível quando o autor conhece o ambiente em que se constrói a narrativa, fica evidente em Jaime Caetano Braun (2002, p. 49), quando se pode apreciar poesias como “Último Bochincho”, no trecho em que o poeta diz o seguinte:

### **Último Bochincho**

A de oito baixos roncava  
e o candeeiro estremecia  
Nem o tinhoso sabia  
do beelélú que se armava!

A cordeona resmungava  
e parou de sopetão  
Quando levei um carão  
da china que eu negaceava!

Levantou cinza com poeira  
quando cortei a cordeona  
Bem pelo meio a chorona,  
ao correr da carneadeira

Parou de repente a zoeira  
e ficou só o ar fumacento  
E o meu arrependimento  
pra durar a vida inteira

Cortar uma gaita em duas  
só por capricho! Um pecado!  
O velho órgão sagrado  
das nossas missas charruas

Quantas pragas de chiruas  
com desaforos malucos  
E relampear de trabucos,  
tinir de adagas e puas!

Nessas estrofes aparece a narrativa de um “Bochincho” em um baile gaúcho; em primeiro plano percebe-se a forma como é descrita a confusão ocorrida devido a desfeita que uma “china” faz ao protagonista, o narrador em primeira pessoa, ao dar um “carão”, ou seja, recusar um convite para dançar.

Neste contexto, o autor passa a descrever os elementos necessários para que aconteça um baile no Rio Grande do Sul, na época em que se dá a narrativa, e, ainda, a importância de que são revestidos alguns personagens necessários para que seja possível a realização de uma festa dessa envergadura. Pode-se perceber que o narrador dá grande

importância à figura do gaiteiro, que, de acordo com a cultura da sociedade gaúcha da época, é intocável.

Na poesia do Payador, o respeito ao gaiteiro surge como uma norma característica da própria sociedade gaúcha, em uma época na qual os bailes eram um grande evento social, reunindo em um mesmo espaço tanto patrões quanto empregados. Trata-se de uma veia romântica e de cunho saudosista, em que aparece a ideologia de uma sociedade na qual há espaço para os latifundiários e os peões coexistirem de forma ordeira e irmanados de tal forma que, apesar da barbárie descrita no “Bochincho”, ainda sobra espaço para que se cumpram certas normas de conduta social.

São essas normas que o autor procura evidenciar ao descrever um suposto respeito ao tocador, no trecho em que o narrador evidencia que apenas se arrepende de ter cortado a gaita e não das mortes que acontecem durante o incidente. A tradição literária seguida por Jaime caracterizasse pela forma da narrativa em que se procura escamotear as relações entre dominante e dominado, mostrando uma sociedade idealizada na qual é possível que patrões e empregados convivam de forma harmônica e que essa relação seja mantida pelo respeito a certas normas de conduta comuns a todos os componentes da sociedade.

A história do habitante do Rio Grande do Sul também pode ser percebida nas manifestações literárias que foram surgindo ao longo da formação da cultura gaúcha, são vários os mecanismos estéticos explorados para que se possa representar o mundo no Sul do país. Regina Zilberman (1985, p. 35), ao analisar os valores do universo gaúcho presentes em Sílvio Duncan, defende que “(...) o poeta não mais convive com o universo de que fala; mas recorre a seus temas para expressar a violência que compreende como o sentido da existência e marca da ação humana”. É dessa forma que se pode observar a barbárie presente nas poesias de Jaime Caetano Braun, conforme é possível perceber neste outro trecho do já citado poema “Último Bochincho” (2002, p. 49):

### **Último Bochincho**

Pra descrever o brinquedo,  
isso não é bem assim  
No bárbaro retintim  
onde não vale segredo  
Ali o índio que tem medo  
nem que não queira se entangüe  
Sentindo cheiro de sangue  
e o choro do chinaredo

O que não viu - ficou vendo,  
o resultado do talho,  
Como quem corta um baralho  
num jogo que está perdendo,  
Foi como um chiado fervendo  
num olheiro de formiga.  
Quem não tem nada com a briga  
peleia se defendendo

Senti na testa um chispaço  
que pegou de refilão  
Um estouro de facão  
quase me troncheia um braço  
Mas alarguei meu espaço  
de costas contra a parede  
Um pardo veio com sede  
"lodesguampeí de um planaço"

Num medonho solavando  
perdeu pé a bugra Raimunda  
Larguei um pardo cacunda  
e outro meio lonanco.  
O gaitreiro atrás de um banco  
benzido a moda gaúcha  
Contra bala de garrucha  
e folha de ferro branco

Depois de tudo acabado  
isso foi lá pelas tantas  
Lombos cortados, gargantas  
e bugre descaderado  
Sangue fresco misturado  
com gordura de candeeiro  
Mas saiu limpo o gaitreiro,  
o tocador é sagrado  
(...)

Nessa poesia, o autor faz a narrativa de um “bochinco” colocando-se como personagem, conforme aparece também nos contos de Simões Lopes Neto, aproximando, dessa forma, o poeta do personagem e, em relação ao *ethos* do gaúcho, acaba mostrando um ambiente mais autêntico e confiável ao público. No poema, explora-se uma linguagem bem de acordo com a forma de falar do habitante rural do Rio Grande do Sul.

O poeta também pinta, conforme já foi discutido, um quadro em que aparece de forma cristalizada um baile típico da região da campanha, destacando um momento em que a mulher, ou “china”, ao negar uma dança ao gaúcho, acaba por provocar uma confusão de grandes proporções, em que a barbárie presente na formação da cultura gaúcha aparece com toda a sua força, destacando nos poemas de Jaime Caetano Braun o que Regina Zilberman

(1985, p. 41) aponta como celebração da barbárie em relação à formação do território e da imagem do gaúcho como personagem aguerrido e dado a disputas violentas, no texto abaixo, em que apresenta as características marcantes do herói gaúcho:

Para a configuração de uma certa imagem do gaúcho como expoente representativo do Rio Grande do Sul contribuíram vários elementos, alguns de procedência popular, como a indumentária descrita e os hábitos e modo de falar apresentados, outros de natureza erudita, como a usual associação com a figura do centauro. Decisiva igualmente foi a canalização de fatores de ordem histórica, sendo integrada a personalidade do gaúcho a índole guerreira e livre supostamente constituída ao tempo da – e por causa do tipo de – formação da sociedade pastoril.

A grande belicosidade do gaúcho é uma das características mais marcantes dos personagens de Jaime, nesse fator estético bastante explorado na poética do *Payador*, podemos observar a narrativa de uma formação histórica na qual a violência estava profundamente arraigada na consciência da sociedade. A essa belicosidade está ligada uma literatura em que os homens estão constantemente em atrito uns com os outros, procurando comprovar uma suposta ascendência que se acredita que seja baseada em personagens históricos, os quais supostamente combateram ao longo do tempo, defendendo as fronteiras da pátria e os interesses da classe dominante.

## **1.2 Passado e modernização**

Este elemento estético presente na obra do *Payador* destaca a dialética existente entre o novo e o antigo, conforme aparece sendo explorado nas poesias de Jaime Caetano Braun, pois ao mesmo tempo em que se explora a figura de um herói representado na figura de um guerreiro aguerrido, semelhante ao que também aparece nas obras de Érico Veríssimo, principalmente no livro *Um Certo Capitão Rodrigo*, da trilogia *O Tempo e o Vento*, também se discute sobre a situação atual do gaúcho expulso da terra e sujeito à vida na cidade.

Tanto em Veríssimo quanto em Jaime, assim como em outros autores gaúchos, a Guerra dos Farrapos é o pano de fundo para apresentar o gaúcho como um verdadeiro herói do passado, a exemplo da representação dos heróis românticos, haja vista que, de acordo com Zilberman (1985, p. 42):

A formação da Literatura sul-rio-grandense dá-se em meio ao romantismo tardio importado pelos escritores do Partenon Literário. Talvez sua

contribuição mais fecunda tenha sido a implantação do Regionalismo, tendo escolhido o tipo humano popular associado às atividades pastoris como base de expressão artística. Não há, nos primeiros escritos em prosa e poesia, muita uniformidade de representação e de terminologia: vaqueano, campeiro, camponês, sertanejo, tropeiro são denominações que aparecem nos diferentes textos, às vezes num mesmo autor. Mas impõe-se um fator convergente: a tendência à celebração da Revolução Farroupilha como o episódio mais importante do passado regional, durante o qual se manifestaram valores insignes que elevaram a civilização sulina: o regime republicano, a igualdade racial e a liberdade foram ideais perseguidos pelos líderes revolucionários e alcançados pela ação desprendida do herói popular, o vaqueano, enquanto durou a luta separatista.

Conforme se pode observar, a exploração do tema “Guerra dos Farrapos” foi um elemento importante na formação da poética rio-grandense. Isso fica evidente na apreciação da poesia “Legenda Pampa”, de Jaime Caetano Braun, com a celebração da Revolução Farroupilha como um elemento histórico que dá uma certa autenticidade ao caráter revolucionário, aguerrido e nobre do herói gaúcho. Jaime Caetano Braun recria em uma nova dimensão o homem sulista e sua relação com o meio em que vive, pois na figuração determinada pelo artista aparece a terra sendo tratada metaforicamente como se possuísse atributos humanos, o que denota o sentimento íntimo que liga o rio-grandense à pátria. Pode-se observar que com a utilização da metáfora o autor narra a trajetória histórica do gaúcho, conforme aparece na primeira parte da poesia “Legenda Pampa” (BRAUN. 1982, p. 81):

### **Primeira Parte**

#### **O HOMEM**

Mescla de fraternidade  
com apego de Querência,  
anseios de Independência  
com sonhos de liberdade.  
O guasca — que a tenra idade  
já mostrava o que seria,  
plasmando nova Etnia,  
na hora contemporânea,  
foi geração espontânea  
da velha capitania!

Nasceu, assim como o trevo,  
nas várzeas e nas canhadas  
que com vistas dilatadas  
contemplava com enlevo;  
o nobre perfil longo  
do Patriarca Latino,  
a impavidez do Beduíno,

na majestade da estampa,  
roubada de algum Deus Pampa  
para o **Pantheon** Cisplatino

Do espanhol — o porte altivo  
e a fidalga compostura,  
a mansidão e a ternura.  
Do Negro — eterno cativo;  
Do índio — o amor nativo  
ao sagrado chão pampeano  
e o denodo sobre-humano  
na defesa da Querência,  
mas a fibra e a persistência  
herdou-as do Lusitano!

Seus atávicos anseios  
de longínquas ressonâncias,  
se expandiram nas distâncias  
e acamparam nos rodeios  
e a canção dos pastoreies,  
estranha, doce e gaudéria,  
pulsando qual uma artéria,  
mesclou, com vozes pampeanas,  
superstições africanas  
e Lendas da Velha Ibéria!

Madrugadas de Sepé,  
Salamanca e Lunares,  
crendices peninsulares  
e sinos chamando a Fé;  
a chacina em Caiboaté  
dos heróis de Languíru,  
cujo sangue, em campo nu,  
foi, como que, uma oferenda  
pra que o portão da Legenda  
se abrisse para o Chiru!

Neste momento histórico, podemos verificar que já está completamente formado o perfil do habitante do Rio Grande do Sul e que esse se identifica mais como gaúcho, indivíduo formado pelos descendentes dos portugueses, espanhóis, negros e índios que, após séculos de conflitos, vieram instalar-se no sul do país e acabaram formando um novo elemento. Esse personagem explorado por Jaime e pelos poetas de 20, também, de certa forma, aparece nos períodos árcade e romântico, conforme o que nos diz Candido (2006, p. 208) sobre a literatura:

Do mesmo modo, ela inventou, criou um tipo de história, por meio da avaliação especial da mestiçagem e do contato de culturas. O elemento paradoxal do ponto de vista lógico, mas normal do ponto de vista

sociológico, foi a tentativa de compatibilizar com os padrões europeus a realidade de uma sociedade pioneira, sincrética sob o aspecto cultural, mestiça sob o aspecto racial. De fato, a “tendência genealógica” consiste em escolher no passado local os elementos adequados a uma visão que de certo modo é nativista, mas procura se aproximar o mais possível dos ideais e normas europeias.

Os elementos básicos da formação de uma literatura no Rio Grande do Sul foram copiados dos românticos pelos autores do Partenon Literário, considerados românticos tardios, permitindo a formação do regionalismo gaúcho, que, de acordo com Regina Zilberman (1980, p. 14), do ponto de vista das criações literárias apresenta duas grandes vertentes temáticas:

(...) sendo que ambas foram decisivas para os estágios posteriores de nossa cultura: de um lado, apresenta-se a linhagem romântica, explorando os assuntos relativos à infância, morte e amor desenganado; e, de outro, avulta a apropriação dos motivos regionais, que se faz tanto enquanto utilização épica do modelo humano rio-grandense oriundo dos pampas, seja enquanto memória do passado glorioso da Província, exaltando-se o índio como matriz do campeiro e a Revolução Farroupilha, marco da História local.

As obras de Jaime Caetano situam-se na segunda vertente, explorando, normalmente, temáticas que envolvem a representação de um personagem que se baseia no modelo adotado nos momentos iniciais da literatura gaúcha e que foi sendo aproveitado ao longo do tempo, tendo sido resgatado com maior ênfase pelos poetas da década de 20.

Portanto, considerando a temática adotada, Jaime pode ser classificado como um poeta regionalista gaúcho se analisarmos o ponto de vista de Regina Zilberman (1980, p. 32) quando enfatiza que são os seguintes os aspectos do Regionalismo:

(...) o primeiro diz respeito à presença da “cor local”, já que o gênero se define antes pela insistência naquilo que especifica um certo espaço geográfico diante de uma pretensa generalidade nacional. Decorrem daí as demais peculiaridades: o tipo humano escolhido, a linguagem empregada e os costumes apresentados destacam-se igualmente por se diferenciarem em contraposição a um certo modelo convencionado como mais global. O segundo elemento notável é de natureza ideológica: assinala a supremacia do meio sobre o indivíduo, na medida em que este é concebido como um produto do espaço onde se situa.

Sob esse ponto de vista é que se pode definir com clareza o espaço que Jaime Caetano Braun ocupa no quadro dos poetas do Rio Grande do Sul, com obras que valorizam personagens em que se destacam: o homem do campo; as diversas revoluções que assolaram o Rio Grande do Sul durante a conquista do território e a delimitação das fronteiras; o trabalho do homem rural em oposição ao da cidade; e a cor local. Ainda, segundo Regina Zilberman

(1980, p. 34), “O regionalismo, de modo geral, pode ser caracterizado por dois fatores, conforme evidenciava a formulação de Lúcia Miguel Pereira: O tipo humano escolhido e o meio espacial” (*Apud.* ZILBERMAN. 1980, p. 35). Somando-se a isso o emprego de um determinado tempo-histórico.

A relação do *Payador* com a literatura regionalista gaúcha o coloca como um poeta tradicionalista, que dá continuidade ao modelo estético surgido já com o Grupo do Partenon Literário e em que o gaúcho é apresentado como:

(...) um indivíduo inserido numa ordem social, que defende, ao incorporar suas ideias e lutar por elas até a morte. Mas, ao mesmo tempo, entrega-se a uma ordem natural, na medida em que tem afinidades com o espaço – o pampa, a Campanha – e que são os animais, sobretudo o cavalo, seus maiores companheiros.

É nessa concepção que o personagem “gaúcho”, tão decantado na obra poética de Jaime Caetano Braun, é apresentado e que passa a transformar o que outrora fora uma denominação de caráter pejorativo em um signo linguístico carregado de toda uma história de lutas e superações, que marcaram a formação da cultura do habitante do Rio Grande do Sul.

Essa mudança de um termo de conotação negativa para um que atualmente é motivo de orgulho para os habitantes do Rio Grande do Sul, conforme nos diz Barbosa Lessa (1985, p. 49), passou a aparecer na literatura celebrada no Sul do país a partir do regionalismo literário dos anos 20, grupo que deu prosseguimento ao processo de idealização da figura do gaúcho na literatura do Rio Grande do Sul.

### 1.3 O lugar de *El Payador* no tradicionalismo gaúcho

Além da literatura, a cultura tradicionalista gaúcha também foi uma criação de um grupo de filhos de fazendeiros, mais especificamente de um grupo de jovens universitários formado por estudantes que inventaram as tradições e fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas – CTG, ou seja, sociedades civis que buscam divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha, de acordo com o que foi registrado por folcloristas reconhecidos pelo movimento.

É nos CTGs que artistas, tais como Jaime Caetano Braun, encontram espaço para divulgar suas obras, principalmente porque o movimento cultural gaúcho procurou, também, na literatura os elementos que viriam a formar as bases para implantação dos ideais da gauchesca, pois, a criação, ou invenção, de uma cultura ocorre normalmente em uma sociedade que procura destacar-se e, de certa forma, diferenciar-se das demais. Conforme podemos perceber do que nos diz Barbosa Lessa (1985, p. 49):

Este mesmo fenômeno tem ocorrido em outros países e outras épocas quando se trata de reforçar a imagem nacional e diferenciá-la de outras nações que, por vizinhança ou prestígio, ameaçam absorvê-la culturalmente. O famoso traje xadrez dos escoceses – o kilt -, que todos nós acreditamos ter vindo do fundo do tempo como uma expressão espontânea, foi deliberadamente inventado por um inglês após a união da Escócia à Inglaterra em 1707. E toda aquela pompa do cerimonial britânico no castelo de Buckinham, que também julgamos tradição imemorial, foi deliberadamente bolada nos séculos XIX e XX (conquanto alicerçada em sugestões históricas) para o fim específico de reforçar, visualmente, o prestígio de Sua Majestade e sua Corte.

De forma semelhante à que aparece a criação de uma tradição nos exemplos citados por Barbosa Lessa, a literatura rio-grandense, conforme se apresenta na obra de Jaime Caetano Braun, assim como na de outros autores tradicionalistas, constitui-se de um conjunto de elementos criados esteticamente para representar a figura mítica do gaúcho e, assim, propagar a imagem de um suposto cavalheirismo do habitante do extremo sul brasileiro para o restante do país. Jaime Caetano Braun dá continuidade ao que já havia sido feito pelo grupo Literário do Partenon e pelos autores do Regionalismo Literário de 20.

Grupos esses que inventaram e deram prosseguimento a uma literatura com forte influência dos autores românticos e, assim, acabaram criando uma tradição que, nos moldes do que nos diz Augusto Meyer (*Apud*. BARBOSA LESSA, 1985, p. 55), aparece com o seguinte sentido:

Tradição é o desejo de clareza.

Chega um momento na vida em que o homem, ante as flutuações do seu espírito, quer chegar a um ponto de apoio, marcando uma estrada real no meio dos mil sendeiros que abrem aos seus olhos cobiçosos o fascínio da aventura.

A tradição é justamente essa força que nunca admite as imposições individuais. Ela obriga à humildade, como tudo o que está acima e além do homem.

Quando muito, a Tradição quer ser adivinhada em suas formas e penetrada com a inteligência. E a inteligência nesse caso, é o amor pela terra. O qual, nem procura justificar-se. Mas procura ser, afirmando.

É nesse tipo de tradição literária que o poeta Jaime Caetano Braun procura se situar, pois seus poemas são prenhes de um profundo amor à terra gaúcha e ao *ethos* do habitante do pampa no Rio Grande do Sul. Tradição essa que procura enaltecer o Sul do país e criar um ambiente em que o gaúcho é visto como um verdadeiro herói, que labutou a terra para fazê-la dar frutos e viveu e morreu defendendo as fronteiras do extremo sul brasileiro das invasões dos habitantes dos países vizinhos. Jaime Caetano Braun, para o bem ou para o mal, deu continuidade ao projeto de valorização do homem gaúcho e deu continuidade ao projeto de enaltecer o mito do herói gaúcho.

## CAPÍTULO II

### O poeta gaúcho no sistema literário: regionalismo e indianismo

Venho do fundo da história  
Que foi escrita por mim,  
No repicar do clarim  
Da luta emancipatória,  
Repisando a trajetória  
Dos velhos Tebas guerreiros,  
De romances galponeiros,  
Com lendas e amarguras,  
De dia bebo lonjuras,  
De noite apago luzeiros.

Jaime Caetano Braun

É com base no surgimento de um povo nômade, após a derrocada das missões jesuíticas, que surge um dos personagens mais marcantes da obra de Jaime Caetano Braun, a figura mitológica do guerreiro indígena e, mais tarde, do seu descendente, o “gaúcho herói”, recorrente na obra do poeta, radialista e funcionário público, Jaime Guilherme Caetano Braun.

Em “Legenda Pampa”, de que trataremos adiante, o poeta procura traçar um perfil do habitante do pampa sulino. Inicialmente, mostrando as etnias que foram responsáveis pela formação física e psicológica e, depois, passando pela historicidade da formação da figura do gaúcho. Podemos perceber que em suas obras o poeta procura enaltecer o mito do gaúcho herói, o mesmo que ocorria em diversos contos do repertório gaúcho, conforme conclui Ligia Chiappini Morais Leite sobre os autores analisados em sua tese de doutorado. Grupo esse de um período anterior a Jaime, porém, em que também se fazia necessário que o mito do gaúcho fosse difundido pelo Rio Grande, pois o povo gaúcho estava vivenciando um momento de apogeu, com o fortalecimento de seus representantes políticos, em um ambiente em ebulição, no qual fervilhavam os movimentos revolucionários.

#### 2.1 Consciência amena do atraso

Essa época é marcada por perspectivas em que, segundo Antonio Candido (2006, p.169), predomina a noção de país novo - “que ainda não pudera realizar-se mas que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro”. Após esse período, o que passa a predominar é a noção de país subdesenvolvido (2006, p. 169). Conforme a primeira

perspectiva, salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual; a atrofia; o que falta, não o que sobra.

Pode-se perceber que a poética de Jaime Caetano Braun enquadra-se na primeira perspectiva, embora surja em um período diferente, pois procura salientar as riquezas físicas e morais do habitante da Região Sul do país e, também, procura valorizar a cor local. Isso fica evidente ao analisarmos o que Candido (2006, p. 169), considerando como justas e que ajudam a compreender alguns aspectos fundamentais da criação literária na América Latina, diz sobre as palavras de Mario Veira Melo em relação à distinção entre a primeira e a segunda perspectivas. Sobre a noção de país novo Candido diz o seguinte:

Com efeito, a idéia de país novo produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de um certo respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidades. A idéia de que a América constituía um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas que atuaram na fisionomia da conquista e da colonização; e Pedro Henriquez Ureña lembra que o primeiro documento relativo ao nosso continente, a carta de Colombo, inaugura o tom de deslumbramento e exaltação que se comunicaria à posteridade.

Ainda, segundo Candido (2006, p. 170), essa noção de país novo surge da ideia inicial de Antonio Vieira de que o país estaria fadado a realizar os mais altos fins da História que, após a separação política das metrópoles, levada a efeito pelas camadas dominantes, foi complementada pela ideia de que a América tinha sido predestinada a ser a pátria da liberdade, e, assim, consumir os destinos do homem do Ocidente. Estado de euforia que foi herdado e difundido pelos intelectuais latino-americanos, que o transformaram em instrumento de afirmação nacional e em justificativa ideológica, dessa forma, ainda segundo Candido (2006, p. 170):

A literatura se fez linguagem de celebração e terno pego, favorecida pelo Romantismo, com apoio na hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma. O nosso céu era mais azul, as nossas flores mais viçosas, a nossa paisagem mais inspiradora que a de outros lugares, como se lê num poema que sob este aspecto vale como paradigma, a CANÇÃO DO EXÍLIO, de Gonçalves Dias, que poderia ter sido assinado por qualquer um dos seus contemporâneos latino-americanos entre o México e a Terra do Fogo.

É baseado na super-valorização da cor local que Candido afirma que: “a ideia de pátria se vincula estreitamente à de natureza e em parte extraía dela a sua justificativa”. Assim, pátria e natureza conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a

debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social.

Na poesia de Jaime Caetano Braun, podem-se observar as características de país novo, a que Candido também se refere como fase de consciência amena do atraso, em oposição à noção de país subdesenvolvido, a que Candido refere-se como fase de consciência catastrófica do atraso, sendo difundida conforme o seguinte trecho de *Los tres gauchos* (BRAUN, 2002, p. 97):

El gaicho nació del suelo,  
Pa que la patria naciera,  
Tuvo – Pa elegir bandera,  
Siete colores del cielo;  
“el diós tata” – padre abuelo,  
La tierra – madre y abuela,  
La pampa – maestra escuela,  
Monte – rio – mar laguna,  
Y patacones de luna,  
Como dodajas de espuela!  
(...)  
Tres gauchos! Los continentes,  
Miran tu estampa paisana!  
Raza gaucha soberana,  
Porvenir – ayer – presentes  
los “chiberos” de Corrientes,  
los “quileros” de Aceguá,  
hermanos de sembra y paz,  
America és tu bandera!  
Ayer – hicinos frontera,  
Hoy – no la queremos más... (...)

Jaime Caetano Braun, nesse trecho da poesia, exalta a figura do gaúcho das três fronteiras e o apego desse personagem à terra. Assim, reinventando uma ideologia em que o habitante do Sul do país e seus vizinhos uruguaios e argentinos, por serem também considerados gaúchos, apresentam características que os distinguiam dos demais. Pois, mais uma vez, era necessário que se apelasse para o mito para tentar convencer o povo gaúcho de que o Rio Grande do Sul, haja vista a historicidade de um povo aguerrido e sempre pronto a defender as fronteiras da pátria, merecia liderar o Brasil em uma campanha em favor da moral e dos bons costumes.

A fórmula é novamente utilizada em prol da manutenção das ideologias da camada dominante, que garantiriam a dominação dos espoliados. Visando enaltecer os atributos do gaúcho, o melhor caminho parece, realmente, o de realizar uma releitura da historicidade do

povo, começando pela narrativa saudosista de tempos em que se destacava a coragem e o desprendimento do habitante do Sul do país, conforme se faz na poesia “Momento Sério”:

### **Momento Sério**

Levantam-se na paisagem  
desta minh'alma campeira,  
as crinas da cabeleira  
daquela indiada selvagem  
que misturava coragem  
com rasgos de fidalguia,  
entremeando ventania,  
com terra e com sacrifício,  
- peleadores por ofício,  
porque a vergonha exigia.  
Olho no espaço e vejo,  
na brasa que o céu destapa,  
a minha terra farrapa  
fruto do nosso falquejo,  
- o berço altivo do andejo  
que encarava o sol de frente;  
a gente da minha gente,  
a cepa - o tronco a raiz,  
posta perante o País,  
na condição de indigente!  
Velhos sinais de perigo,  
ou - melhor dito - de luto,  
até parece que escuto  
trovoadas de um tempo antigo,  
quando o taura - ao desabrigo,  
com sangue à meia costela,  
calçava o pé na cancela,  
neste garrão de querência,  
pra manter a permanência  
da Pátria Verde Amarela!  
Chego até a escutar os gritos  
de soldados e paisanos,  
de índios e castelhanos,  
surgidos dos infinitos,  
cumprindo os sagrados ritos  
de guardar - linha e barranca,  
legendas que não se arranca,  
dos que queriam viver,  
mas preferiam morrer  
a erguer a bandeira branca!  
Talvez que alguns te reneguem,  
chão dos meus antepassados,  
mas que importam renegados,  
eles e aqueles que os seguem?  
que se avacalhem - se entreguem,  
haverá sempre um turuna,

haverá um garrão de tuna,  
com fibra e com coração,  
para dizer que este chão  
não é uma terra reiuna!  
Aqueles que não entendem,  
nossa base de estrutura,  
ou não leram a escritura  
de onde os gaúchos descendem,  
os que compram e que vendem  
sem respeitar a legenda,  
os do encobre e do remenda,  
do esbulho e do desmande,  
não sabem que este Rio Grande  
não é uma sucata à venda!

Nessa poesia de Jaime Caetano Braun, o poeta reafirma o mito do gaúcho heróico, descortinando a miscigenação das raças que formaram a gesta do habitante do Sul do país, mistura dos sangues do índio, do europeu e do negro. O índio, habitante milenar da região e, se se considerar os direitos de herança, verdadeiro proprietário das terras brasílicas, aqui chegado milênios antes do europeu e tendo vivido, até então, como um verdadeiro monarca, com sua cultura, língua e elã intocáveis e indomáveis.

Os espanhóis (castelhanos) e portugueses, europeus altivos, soberbos em suas montarias, que aos olhos dos indígenas desafortunados pareciam formar uma só figura. Os estrangeiros chegados em suas potentes embarcações e protegidos dos deuses derramavam a morte da extensão de seus braços, pensamento esse que se abateu sobre os nativos como se fosse mesmo a justiça divina.

E, finalmente, o negro africano, trazido das lonjuras para a solidão do pampa imenso, carregando as marcas dos seus grilhões e no dorso a do chicote atroz. Humilhado, desterrado e desiludido, veio servir aos interesses dos grandes senhores e da metrópole.

Com uma comparação bem simples entre o que o autor procura disseminar entre os seus apreciadores e o que se conhece sobre a conquista da América pré-colombiana, pode-se perceber o conflito existente entre a perspectiva do encontro das “etnias”, que Jaime Caetano Braun diz terem formado a “raça gaúcha”, e a chegada dos europeus, mais especificamente os espanhóis e portugueses, à América, principalmente sob o ponto de vista dos povos derrotados.

Em suas obras Jaime fala da historicidade desses povos, chegados à América do Sul em épocas e sob condições bastante diversas, mas que, fatalmente, acabaram, ao longo do tempo, lutando por vezes entre si e em outras oportunidades lado a lado para defender os mesmos ideais de amor à terra e à pátria. Sem, no entanto, nunca possuírem nem uma nem

outra, mas, na realidade, tendo servido aos interesses dos latifundiários. Esses, no início, representavam a própria metrópole, na figura de seus donatários, e a monarquia e, depois, a república, que sempre os reconheceu como súditos, na verdadeira concepção da palavra. Porém, conforme nos dizem Bosch e Vieira (1986. p. 21), ao contrário do que os autores gaúchos procuram reafirmar:

O valente não brotou espontaneamente da terra. O protótipo foi construído pela classe dominante – proprietários e governantes – a quem convinha manter vivo o interesse de muitos por uma terra que era de poucos. O que ganhava, por exemplo, um peão para arriscar quase constantemente a vida? Como convencê-lo da necessidade de lutar? Ou, quando sumariamente recrutado, como mantê-lo com moral elevado no combate?

As minorias que podem ser percebidas, muitas vezes revelando-se subjacentes aos personagens decantados por Braun, serviram ao longo do tempo aos interesses dos grandes proprietários, que foram favorecidos com a doação de imensas áreas de terra, na forma de sesmarias, em troca do favor de suas armas e da lealdade e da vida dos miseráveis, índios, negros e brancos, que eram considerados como seus “peões”, os quais, de acordo com os interesses dos seus senhores, eram também “soldados”, mas, na maior parte do tempo, quando despojados de suas espadas, adagas, punhais, pistolas e espingardas, ainda eram seus verdadeiros “servos”.

Sob essa mesma perspectiva é que se pode perceber que os poemas de Jaime também seguem um plano em que se destacam valores que nem sempre podem ser encontrados no gaúcho. Assim como nos contos analisados por Ligia Chiappini, os heróis de Jaime também labutam na terra e são representados como parte integrante da própria cor local, contribuindo sempre para o fortalecimento do que o autor chama de “estirpe<sup>8</sup> gaúcha”, signo esse destacado por Jaime Caetano Braun e que também faz alusão a uma nova “raça” surgida no extremo sul brasileiro, conforme podemos ver no seguinte trecho de “Payada do Laçador” (BRAUN, 1992, p. 39): “Em cada tento uma braça / dependurada no flanco, / índio – pardo – negro e branco / que definiram a raça (...), / Quando o laço arreboleia / no rodeio ou na mangueira / é a própria estirpe campeira / no serviço ou na peleia, (...)”.

---

8. Estirpe ou cepa (em inglês: *strain*) é um termo da biologia e da genética para se referir a um grupo de descendentes com um ancestral comum que compartilham semelhanças morfológicas ou fisiológicas. 1 Quando uma espécie sofre mutações significativas ou conforme novas gerações se adaptam a novas condições ambientais, os descendentes pode ter formado uma nova estirpe. Por exemplo, o H1N1 é uma estirpe do vírus da gripe que ficou famosa por causar sintomas mais fortes.

A obra do poeta gaúcho faz com que se revele, mesmo que sem a intenção do artista, a problemática causada pela má distribuição da terra no Brasil. Sob essa perspectiva é que podemos comprovar que a origem desse problema está já na sistemática da colonização da América Latina e na tradição dos conceitos de propriedade e direitos sobre a terra, e que essa problemática está já na historicidade do sistema capitalista em que vivemos, desde a colonização até os dias atuais, sistema esse defendido pelos grandes proprietários rurais. Os interesses dos latifundiários ainda vêm sendo difundidos por ideologias que disseminam a ideia de um país com enormes extensões de terra, que precisa estar nas mãos dos agroindustriais para que façam a terra produzir mais e melhor, com natureza pujante e recursos inesgotáveis; e com grandes possibilidades de crescimento, conforme aparece nas obras literárias de vários autores gaúchos, estando entre eles o poeta Jaime Caetano Braun.

É possível compreender que o sistema em que se constroem os imensos latifúndios, conquistados a ferro e fogo pelos grandes proprietários rurais, foi baseado na barbárie presente nos fatos históricos desvendados pelos textos literários que acabam por iluminar como foi realizada a invasão, conquista e posterior distribuição da terra, que já era ocupada há milênios pelos indígenas e que, após a consolidação da presença do elemento europeu nas terras ameríndias, passou a ser distribuída ao bel prazer dos governantes, principalmente, como prêmio por “bons serviços” prestados à coroa portuguesa durante a monarquia; ou como paga àqueles que se destacaram nas diversas revoluções, ocorridas ao longo da história.

Essa capacidade do texto literário de iluminar o que está encoberto pode ser facilmente identificada nos poemas em que o *Payador* diz que “A terra de todos pertence a tão poucos” (BRAUN, 1992, p. 19).

Analisando os textos do *Payador*, pode-se perceber até que ponto eles iluminam ou tentam encobrir a forma brutal com que se deu a posse da terra no Rio Grande do Sul; para isso é necessário procurar descortinar, tendo como foco principal a obra do poeta Jaime Caetano Braun, o descontentamento presente na sociedade gaúcha, mesmo que na obra do autor a voz do povo apareça mais como o fruto coletivo do seu inconsciente, ecoando pelos confins da pampa imensa, do que propriamente como uma denúncia intencional da situação calamitosa provocada pela falta de uma política de distribuição da terra que realmente contemple a todos aqueles que necessitam e saibam trabalhar e cuidar de nosso maior patrimônio.

O brado do povo, que às vezes pode ser percebido ecoando nos textos de Jaime Caetano Braun, demonstra o desagrado daqueles que, com fortes vínculos com o solo em que

nascem, labutam e morrem, sofrem com a má distribuição da terra e com a situação de extrema miséria em que vivem hoje os descendentes dos homens que, verdadeiramente, lutaram pela garantia da soberania de nossa nação consolidando, assim, as nossas fronteiras.

A apreciação dos fatores históricos presentes na obra do poeta gaúcho, que promoveram a má distribuição da terra no Brasil, tem como objetivo principal: buscar a compreensão dos fatores espúrios que levaram o colonizador a dizimar várias culturas, talvez tão ou mais ricas do que a dos próprios portugueses e espanhóis, baseando-se na ideia de salvação das almas dos gentios, sendo que, na verdade, essa hecatombe, justificada pelo mercantilismo, já gestava a lógica e o desenvolvimento do capitalismo selvagem em que vivemos hoje, baseado na exploração.

Para que se possa compreender que a terra sempre serviu como moeda de troca, é necessário perceber que a distribuição das sesmarias no Brasil deu-se a partir da colonização e da expulsão e ocupação indevida do espaço que fora ocupado pelos nativos, muito antes do elemento europeu aqui chegar. Em algumas obras poéticas de Jaime, pode-se verificar que ocorre a topicalização do embate entre os portugueses e espanhóis e a figura legendária do indígena e, dessa forma, procura-se demonstrar os papéis representados pelos nossos colonizadores, dois personagens que, *a priori*, definiram-se como protagonistas dessa luta, na qual estão inseridos os poderosos proprietários temporais da terra e os trabalhadores rurais, que buscam seu espaço em uma sociedade dita cristã, mas que prima pela defesa dos direitos dos detentores do poder.

Na poesia de Jaime Caetano Braun, podemos ouvir o grito da terra, exigindo melhores cuidados e uma distribuição profícua e consciente de nosso maior bem, brado esse que vem fazendo eco na sociedade ao longo do tempo e refletiu-se na obra de vários poetas e compositores gaúchos, sendo marcante na obra de Jaime, principalmente em poesias em que ele exorta a luta dos índios missioneiros frente aos espanhóis e portugueses, quando, em função dos tratados celebrados entre os invasores europeus, recebem a determinação de abandonarem suas vilas e migrarem para o outro lado da fronteira. Nesse embate, de acordo com o que aparece na obra do poeta e *Payador*, Jaime Caetano Braun, destaca-se a fibra e a determinação dos indígenas, que preferem perecer a abandonarem a terra. Após o final dos confrontos entre missioneiros e portugueses e espanhóis, restam os resultados catastróficos desses eventos bélicos, a destruição de um dos maiores exemplos de vida em comunidade.

No período a que Candido (2006) chama de consciência amena do atraso, o exotismo se mostrava como uma das características mais fortes das obras aqui produzidas; o Brasil era

visto como um país novo e com possibilidade de crescimento. Esse exotismo foi um traço característico da literatura nativista e regionalista da fase da consciência amena do atraso, em que a noção de "país novo" se fundava na associação entre a pátria e a terra, ambas descritas de forma laudatória, com ênfase na beleza e na peculiaridade de paisagens e costumes, com um olhar atento apenas aos aspectos amenos e pitorescos de nossa realidade.

De acordo com o que é possível identificar nas obras "Ruína Missioneira" (BRAUN, 1958, p. 75) e "Missioneiros" (BRAUN, 2002, p. 69), pode-se perceber que a poética de Braun relaciona-se com essa fase da consciência amena do atraso:

### **Ruína Missioneira**

Lendária ruína crioula  
Do pago que adoro tanto  
Me lembras Borges de Canto  
Com seus rasgos de ousadia  
Quando esta Capitania  
De São Pedro era criança  
E a boleadeira e a lança  
A lei mais forte havia!

Me lembras o estoicismo  
Do bondoso Missionário,  
E o selvagem sanguinário  
Muitas vezes desumano  
Que um dia, num gesto insano  
Manchou com sangue Jesuíta  
A grama verde e bendita  
Que cobre o solo pampeano!

Me falas, quando te vejo,  
Dos três mártires da fé;  
Da intrepidez de Sepé,  
Que a lenda santificou  
E a História imortalizou  
Num legendário estribilho,  
Como o primeiro caudilho  
Que neste pago tombou!

São Miguel... São Luiz... Santo Ângelo...  
São Nicolau... Itaqui...  
São Borja e São João, ali,  
Legendárias reduções:  
Se hoje as novas gerações  
Te exaltam com tanta glória  
É porque o laço e a História  
Foi traçado nas Missões!

Pois ali, ruína sagrada

Ficou para sempre escrito  
O testamento bendito  
De glória que nos pertence,  
Onde a Fé – que tudo vence  
Ajoujando Lança e Terço  
Trançou nos ermos o berço  
Da formação Rio-grandense!

Por isso quando me acerco  
De ti, velha ruína antiga,  
Onde a guanxuma e a urtiga  
Cresceram com desatino,  
Evoco o fervor divino  
Dos soldados de Jesus  
Que vieram plantar a Cruz  
No rude chão campesino!

E me volto em pensamentos  
Aos campos adormecidos,  
Que os primeiros alaridos  
Romperam de forma estranha  
Quando fidalgos de Espanha  
E nobres de Portugal  
Peleavam de igual a igual  
Com centauros da campanha!

Ouçõ zumbido de adagas  
A tinir pelo varzedo.  
Quando o aço de Toledo  
Se embotava em lança crua,  
E quando o sangue charrua  
Mesclado no sangue azul  
Deu ao Rio Grande do Sul  
A fibra que o perpetua!

É por isso, velha ruína  
Que embevecido contemplo,  
Que fiz do meu peito um templo  
De granito e cerne cru  
Para, também, como tu  
Carregar com destemor  
A CRUZ de Nosso Senhor  
E a Lança de TIARAJU!

### **Missioneiros**

Levanto meu chimarrão  
À irmandade galponeira,  
Frente a brasa fogoneira  
Da velha pira votiva  
Sob a quinha primitiva  
Da querência missioneira!

Aqui a legenda nasceu,  
Quando a América nascia,  
Na bárbara eucaristia  
Que o pai do céu concebeu;  
Aqui a terra recebeu  
O dom maior da existência  
Quando a santa providência,  
Que rege o pampa mistério,  
Mandou que o índio gaudério  
Fizesse pátria e querência!

O campo – o céu – a lonjura  
E o rio de lombo vermelho  
Passeando no mesmo espelho  
Que o mundo aberto emoldura,  
E o tempo – a eterna procura  
Do rumo desconhecido,  
Buscando o elo perdido  
Antes da primeira idade,  
Na rude simplicidade  
Do guasca recém-nascido!

Nem luso – nem castelhano,  
Nem bugre – negro – nem branco,  
Mas o centauro no flanco  
Do cenário campechano;  
Sem lei – sem rumo, orelhano  
E – ao mesmo tempo – monarca,  
Olhar de gavião que abarca  
Tudo o que vive e caminha,  
- a lança não tem bainha,  
- o coração não tem marca!

Bendito gaúcho touro  
Que vieste dessa vertente,  
Da brotação da semente,  
Mistura de pasto e couro,  
Na estampa de gavião mouro  
A própria fisionomia  
Da bárbara geografia;  
E – no ritmo da andança,  
Marca longínquas da herança  
Do Algarve e da Andaluzia!

Boeira e Cruz de Lorena,  
pra espantar os esconjuros,  
noite nos olhos escuros,  
bronze na pele morena,  
a flechilha na melena  
e o campo como cenário;  
ele não é caudatário  
de regimes e sistemas  
e segue seus próprios temas  
de adarengo libertário!

E dele o RIO GRANDE veio  
como vieram os PLATINOS,  
malacrias e teatinos,  
forjados no pastoreio,  
os monarcas do arreo,  
escrevendo nas patriadas,  
de pupilas dilatadas  
pelos espaços profundos,  
nessa fronteira de mundos  
que empurram as trompadas!

Hoje as pátrias definidas,  
com idéias e bandeiras,  
seguem as almas campeiras  
praticando as mesmas lidas,  
somente agora reunidas,  
na paz dos livres – que soma,  
pátrias gaúchas – com diplomas  
da mesma universidade,  
paz – justiça e liberdade  
que ninguém rouba nem toma!

É o império missioneiro,  
quatro pátrias e um céu só,  
mesma terra e mesmo pó  
e a mesma luz do cruzeiro,  
paraguayo – brasileiro,  
argentino e oriental,  
a mesma cruz ancestral  
trazida pelo jesuíta,  
na catequese bendita  
da gleba meridional!

E o fogo continentino,  
Aquele que nós rodeamos  
E, peleando conservamos,  
Pra alumiar nosso destino,  
Osco do lombo brasino,  
As quatro pátrias congrega;  
A origem jamais renega,  
Pois brotou na mesma fonte,  
Na vertente de horizonte  
Que o missioneiro carrega!

Irmãos de quatro países,  
no mesmo grupo alinhados,  
da mesma forma explorados  
na mais terrível das crises,  
riscados de cicatrizes  
pelos eternos tiranos,  
os deuses americanos,  
que nos moldaram iguais,  
nos querem – frente os demais,

abraçados como “hermanos”!

Da leitura desses dois poemas de Jaime Caetano Braun, podem-se perceber traços de exotismo e pitoresco semelhantes àqueles identificados por Antonio Candido na literatura nativista e regionalista da fase da consciência amena do atraso, em que a noção de “país novo” se funda na associação entre pátria e a terra. Esses dois aspectos da ficção regionalista são lembrados por Candido (2006, p. 171) na discussão acerca da peculiaridade da consciência do subdesenvolvimento:

Ora, dada esta ligação causal "terra bela - pátria grande", não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro, e o único resto de milenarismo da fase anterior talvez seja a confiança com que se admite que a remoção do imperialismo traria, por si só, a explosão do progresso.

Analisando a tendência das poesias de Jaime Caetano Braun em representar, de forma superficial, as relações humanas e sociais em grupos marcados pelo atraso, pela miséria e pela incultura, pode-se afirmar que nas obras de Jaime estão ainda visíveis os traços da consciência amena do atraso.

## **2.2 O mito do Herói Gaúcho em Jaime Caetano Braun**

Após a ocupação da América Latina pelos europeus e, mais tarde, a queda das missões, pode-se contabilizar a morte de milhões de indígenas e a propagação da miséria entre os sobreviventes, que passaram a vagar pelo pampa a procura de dignidade, respeito e de uma pátria e, depois de passarem a condição de povo nômade, acabaram imiscuindo-se aos europeus que então chegavam à Região Sul do país, o que provocou o processo de miscigenação que Jaime Caetano Braun descreve em vários dos seus poemas, conforme aparece em “Estirpe” (BRAUN, 2002, p. 59):

### **Estirpe**

Avô paterno,  
o lavrador colono,  
no mundo novo,  
perseguindo anseios;

avô materno,  
o campeador de entono,  
guardião de pátri,  
em pedestal de arreios!

Avó paterna,  
a camponesa reta,  
germana ruiva,  
de ancestrais heranças;  
avó materna,  
a campesina inquieta,  
amando a terra  
e maldizendo as lanças!

A mãe chirua,  
de morenas cores,  
o pai – o ruivo,  
tropeador de livros  
que enfeitiçados,  
como beija-flores,  
fizeram ninho  
nos rincões nativos!

Eis minha estirpe  
que orgulhoso exhibo  
de puro cerne,  
desde a flor da casca,  
os quatro loros  
do meu par de estribos,  
germano – bugre,  
lavrador e guasca!

Já dei o sangue  
que me perpetua  
aos meus dois filhos,  
pra me perpetuarem,  
legando as baldas  
Que do pai herdarem  
À nova estirpe  
Do rincão charrua!

Jaime Caetano Braun, em textos como “Estirpe”, procura apresentar as várias etnias que, segundo o autor, viriam a formar o povo que hoje habita a Região Sul do país. Essa miscigenação foi responsável pela diversidade de culturas que viriam a formar o perfil do Gaúcho.

Considerando a abordagem da narrativa histórica, em que o poeta fala do surgimento e da formação do *ethos* do habitante da Região Sul do Brasil, tomaremos como escopo a primeira parte do poema “Legenda Pampa”, em que o poeta Jaime Caetano Braun apresenta

os personagens históricos que em um certo momento encontraram-se nos confins do território brasileiro, vindo a formar o que o *Payador*, assim como outros autores do Rio Grande do Sul, principalmente, de acordo com Lígia Chiappini, no período que vai de 1920 até 1940, chamou de “raça gaúcha”, reafirmando o mito do herói gaúcho.

Como já vimos no capítulo anterior, na obra de Jaime Caetano Braun, podemos perceber os elementos estéticos baseados nos mesmos atributos reconhecidos nas obras dos poetas gaúchos de 20, os quais foram elencados por Lígia Chiappini (LEITE, 1978, p. 72), conforme podemos observar no seguinte quadro:

**QUADRO 1**

<b>HERÓI</b>	<b>ATRIBUTO BÁSICO</b>	<b>ANTI-HERÓI</b>
<b>TELURISMO</b>	<b>ATRIBUTO DECORRETE</b>	<b>NÃO TELURISMO</b>
<b>I FÍSICOS</b>	Valentia Virilidade	Covardia Impotência
<b>II MORAIS</b>	Honra – Lealdade Bondade - Franqueza Pureza – Desprendimento	Falta de honra – Traição Maldade - Dissimulação Corrupção – Ambição
<b>III RESUMO</b>	Saúde Liberdade – Igualdade	Doença Escravidão – Desigualdade

No quadro acima, Lígia Chiappini Morais Leite procura sintetizar os principais atributos identificados nos heróis dos contos dos principais autores de 20, comprovando que havia uma tendência a que se criasse o mito de um personagem cheio de valores que não eram os que realmente poderiam ser encontrados no homem rural do período das narrativas analisadas pela autora.

Considerando-se que Jaime Caetano Braun procura dar continuidade ao mito do herói gaúcho, nesse contexto, ao trabalhar com a obra de Jaime, pode-se vir a discutir sobre os mais variados aspectos da cultura gaúcha. Em seus livros de poesia, o *Payador* constrói uma espécie de compêndio sobre os costumes, as tradições, a linguagem e o perfil do homem gaúcho, além de explorar incansavelmente o “Mito do Herói Gaúcho”.

Percebe-se que o plano da obra do autor é o de exaltar a cultura gaúcha, entendendo que a palavra “cultura” provém do termo “Culture”, criado por Edward Tylor para sintetizar os termos *Kultur* e *Civilization*, cujo significado: “tomado em seu sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Laraia, 2009). Jaime Caetano Braun, em sua obra poética, reinventa um homem e uma localidade baseados em conceitos idealizados de moral, honradez e historicidade, ignorando,

ou tentando ignorar a verdadeira essência do surgimento do gaúcho e da forma como se deu a relação entre dominante e dominado. Essa invenção de um personagem fictício baseado na visão de mundo do autor explica-se de acordo com o que nos diz Pozenato (2009, p. 22):

Com base no conceito de mimese, a realidade regional passa a ter existência literária como representação objetual, como objeto representado. Esse conceito de representação objetual, criado por R. Ingarden, designa o *vivido* enquanto projetado e transfigurado no, e pelo contexto ficcional. Como se disse, sua raiz é o conceito de mimese, segundo o qual a representação artística é sempre representação de algo.

Considerando-se essa assertiva, pode-se perceber que o “Mito do Herói Gaúcho”, um dos principais aspectos explorados nas obras de Jaime Caetano Braun, de acordo com Guilhermino César (*Apud*. LEITE, 1978, p. 37) representa: “O desejo de documentar um paraíso perdido, uma idade idílica que não volta mais”. É nessa vertente que o herói, representado nas poesias de Braun, encontra os seus referenciais na historicidade da ocupação da terra no Brasil, e, principalmente, no surgimento da figura do gaúcho, com a cultura própria do habitante da Província de São Pedro, conhecida hoje como Rio Grande do Sul, com seus hábitos baseados nas lides do campo; nas lutas pela conquista e preservação do território que demarca as fronteiras do Sul do país; e, principalmente, no destino incerto do indivíduo que, desde os primórdios da colonização do Brasil, se vê labutando na terra e, também, defendendo o território dos Caudilhos de ser invadido e tomado pelos espanhóis, isso ao mesmo tempo em que é completamente privado de participar da divisão da terra.

Considerando-se que a representação estética do elemento indígena corrobora para a formação das especificidades do sistema cultural no Rio Grande do Sul e que isso só foi possível ao serem os Missionários removidos das localidades em que habitavam, o que ocorreu na região Sul, principalmente com a expulsão dos Jesuítas e dos indígenas das Reduções Guaranis, período em que os nativos passaram a vagar pelo pampa e a imiscuírem-se aos espanhóis e portugueses, gerando a mestiçagem que caracteriza o habitante do extremo sul brasileiro e transmitindo aos seus descendentes o amor a terra e aos costumes do campo, característica subjetiva da psique dos nativos encontrados na Região dos Pampas.

Esses homens, que passaram a habitar a região de fronteira entre o Brasil, o Uruguai e a Argentina, viriam a formar uma comunidade cultural com costumes bastante característicos, constituídos, principalmente, de uma linguagem que se aproveitou de expressões do português, do espanhol e das línguas indígenas. Os componentes dessa comunidade ficaram conhecidos pela expressão *gaúchos* – signo lingüístico definido por várias teorias, sendo que a mais aceita relaciona-se

com a situação vivenciada pelos “gaúchos” na época em que surgiu essa alcunha, ou seja, o fato de que sobreviviam realizando pequenos furtos de gado e eram considerados desocupados, não afeitos ao trabalho braçal.

A essa situação é que foram relegados os descendentes dos índios tupis-guaranis, haja vista a penúria em que passaram a viver após a expulsão da terra que ocupavam nas Missões, tendo sido condenados a penar pelos confins do pampa, sem terra para plantar, sem moradia certa e sem trabalho. Relaciona-se com a situação enfrentada hoje pelos camponeses, ou trabalhadores sem terra, que ainda vivem vagando pelo território brasileiro em busca de terra para plantar e para colher.

O poeta narra as batalhas entre o invasor e os nativos da Região Sul e, também, naquelas em que se representa o trabalhador rural como o camponês expulso da terra pela implementação de novas tecnologias, que dispensam a mão de obra humana, passando a promover uma supervalorização do mecanicismo, o que torna o homem descartável como se fosse apenas um objeto, como podemos perceber no seguinte texto de Boschi e Vieira (1986, p. 21):

Além e, possivelmente, por causa do vínculo econômico, o peão respeitava o fazendeiro, devedor que lhe era de gratidão e reconhecimento. Submisso, conformado, ignorante, o trabalhador do campo não teve perspicácia e força para manifestações de antagonismo de classes. O emprego da violência – de certo modo aprendida nas rudes lides campeiras – foi direcionado para opositores do proprietário rural.

Considerando-se as particularidades da formação do gaúcho, é possível perceber que a classe formada pelo peão, figura marcante na cultura do Rio Grande do Sul e que aparece sendo descrito por Jaime Caetano Braun como uma espécie de herói, está muito aquém dos atributos que o poderiam definir de acordo com a ideologia do “Mito do Gaúcho Herói”. Haja vista que o peão vive sob um profundo sistema de acomodação, em que, ao longo da história, sempre defendeu com a própria vida os bens e os interesses do patrão sem nunca cobrar ou ganhar nada em troca e, ainda, considerando-se como devedor do latifundiário. Esse sistema contribui para agravar ainda mais a má distribuição da terra, que é, acima de tudo, uma herança maldita, a qual nos foi deixada pelo modelo de colonização.

### **2.3 O Indianismo**

A estética da obra do *Payador* pode ser lida a partir de sua comparação com algumas das obras do período de formação da literatura brasileira. As poesias de Jaime, ao mesmo tempo em que fazem

uma referência histórica às etnias que formaram a gesta do habitante da Região Sul do Brasil, também apresentam algumas marcas encontradas na literatura árcade, assim como na romântica.

Isso ocorre, nitidamente, no poema: “Missioneiro”, em que o eu-lírico nos fala da religiosidade e do orgulho de ser gaúcho, sentimentos supostamente herdados dos indígenas das Missões Jesuíticas. Essa particularidade identificada no imaginário do gaúcho, conforme foi descrita pelo autor, relaciona-se ao conceito de tendência genealógica que: “criou um tipo de história, por meio da avaliação especial da mestiçagem e do contato de culturas” (Candido, 2000, p. 172).

Tal idealização do índio, conforme aparece sendo explorada por Jaime Caetano Braun, é também identificada por Antonio Candido em obras como *O Uruguai*, de Basílio da Gama, ideologia essa criada pela classe dominante na época do Brasil Colonial, com o intuito de justificar o sistema social vigente. É perceptível a relação existente entre a poesia de Jaime e aquelas celebradas nos momentos iniciais da formação da literatura brasileira e, com isso, percebe-se o funcionamento também dos aspectos de imposição e adaptação que vinculam a cultura gaúcha ao modelo colonial e, em decorrência, ao modelo europeu, conforme nos diz Candido (2006, p. 199):

Levando a questão as últimas consequências, vê-se que no Brasil a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador, e depois do colono europeizado, herdeiro dos seus valores e candidato à sua posição de domínio, que serviu às vezes violentamente para impor tais valores, contra as solicitações a princípio poderosas das culturas primitivas que os cercavam de todos os lados. Uma literatura, pois, que do ângulo político pode ser encarada como peça eficiente do processo colonizador.

Por outro lado, a utilização, já nos momentos iniciais da formação da nação brasileira, da figura do indígena justifica-se, pois, segundo Candido (2006, p. 209):

Associado desta maneira ao processo civilizador segundo as classes dominantes, arraigado na consciência de grupos sociais cada vez mais numerosos, o índio não teve dificuldades em tornar-se personagem literário privilegiado. Nos três poemas referidos há pouco – O Uruguai, Vila Rica, Caramuru -, sobretudo no primeiro e no terceiro, ele entra como força pitoresca e humana, enquanto em outras composições menores vai aparecendo cada vez mais como símbolo da terra e, depois, dos sentimentos locais.

É o que ecoa na poesia “Sepe Tiaraju”, em que o *Payador* procura narrar o heroísmo do indígena, séculos depois do fim do período de colonização e da lendária resistência dos missionários à ordem emitida pelo rei espanhol para que abandonassem suas vilas e entregassem a terra aos portugueses. Porém, nesse processo, Jaime acaba por enaltecer o

modelo de colonização, de acordo com o que se pode observar no seguinte poema (BRAUN, 1958, p. 79):

### SEPÉ TIARAJU

Legendário Tiaraju  
Ídolo chucro da Taba,  
Caudilho Morubixaba  
Das extensões sem divisa,  
Em nossas veias desliza  
O mesmo sangue selvagem  
Que deu força a padronagem  
À Raça que se eterniza!

Foi tua mãe a Natureza  
E o céu escampo, teu pai!  
E até no velho Uruguai,  
O rio do destino vago,  
Depois que bebeste um trago  
A água ficou mais doce,  
Pra que daí em diante fosse  
O bebedor deste Pago!

Antecessor do Gaúcho  
Neste rincão que era teu;  
Contigo o guasca nasceu,  
Soberano por direito,  
Num sincronismo perfeito  
Pingo alçado, lança em riste,  
E o Rio Grande que hoje existe  
Já vivia no teu peito!

Não mataste ao Castelhana  
Nem bebeste o sangue Luso,  
Peleaste contra o intruso  
Que vinha buscar despojo,  
E desse imortal arrojado  
Que o sol da lenda debuxa  
Surgiu a Estirpe Gaúcha  
Que Deus tirou como apoio!

E se abraçaste com ânsia  
A Cruz de Nosso Senhor  
Caudilho corregedor,  
Só dele foste vassalo.. .  
E se houve algum intervalo  
Nos teus arrancos guerreiros  
Foi pra engraxar os apêros  
Ou pra mudar de cavalo!

Mente, quem te disse escravo  
Do Espanhol ou Português,  
Porque a gaúcha altivez  
Emanou da tua estampa,  
E cresceu terciando guampa  
Em rústicos pôr-de-sóis  
Forjando a raça de heróis  
Eterno orgulho do Pampa!

**Esta Querência tem dono**  
Rasgou-se o macho estribilho  
Desse teu peito de filho  
Das vastidões campesinas  
Que num sacudir de crinas  
No mais guasca telurismo  
Era o próprio gauchismo  
Já dilatando as narinas...

E o teu brado precursor  
Da gaúcha independência  
Foi de querência em querência  
Na amplidão continental,  
Até expandir-se bagual  
Eternizando o dialeto  
Na boca de Souza Neto  
No combate de SEIVAL!

E já não era o teu sangue  
Nem o do branco pampeano,  
Mas o sangue americano  
Na mesma caudal eterna,  
Que anunciava, em voz fraterna,  
Mas, entonada e sem medo  
Que o Rio Grande de São Pedro  
Na História, boleava a perna!

E desde então para cá,  
Essa mescla abagualada  
Andou correndo irmanada  
Em tanta chucra peleia;  
Foi mesmo em querência alheia  
Terçar com lança e metralha  
E até em Pistóia, na Itália,  
Muita cruz guasca branqueia!

Há quem te negue o prestígio  
Até de chefe comum!  
Mas o Rio Grande que é um  
Indivisível — sagrado  
E teve o chão ensopado  
Por teu sangue em Caiboaté,  
Verá sempre em São Sepé  
Um guasca canonizado.

E descansa Santo chucro  
Que a pena do iconoclasta  
Ficará de pronto gasta  
Em rigidez como a tua,  
Se até a guasca meia-lua  
Que te adornava o semblante,  
É o mesmo lunar minguante  
Que enfeita a noite Charrua!

Na poesia “Sepé Tiaraju”, o *Payador* não está somente laureando aquele que aparece como um verdadeiro herói gaúcho, mas sim, está procurando refazer os passos históricos que levaram a que o indígena, já cansado de fugir e de procurar evitar o confronto com os invasores, mesmo após ter sido “cristianizado” pelos jesuítas; ter lutado lado a lado com os espanhóis na defesa da região, que então era do domínio da coroa espanhola; ter recebido a promessa do Rei da Espanha – o qual ele já reconhecia como seu rei - de que seria considerado seu súdito e teria seus direitos como tal respeitados; via-se na iminência de ter que abandonar mais uma vez a sua terra; as suas lavouras; a sua vida, mesmo que essa estivesse completamente desfigurada da que levava antes da chegada do invasor.

Essa concepção é percebida no que nos diz Candido a respeito da forma como se dá a representação do indígena em *O Uruguai*, provocando ora uma aproximação da obra de Jaime com a do poeta arcade e ora um afastamento, conforme podemos perceber no seguinte texto de Candido (1981, p. 132)

Daí a simpatia pelo índio, que, abordado quem sabe inicialmente por exigência do assunto, acabou superando no seu espírito ao guerreiro português, que era preciso exaltar, e ao jesuíta, que era preciso desmoralizar. Como filho da “simples natureza”, ele assomou à primeira plana da consciência de Basílio, não só por ser o elemento esteticamente mais sugestivo (como ficou dito), mas quem sabe como recurso para manter a integridade espiritual, comprometida na lisonja ao militar, esmagadoramente superior, e no excessivo denegrimiento do padre. O indianismo surgiu assim como renovação da antítese arcádica e amenização da loa política, e tal foi a sua simpatia pelo pobre silvícola, amolgado entre ambições e interesses opostos, que atenuou para ele o modo heróico.

Apesar de ambos os autores, Basílio da Gama e Jaime Caetano Braun utilizarem a figura do indígena, os textos diferem do ponto de vista de que o autor gaúcho quer louvar o indígena, baseado na necessidade de reativar a concepção do mito do gaúcho herói, enquanto Basílio, ao tentar louvar os feitos dos conquistadores, acaba por descortinar a participação dos povos indígenas no processo de colonização do Brasil. Ao mesmo tempo, podemos perceber

que nos dois textos os autores acabam por mostrar o desequilíbrio que o civilizado causa na sociedade primitiva, conforme nos diz Candido (1981, p. 132):

(...) a nota principal do *Uraguai* parece o sentimento (bem setecentista) da irrupção do homem das cidades no equilíbrio de uma civilização *natural*, cujo filho surge como vítima da espoliação inevitável, pois esta consciência de desajuste cultural motiva em Basílio a aludida simpatia e distingue o seu Cacambo (manso herói guerreando a contragosto e correspondendo deste modo ao Gomes Freire amansado do poema) dos marciais timbiras e ubirajaras altissonantes do indianismo romântico.

Pode-se perceber que as diferenças entre o herói árcade e o do texto regionalista de Jaime Caetano Braun se diluem em dois personagens míticos que apresentam características semelhantes e os mesmos princípios morais do cavaleirismo medieval. O indígena, reconhecido na figura de Sepé Tiaraju, assim como na de todos os outros que pertenciam às Missões Jesuíticas, não mais representava o índio encontrado nos momentos iniciais da colonização, e talvez isso justifique, de certa forma, a opinião expressa por Antônio Augusto Fagundes, quando diz o seguinte (Fagundes, 1986, p. 36):

(...) Sepé não foi herói gaúcho, brasileiro ou português, eis que lutou sempre contra os gaúchos, os brasileiros e os portugueses. Herói espanhol, talvez? Paraguai? Tampouco. Foi um herói tipicamente jesuítico, instrumento da política jesuítica na América. Onde nasceu Sepé — nas Missões Orientais? Não se sabe. Pode ter nascido na Argentina, como o cacique Nhenguirú, ou mesmo no Paraguai. Não falava do português nenhuma palavra, mas falava o guarani, o castelhano e era versado em latim. Em Rio Pardo, comandando a artilharia missioneira sob as ordens do cacique Alexandre, seus gritos mandando matar os negros ('camba') ficaram famosos. Não foi o comandante-em-chefe, mas apenas o astuto e desapiedado comandante de guerrilhas.

Deve-se considerar, no entanto, que o autor desse texto é um dos fiéis representantes do modelo que as camadas sociais mais favorecidas desejam perpetuar. O grupo social a que Fagundes pertence é o mesmo dos indivíduos que tendo todas as condições de perceber o mundo além das aparências, ainda assim, para manterem-se protegidos em sua situação de privilegiados, mantém uma visão restritiva a respeito do espaço que os cerca. Para essa classe torna-se difícil perceber as ideologias subjacentes que estão em jogo na figura do personagem Sepé Tiaraju, na forma como é explorado pelo poeta Jaime Caetano Braun, e na dos civilizados – representados pelos espanhóis e portugueses.

Tiaraju jamais poderia ter sido gaúcho ou rio-grandense, pois esses conceitos como pátria ou nação, que parece ser o status que o autor Fagundes desejou dar-lhes, ainda não existiam e jamais serão mais do que apenas uma designação para identificar uma das variedades regionais da complexa formação do *ethos* do Brasil.

O trágico herói, decantado na poesia, não era, realmente, português, espanhol, brasileiro e muito menos jesuíta. O chefe indígena era e sempre será exatamente o que foi, se existiu ou não isso é irrelevante, ou seja: Tiaraju, o herói da resistência missionária nos confins do Brasil é o símbolo da luta do homem pela terra, retratando a angústia daquele que baixou a cabeça humildemente, deixando-se dominar, domesticar, “cristianizar” e que, mesmo assim, tendo aceitado todas as formas de castigo que lhe foram impostas, mesmo tendo abaixado a cabeça e permitido que sua cultura, sua religião, sua vida, fossem vilipendiadas em favor da fé que era de outros, da cultura que era de outros, em função de adequar-se a um estilo de vida que nunca foi o seu, percebeu que seu direito básico, e o único que ele exigia, era o de continuar semeando e colhendo a sua própria existência e sobrevivência como ser humano, enquanto a sua volta o mundo, conforme ele conhecia, ganhava dimensões muito além da sua compreensão.

Jaime Caetano Braun cria um herói e procura explorar o despertar dos sentimentos do leitor apelando para o destino extremamente trágico do personagem, considerando a necessidade de formar o modelo idealizado do indígena. Na representação do indígena, conforme aparece em alguns dos personagens criados pelo *Payador*, percebe-se a decisão de que, para os indígenas, seria preferível “perecer” a continuar simplesmente sobrevivendo, aceitando o jugo que lhes era imposto, e, também, sem terra para plantar e sem que seus direitos fossem respeitados. Porém, os indígenas que aparecem nas obras do *Payador* decidem lutar e morrer pelos seus direitos e pelos seus ideais, dando início às condições para que, mais tarde, baseado na herança genealógica, fosse possível surgir um herói genuíno da Região Sul do Brasil.

Essa percepção e essa luta de personagens como Sepé não são, realmente, de algum personagem cuja presença estava realizando-se de forma concreta no tempo e no espaço reais, delimitados conforme Antônio Augusto Fagundes vislumbra, pois a criação do mito da luta do indígena, após perceber que não há nada mais a fazer além de sacrificar sua vida na defesa de seus direitos, é um conceito universal, da mesma forma que Candido (2006, p. 215) afirma sobre o uso da alegoria e do mito durante o Arcadismo:

Assim, a possibilidade de ajustar a tradição ao meio trazia em si, ao lado da disciplina, uma considerável liberdade; e da combinação de ambas formou-se a expressão ao mesmo tempo geral e particular, universal e local, que a literatura do tempo da Colônia transmitiu como conquista sua.

Para compreender a relação entre a poesia de Jaime e a tradição mais remota de nossa literatura, seria interessante recorrer aos seguintes trechos de *O Uruguai*, de Basílio da Gama (2010, p. 69 e 87):

### **Canto Segundo**

E o índio, um pouco pensativo, o braço  
E a mão retira; e, suspirando, disse:  
Gentes de Europa, nunca vos trouxera  
O mar e o vento a nós. Ah! não de balde  
Estendeu entre nós a natureza  
Todo esse plano espaço imenso de águas.  
Prosseguia talvez; mas o interrompe  
Sepé, que entra no meio, e diz: Cacambo  
Fez mais do que devia; e todos sabem  
Que estas terras, que pisas, o céu livres  
Deu aos nossos avôs; nós também livres  
As recebemos dos antepassados.  
Livres as hão de herdar os nossos filhos.  
Desconhecemos, detestamos jugo  
Que não seja o do céu, por mão dos padres.  
As flechas partirão nossas contendas  
Dentro de pouco tempo: e o vosso Mundo,  
Se nele um resto houver de humanidade,  
Julgará entre nós; se defendemos  
Tu a injustiça, e nós o Deus e a Pátria.  
Enfim quereis a guerra, e tereis guerra.  
Lhe torna o General: Podeis partir-vos,  
Que tendes livres o passo. Assim dizendo,  
Manda dar a Cacambo rica espada  
De tortas guarnições de prata e ouro,  
A que inda mais valor dera o trabalho.  
Um bordado chapéu e larga cinta  
Verde, e capa de verde e fino pano,  
Com bandas amarelas e encarnadas.  
E mandou que a Sepé se desse um arco  
De pontas de marfim; e ornada e cheia  
De novas setas a famosa aljava:  
A mesma aljava que deixara um dia,  
Quando envolto em seu sangue, e vivo apenas,  
Sem arco e sem cavalo, foi trazido  
Prisioneiro de guerra ao nosso campo.  
Lembrou-se o índio da passada injúria  
E sobraçando a conhecida aljava  
Lhe disse: Ó General, eu te agradeço  
As setas que me dás e te prometo  
Mandar-tas bem depressa uma por uma  
Entre nuvens de pós no ardor da guerra.

Tu as conhecerás pelas feridas,  
Ou porque rompem com mais força os ares.  
Despediram-se os índios, e as esquadras  
Se vão dispondo em ordem de peleja,  
Como mandava o General.

### **Canto Terceiro**

(...)

Acorda o índio valeroso, e salta  
Longe da curva rede, e sem demora  
O arco e as setas arrebatada, e fere  
O chão com o pé: quer sobre o largo rio  
Ir peito a peito a contrastar co'a morte.  
Tem diante dos olhos a figura  
Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.  
Pendura a um verde tronco as várias penas,  
E o arco, e as setas, e a sonora aljava;  
E onde mais manso e mais quieto o rio  
Se estende e espraia sobre a ruiva areia  
Pensativo e turbado entra; e com água  
Já por cima do peito as mãos e os olhos  
Levanta ao céu, que ele não via, e às ondas  
O corpo entrega. Já sabia entanto  
A nova empresa na limosa gruta  
O pátrio rio; e dando um jeito à urna  
Fez que as águas corressem mais serenas;  
E o índio afortunado a praia oposta  
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta  
Da margem guarnecida e mansamente

Percebe-se uma narrativa em que o indígena adquire valores que não são próprios da cultura de povos primitivos, os conceitos dos indígenas personificados tanto em *O Uruguai* quanto nas poesias de Jaime assemelham-se aos costumes dos invasores vindos da Europa e assinalam o que nos diz Candido sobre a representação do indígena no período colonial (CANDIDO, 2006, p. 203):

Uruguai, que de um lado se preocupava em elogiar a ação do Estado na guerra contra as missões jesuíticas do Sul, de outro lado interessou-se tanto pela ordem natural da vida indígena, pela beleza plástica do mundo americano, que lançou os fundamentos do que seria o Indianismo e se tornou um dos modelos do nacionalismo estético do século XIX.

Em “Ruína Missioneira” e “Missioneiros”, Jaime segue o modelo de representação do indígena de acordo com o que aparece em *O Uruguai*, procurando dar certo destaque a figura mítica do nativo do Rio Grande do Sul, mas, ao mesmo tempo, procura louvar o processo de dominação de que as camadas menos favorecidas são vítimas.

## 2.4 A figuração do negro

É nesse mesmo viés que as obras poéticas de Jaime também procuram dar destaque a personagens vividos por indivíduos mestiços ou negros, tal como aparece o “Tio Anastácio” sendo representado em uma poesia do *Payador*:

### **Tio Anastácio**

Entre a ponte e o lageado,  
na venda do bonifácio,  
conheci o tio anastácio,  
negro velho já tordilho;  
diz que mui quebra em potrilho,  
hoje pobre despilchado,  
de tirador remendado  
num petiço doradilho...

Quem visse o tio anastácio,  
num bolincho de campanha,  
golpeando um trago de canha,  
oitavado no balcão,  
tinha bem logo a impressão,  
que aquele mulato sério  
era o rio grande gaudério  
fugindo da evolução!

A tropilha dos invernos  
tinha lhe dado uma estafa,  
e aquela meia garrafa,  
dentro do cano da bota,  
contava a história remota  
do negro velho curtido  
que os anos tinham vencido  
sem diminuir na derrota.

Mulato criado guacho  
nos tempos da escravatura,  
aquela estranha figura  
na vida passara tudo;  
ginetaço macanudo,  
já desde o primeiro berro  
saia trançando ferro  
no potro mais culmilhudo!

Carneava uma res, num upa,  
com toda calma e perícia!  
reservado e sem malícia,  
negro de toda confiança,  
bem quisto na vizinhança,

dava gosto num rodeio,  
de pingo alçado no freio  
pealando de toda trança

Tinha cruzado as fronteiras  
da argentina e do Uruguai;  
andara no Paraguai,  
peleando valentemente,  
e voltara, humildemente,  
como tantos índios tacos  
que foram vingar nos chacos  
a honra da nossa gente!

Caboclo de qualidade  
que não corpeava uma ajuda  
na encrenca mais peleaguda  
sempre conservava o tino,  
garrucha boca de sino  
carregada com amor  
e um facão mais cortador  
do que aspa de boi brasino!

Porém depois que os janeiros  
foram ficando a distância,  
andou, de estância em estância,  
e foi vivendo de changa:  
repontando bois de canga,  
castrando com muita sorte,  
e, em tempos de seca forte,  
arrastando água da sanga...

Ficou sendo um desses índios  
que se encontra nos galpões  
e ao derredor dos fogões  
fala aos moços, com paciência,  
de que aprendeu na existência,  
ao longo dos corredores,  
alegria, dissabores,  
curtido pela experiência!

Tio Anastácio pra qui;  
tio Anastácio pra lá...  
mandado mesmo que piá  
pôr aquela redondeza;  
nos remendos da pobreza,  
entrava e passava inverno,  
como um tronco só no cerno,  
pelegueando a natureza!

Por isso é que nos bolinchos  
só se alegrava bebendo  
como se cada remendo  
da velha roupa gaudéria,  
fosse uma sangria séria

por onde o sangue do pago  
se esvaísse, trago a trago,  
por ver tamanha miséria!

E até parece mentira  
- negro velho de valor!  
morreste no corredor  
como matungo sem dono;  
não tendo neste abandono,  
ao menos um companheiro,  
que te estendesse o baixeiro  
para o derradeiro sono!

E agora que estas vivendo  
na estância grande do céu  
engraxando algum sovêu  
prao patrão velho buenacho,  
não te esquece aqui de baixo  
onde alolargo ainda existe  
muito xiru velho triste  
como tu, criado guacho!  
como tu, tio Anastácio...

O personagem “Tio Anastácio”, que é explorado pelos patrões durante toda a vida para finalmente ser abandonado à própria sorte na velhice, aparece como uma idealização do mulato descendente dos escravos, assim como a figura do negro escravizado era descrita por Castro Alves em passagens nas quais o poeta narrava o comércio dos negros jogados em “Navios Negreiros”, conforme podemos ver no seguinte trecho:

#### V

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados  
Que não encontram em vós  
Mais que o rir calmo da turba  
Que excita a fúria do algoz?  
Quem são? Se a estrela se cala,

Se a vaga à pressa resvala  
Como um cúmplice fugaz,  
Perante a noite confusa...  
Dize-o tu, severa Musa,  
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,  
Onde a terra esposa a luz.  
Onde vive em campo aberto  
A tribo dos homens nus...  
São os guerreiros ousados  
Que com os tigres mosqueados  
Combatem na solidão.  
Ontem simples, fortes, bravos.  
Hoje míseros escravos,  
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,  
Como Agar o foi também.  
Que sedentas, alquebradas,  
De longe... bem longe vêm...  
Trazendo com túbios passos,  
Filhos e algemas nos braços,  
N'alma — lágrimas e fel...  
Como Agar sofrendo tanto,  
Que nem o leite de pranto  
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,  
Das palmeiras no país,  
Nasceram crianças lindas,  
Viveram moças gentis...  
Passa um dia a caravana,  
Quando a virgem na cabana  
Cisma da noite nos véus ...  
...Adeus, ó choça do monte,  
...Adeus, palmeiras da fonte!...  
...Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...  
Depois, o oceano de pó.  
Depois no horizonte imenso  
Desertos... desertos só...  
E a fome, o cansaço, a sede...

Ai! quanto infeliz que cede,  
E cai p'ra não mais s'erguer!...  
Vaga um lugar na cadeia,  
Mas o chacal sobre a areia  
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,  
A guerra, a caça ao leão,  
O sono dormido à toa  
Sob as tendas d'amplidão!  
Hoje... o porão negro, fundo,  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado  
Pelo arranco de um finado,  
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... cúm'lo de maldade,  
Nem são livres p'ra morrer. .  
Prende-os a mesma corrente  
— Férrea, lúgubre serpente —  
Nas roscas da escravidão.  
E assim zombando da morte,  
Dança a lúgubre coorte  
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!...  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
Do teu manto este borrão?  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!...

Assim como os negros descritos na narrativa do poeta dos escravos, o mulato descrito por Jaime Caetano em suas poesias, que ora aparece como trabalhador e ora como soldado, é tratado como objeto que só tinha valor comercial, reafirmando o processo de mercantilização

do homem que já era descrito por Castro Alves e que se perpetua também dentro do discurso do poeta regionalista gaúcho.

### CAPITULO III

#### A figuração da terra na poesia de Jaime Caetano Braun

“Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou lingüística, para utilizar os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento de sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra”.

Antonio Candido

Haja vista a tendência do poeta Jaime Caetano Braun de buscar na história os elementos ideológicos necessários para reconstruir a trajetória do homem até chegarmos a atual configuração social e política no Rio Grande do Sul, neste trabalho foi necessário realizar uma revisão da historicidade da posse da terra na América e, assim, procurar identificar os fatores históricos, sociais e políticos que resultaram na consolidação de imensos latifúndios, provocando o surgimento de uma literatura que parece primar pela denúncia da situação de miséria na qual vive o homem do campo e, ao mesmo tempo, reproduzir a ideologia do latifúndio que privilegia as classes dominantes locais.

Nesse sistema, uma pequena minoria de favorecidos impõe-se por pertencer às elites agrárias, criadas no Brasil pela exploração impugna da escravização do negro trazido da África, pelo genocídio dos indígenas e pela posse de imensas propriedades, as quais receberam sob a forma de sesmarias.

Esses grandes proprietários, banqueiros, latifundiários, agroindustriais, empresários, evidentemente, não aceitam que as grandes possessões sejam redistribuídas, mesmo que para isso sejam pagas indenizações justas e que a terra, que dizem ter sido adquirida de forma legal, seja fruto da posse arbitrária, baseada na lei do mais forte, e que dela não se tire proveito algum, tanto para os proprietários quanto para a coletividade. Na verdade, os proprietários parecem apenas movidos pelo desejo obscuro de continuarem usufruindo do status social que adquiriram com a condição de grandes senhores de terra.

Sendo assim, conforme já dissemos no capítulo anterior, para difundir as ideologias criadas por esse grupo dominante, foram surgindo elementos que passaram a ser adotados pelos artistas e disseminados pelas obras que circulam no meio social, principalmente as literárias. Um desses elementos surge com o mito da perfeição moral atribuído aos índios missioneiros, figuração bastante explorada pelos autores gaúchos, criando-se uma representação idealizada do indígena, figura marcante na cultura dos sul-rio-grandenses, que aparece de forma recorrente na obra poética de Jaime Caetano Braun, em passagens

retratando as lutas contra a ocupação da terra e a expulsão dos habitantes das Missões. Na representação estética realizada nessas obras, podemos perceber que se encontram subjacentes o anseio e o clamor das classes minoritárias por terra, por liberdade e por melhores condições de sobrevivência. Dessa forma, embora a figuração do indígena resulte de uma visão idealizada que acaba por dar fundamento ao mito do herói gaúcho, com tudo que ele veicula de conservadorismo, ela também resulta na representação das lutas desses indígenas e de outros representantes dos espoliados, filhos da injusta formação agrária do Rio Grande do Sul.

Neste capítulo, antes de discutirmos mais pormenorizadamente a figuração do problema da terra na poesia de Jaime Caetano Braun, julgamos importante buscar compreender melhor a própria conformação agrária na história brasileira.

### **3. 1 Conformação agrária no Brasil: da Lei de Terras aos movimentos sociais do campo**

O descaso com o trabalhador rural é o reflexo da realidade da vida do homem do campo, relegado a segundo plano, por não ser mais de grande utilidade nas grandes propriedades rurais, onde algumas máquinas fazem o trabalho de centenas de braços. Essas grandes propriedades rurais que predominaram no Brasil Colonial e, mesmo após a independência, continuaram crescendo cada vez mais, configurando a má distribuição da terra no Brasil, que, muitas vezes, senão sempre, foi doada como prêmio de guerra, conforme se pode perceber na história do Rio Grande do Sul, por exemplo, no triste episódio protagonizado por Adão Latorre, ou “Negro Adão”, o qual foi alçado de gaúcho pobre e agregado dos Tavares a Tenente Coronel da Brigada do Coronel Zeca Tavares, tendo passado depois a comandante do piquete de Aparício Saraiva. O Tenente Coronel Adão Latorre foi pessoalmente responsável pela degola de mais de 300 (trezentos) prisioneiros em uma só noite; esse episódio é um tanto controverso, por falta de comprovação, mas fato é que o “Negro Adão” deixou a guerra como Coronel e proprietário de algumas braças de terra, isso após ter entrado no conflito como homem pobre e sem nenhuma posse. Ou seja, o degolador, como ficou conhecido, ganhou pelo seu “trabalho” o título, bastante valorizado na época, de Coronel e, também, um bom pedaço de terra, enquanto o vencido ganhou a famosa gravata colorada (REVERBEL, 1985, p. 52).

Assim era, e continuou sendo, a distribuição da terra no Brasil, mesmo depois do príncipe regente suspender, em 17 de julho de 1822, a distribuição das sesmarias futuras, acabando com o privilégio dos peninsulares em relação à posse das terras brasílicas. A partir

do decreto do príncipe, cujo projeto legislativo para normatizar o acesso à terra só foi apresentado em 1843, a terra continuou sendo privilégio dos mais poderosos, pois no espaço de tempo em que esses não recebiam as famosas sesmarias, acabavam por tomar posse das glebas que lhes interessavam, isso, normalmente, com o uso da força.

Mesmo a Lei de Terras de 1850, em seus “momentos decisivos”, expressão utilizada por Emília Vioti da Costa, não surtiu nenhum efeito, pois a União Democrática Ruralista: “conseguiu limitar a possibilidade de reformulação da estrutura fundiária, estabelecendo limites à desapropriação de latifúndios e empatando de ambiguidades o termo 'função social da terra'” (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 40).

Na sociedade atual ainda existe o anseio por uma distribuição justa da terra, conforme pode ser percebido na poética de Jaime Caetano Braun. Entretanto, a equidade na configuração agrária nacional não acontece, pois, historicamente, leis, como a relacionada com a posse da terra, surgida durante a colonização, não correspondiam às necessidades nem, tampouco, funcionavam como mediadoras das relações sociais existentes no Brasil Colonial, pois, na verdade, obedeciam aos interesses voltados à exploração predatória do solo, aspecto esse bastante característico da relação celebrada no pacto entre colônia e metrópole.

A Lei de Terras de 1850 foi o resultado do processo iniciado com o fim das sesmarias futuras e deu continuidade ao projeto de lei de terras de 1843, surgido em um ambiente particularmente comprometido em que, após a derrota das rebeliões liberais de São Paulo e Minas Gerais, ocorria a ampliação da lavoura cafeeira no Rio de Janeiro, de tal forma que o projeto surgiu para defender os interesses dos cafeicultores, os quais estavam mais preocupados em garantir a propriedade do que em solucionar a questão da mão-de-obra.

Os paulistas e mineiros, por ocuparem terras de fronteiras e tendo em vista que os custos para a demarcação desse tipo de propriedade eram elevados, opuseram-se ao projeto. Considerando essa dualidade na discussão da lei, Emília Vioti da Costa afirma que uma leitura dos debates parlamentares revela um conflito entre duas diferentes concepções de propriedade da terra, uma de política de terras e outra de trabalho. Estas duas acepções seriam uma maneira moderna e outra tradicional de encarar o problema.

Na perspectiva de Vioti, a Lei de Terras operou a transição entre um período no qual a terra era concebida como domínio da Coroa e outro no qual se tornou domínio público; entre um período no qual a terra era dada em doação e outro no qual era vendida como mercadoria; entre um período no qual o domínio da terra representava, essencialmente,

prestígio social e outro no qual representava poder econômico. (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 44).

Emília Vioti salienta, ainda, que entre os argumentos dos legisladores favoráveis à Lei, figurava o de que com ela se eliminaria a disparidade entre o excesso de terra e a falta de força de trabalho, pois com o preço alto da terra evitar-se-ia que os imigrantes abandonassem as fazendas, como vinham fazendo; e que o preço alto da terra forneceria fundos ao governo para fomentar a colonização.

Nesse sentido Maria Verônica Secreto diz que não é verídica a hipótese, geralmente aceita, de que a Lei de Terras não cumpriu sua função social, porque tinha por objetivo pôr um preço alto à terra para evitar que os imigrantes tivessem acesso a ela e, desta forma, obrigá-los a vender a sua força de trabalho. Essa concepção, segundo Verônica, incorre em anacronismo, pois ela acredita que (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 45):

Os grandes proprietários não necessitavam de uma lei para evitar que os pequenos se tornassem proprietários. Pelo contrário, utilizavam e continuaram a utilizar mecanismos extrajurídicos para barrar o acesso à terra, como violência direta, clientelismo, paternalismo etc. Mas este sim foi um dos efeitos que teve a lei.

De acordo com o que diz Secreto, conforme aparece no texto **A legislação sobre terras no século XIX: definindo o conceito de propriedade**, a autora acredita que: “não foi a 'herança colonial' que determinou a forma de propriedade da terra” (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 43). Essa afirmação da autora deve-se à assertiva de que os Estados nacionais sul-americanos poderiam ter rompido com a forma de distribuição da terra, mesmo porque criaram legislações modernas em que foi consagrada a propriedade privada. No entanto, essa modernização não significou a democratização do acesso à terra, pois no Brasil significou, mais do que tudo, a confirmação da posse pelos grandes proprietários.

A esse respeito, Maria Secreto cita Lígia Osório Silva (*Apud.* LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 43) no texto em que ela diz que “... as existências do latifúndio e da grande exploração agrícola não constituiriam sobrevivências do passado, mas foram continuamente recriados durante o século XIX”, em contrapartida, a mesma autora cita um trecho da obra *População e propriedade da terra no Brasil*, de Manuel Diéquez Júnior (*Apud.* LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 43), em que ele diz o seguinte:

O regime de grande propriedade aqui instituído através das concessões de sesmarias apresenta ainda em nossos dias condições e situações que não descaracterizam muito o que começou a implantar-se no Brasil naquele século primeiro da descoberta e de povoamento de nosso território.

Embora em 1850, quando da criação da Lei de Terras, apenas uma parte das terras públicas havia passado para o domínio privado, desde a colonização, tem sido realizada de uma forma tal que fez com que somente fossem atendidos, com raras exceções, os interesses dos poderosos. Isso porque a apropriação do sentido das leis foi sempre uma prática constante por parte dos poderosos, como podemos perceber no seguinte trecho de Maria Verônica Secreto (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 45):

Uma lei se converte em prática através de sua aplicação, que é baseada em sua interpretação. A lei de terras foi interpretada como legitimadora das posses em qualquer tempo, sempre que houvesse cultura efetiva e morada habitual. Sem estancar a posse, a lei não conseguiu criar um mercado de terras, transformar a terra em mercadoria, nem determinar, e portanto destinar, as terras que achasse necessárias à colonização. Devemos lembrar que nos referimos à posse dos grandes posseiros, que tinham recursos suficientes para também se apropriar do 'sentido' da lei, ao ponto de considerarem uma 'falsa interpretação' aquela que fez acreditar alguns 'agregados' que podiam legitimar a posse dos terrenos que cultivavam 'de favor'.

Com a proclamação da República no Brasil, as terras de que a nação poderia dispor passaram para o domínio dos Estados, o que não provocou nenhuma mudança significativa no painel de distribuição de terras devolutas e dos latifúndios já existentes, os quais se multiplicaram, com base na interpretação da cláusula da Lei de 1850, que garantia as posses por cultura efetiva e morada habitual.

A consequência dessa má interpretação da Lei foi o aumento das grilagens e das posses irregulares, mesmo após o Governo Provisório da República ter criado o decreto 720, de 5 de setembro de 1890, o qual visava dar bases jurídicas à demarcação das propriedades rurais por meio de processos de divisão judicial de terras.

A problemática da má distribuição da terra, que aparece sendo tratada nas obras poéticas de Jaime Caetano Braun, não foi solucionada pela Lei de Terras de 1850, oportunidade em que também poderia ter sido revista a deficiência da mão-de-obra e da produção de alimentos. Contraditoriamente, a questão foi agravada, pois, segundo Secreto (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 50):

Se a posse continuou depois de 1850 e a questão da mão-de-obra foi resolvida posteriormente com a imigração, então os imigrantes tiveram acesso à terra? Não. Operou-se uma seleção. Em primeiro lugar, os mecanismos para apossar-se da terra foram dominados pelos grandes proprietários, utilizando para os pequenos um sem-número de recursos 'cordiais' ou a violência direta. Por outra parte, na Primeira República o processo de passagem das terras devolutas para o domínio privado esteve especialmente vinculado ao coronelismo.

Pode-se verificar que a Lei foi inoperante e, por isso, não surtiu efeito algum, senão o de garantir o direito do mais forte e a subserviência das classes oprimidas, agora baseado em ato legal por parte do Estado. Nos momentos em que os grandes proprietários sentiram-se ameaçados em sua hegemonia, eles ou apossaram-se da interpretação das leis, ou providenciaram para que o Estado as modificasse e, em consequência, fossem reescritas em uma versão mais branda, que favorecesse os latifundiários; conforme podemos perceber com o exemplo citado acerca das duas intervenções ocorridas em São Paulo, após as ondas de expansão do café e após o término da Primeira Guerra Mundial.

A primeira intervenção deu-se em 1895, oportunidade em que o Congresso Paulista elaborou a Lei 323, de 22 de junho, contendo disposições sobre: medição, demarcação e aquisição das terras devolutas; sobre legitimação ou revalidação de posses ou concessões; e sobre a discriminação entre domínio público e particular, o que impossibilitou a legalização de posses realizadas após 1854. Seus dispositivos foram considerados muito rigorosos e, em 1898, medidas menos severas foram anunciadas através da Lei 545, de 2 de agosto, permitindo legitimar posses com título de domínio anterior a 1878 e a posse com morada habitual e cultura efetiva desde 1868.

A segunda onda de expansão, ocorrida após a Primeira Guerra Mundial, foi seguida de ato legislativo em São Paulo, legitimando a posse, a Lei 1855, de 27 de dezembro de 1921, promulgada por Washington Luís, foi regulamentada em agosto de 1922 e legalizava todas as posses efetuadas entre 1895, data da última legislação de posses, e 1921.

Não é a toa que a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Terra, logo em seu início afirma que (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 57): “a questão agrária tem o tempo de nossa história e o tamanho do Brasil”. Tal assertiva define com bastante propriedade a história da posse da terra no Brasil, que foi marcada pela imposição do mais forte sobre as classes menos favorecidas.

Os interesses da classe formada pelos grandes proprietários rurais são defendidos, para promover o status social e refletir o poder que a posse da terra adquiriu em nossa

sociedade, pelos grandes banqueiros, grandes industriais e pela mídia em geral, haja vista que existe o interesse dos poderosos em defenderem-se uns aos outros.

Essa ideia de união de todos em defesa de interesses comuns aparece sendo difundida nos seguintes versos da poesia: “Um dia – Índio Missioneiro, / Rio-grandense – pura flor, / Nós te haveremos de pôr / No trono a que tens direito. / Ombro a ombro – peito a peito, / Com Bandeira e Canabarro, / Como tu – do mesmo barro, / Do qual o Guasca foi feito”.

O fator causador de certa estranheza, que podemos verificar nessa inter-relação baseada na união em defesa dos interesses comuns entre os poderosos e os dominados, é o de que não existe contrapartida, pois, quando se trata das classes menos favorecidas defenderem os seus direitos e necessidades, os que lhes deviam ser solidários ombreiam com seus adversários.

Os porta-vozes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1960, em defesa de uma revolução democrático burguesa como caminho para o socialismo, ingenuamente afirmavam (*Apud.* LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 58): “Comecemos pelo desmonte do elo mais frágil da cadeia – a classe latifundiária, expressão de nosso atraso”. Ledo engano, pois logo perceberam que a classe formada pelos grandes proprietários não era nada frágil e possuía o apoio irrestrito de importantes setores patronais, não necessariamente formados por componentes da classe dos estancieiros.

Discursos semelhantes adotavam as Ligas Camponesas na segunda metade dos anos de 50 e início dos anos de 60, com a seguinte bandeira (*Apud.* LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 58): “Por uma reforma agrária 'na lei ou na marra', para acabar com o latifúndio”. As Ligas conseguiram trazer à tona as lutas sociais e o campesinato como ator político; conseguiram impor limites à “lei da Chibata”; e conseguiram transformar o campesinato e o latifúndio em identidades políticas. Segundo Regina Novaes (*Apud.* LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007. p. 58):

latifúndio a que se opunham os camponeses ou se limitava ao grande proprietário de terra e 'não era uma propriedade agrícola com tais ou quais características. O latifúndio - quase um emblema mítico - sintetizava um conjunto de normas, atitudes e comportamentos atualizados pelo conjunto dos proprietários, respaldados pelo poder local'. Ou seja, latifúndio simbolizava, a partir daquele contexto, opressão e dominação.

Mesmo com as conquistas das ligas camponesas e do PCB, a terra continuou e continua concentrada, inexplorada e inacessível às classes sociais menos favorecidas, sendo que o latifúndio e o poder econômico, político e simbólico dos grandes proprietários de terras, permanecem também intocáveis. O que realmente se verificou, segundo Regina Bruno (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 58):

[...] foi a renovação do poder e a reafirmação da força dos grandes proprietários de terras, expressas na garantia da manutenção da concentração fundiária e, conseqüentemente, na realimentação de seus privilégios de classe e na redefinição de seus poderes econômicos, políticos, sociais e simbólicos.

Com a tomada do poder pelos militares e a conseqüente implantação da ditadura militar no Brasil, o Governo Castelo Branco, para tentar controlar a insatisfação dos movimentos camponeses que ganharam força durante o governo de João Goulart, criou o Estatuto da Terra, Lei 4.504 de 30 de novembro de 1964; o qual se tornou, segundo Regina Bruno (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 60),

[...] campo de disputa e de reapropriação pelos movimentos sociais que lutam pela democratização da propriedade. E os movimentos sociais que lutam pela terra e por direitos conseguiram resgatar do ET os seus aspectos mais avançados, como, por exemplo, o instituto da desapropriação, transformando-os em instrumento de luta.

Os grandes proprietários e os empresários rurais obtiveram uma grande vitória ao amarrarem a lei aos limites de um projeto reformista. O Estatuto da Terra possui as mesmas características de toda a lei, pois é um campo de força e de embate, esse que, segundo Regina Bruno (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 60), ocorre

[...] dentro de certas fronteiras que estão legalmente dadas e que pode, inclusive, dependendo da configuração existente, ultrapassá-las. Ultrapassar as regras do jogo. Mas, como toda lei, pode subverter o instituído, dependendo do perfil do grupo social que a reivindique. [...] o Estatuto da Terra representou muito mais naquela conjuntura; foi um ponto de chegada, e não de partida. E, ao mesmo tempo, impôs um projeto de modernização concentrador e excludente no campo.

Em 1985, com o fim da ditadura, ressurgiram os movimentos sociais do campo, o que parecia ser uma esperança de renovação e de democratização da sociedade e da propriedade da terra, período em que se vislumbrava um novo horizonte nas lutas pelo fim

das grandes concentrações fundiárias, principalmente com o surgimento dos movimentos de ocupação de terra. Porém, houve também uma grande mobilização patronal rural que acabou barrando as esperanças de democratização da propriedade e o livre exercício da cidadania.

A vertente da terra como fonte de riqueza e garantia de poder é que cria a aliança entre a propriedade da terra e o capital, entre renda fundiária e lucro, conforme Guilherme Delgado (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 62): “no Brasil, o capital em geral penetrou fundo no negócio de terras, detendo, sob forma de títulos patrimoniais, os direitos legais sobre vastas extensões de terras ociosas.” Essa veia que a terra adquire como fonte de riqueza faz com que ocorra a mobilização por parte dos grandes proprietários com vistas a barrar os esforços dos movimentos sociais em prol do fim dos latifúndios e de uma melhor distribuição da terra. Nesse sentido Regina Bruno afirma o seguinte (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 62):

(...) a aliança entre a renda fundiária e o capital contribui para instituir novas práticas sociais e de poder, e também para reafirmar velhas práticas. Um dos principais equívocos é a ideia de que o empresário, o banqueiro, o comerciante, o agronegócio são contra o latifúndio e que, em algum momento, podem até se posicionar a favor de uma democratização da propriedade da terra e dos privilégios advindos. Existem diferenças e divergências sim, mas, não esqueçamos, eles sabem que a união é a condição da dominação de classe.

Em face dessas assertivas, percebe-se que, historicamente, a defesa e o apego à propriedade escamoteiam a questão da acumulação desigual da riqueza e faz com que pareça correta a visão de mundo do latifundiário que desconhece, ou finge desconhecer, a função social da terra. Reforça-se, assim, o status “tradicional”, que vê a posse da terra como insígnia de mando, de domínio e de poder, a esse respeito Regina afirma o seguinte (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 64):

No campo simbólico, os grandes proprietários se autopercebem como os desbravadores das terras; civilizadores de uma nação selvagem. Há também o valor dado à propriedade como terra conquistada, aquela que antes era 'nada', 'só mato', que foi de alguma forma civilizada... o que lhes imprime o valor moral daqueles que são admirados e respeitados porque dominaram um ambiente inóspito ou selvagem e o tornaram cultivável e/ou habitável.

Embora, *a priori*, nos pareçam bastante diferentes as classes e grupos patronais, conforme o que nos diz Regina Bruno (LIMA, DELGADO E MOREIRA, 2007, p. 65), quando se sentem ameaçados em seus privilégios como proprietários, demonstram *modus*

*operandi* idênticos, marcados por duas características fundamentais: a concepção da propriedade como direito absoluto e a defesa da violência como prática cabível em nome da defesa do que consideram seus direitos.

A noção de propriedade como direito absoluto constrói, em seu modo de ver o mundo, uma indissociabilidade entre propriedade, violência e intolerância, culminando com a criação de milícias, cercos, vigílias, e os olheiros que controlam a movimentação dos assentamentos, acampamentos e manifestações dos trabalhadores sem terra.

### **3.2 A terra e a sociedade gaúcha nos poemas de Jaime Caetano Braun**

Para analisarmos os efeitos estéticos das poesias de Jaime Caetano Braun, faz-se necessário que, além dos aspectos históricos, também seja considerado o contexto social em que a obra foi produzida, pois, de acordo com Antonio Candido (2000, p. 7): “A Análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel (...)”. Ainda de acordo com Candido (2000, p. 8):

(...) quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica.

Com essa perspectiva é que, neste trabalho, fazem-se as análises de dois poemas retirados do repertório do poeta Jaime Caetano Braun, baseado nos seguintes critérios de Antonio Candido sobre o Estudo Analítico do Poema:

Num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem. O estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e sobretudo, como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele o faz na medida em que se exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e portanto da literatura.

Neste capítulo, como nosso primeiro objeto de análise, escolhemos o poema: “Tronco e raiz de uma estirpe”, que transcrevemos, na íntegra, logo abaixo:

### **Tronco e raiz de uma estirpe (1992)**

Um tiro de boleadeira  
e um balaço de garrucha!  
moldou-se a raça gaúcha  
desconfiada e caborteira  
quando a lança carneadeira  
de taquara chamuscada  
era estandarte e espada  
antes que houvesse fronteira!

Já morria a redução  
e a catequese do monge  
que o pagé olhava de longe  
rezando a contra oração  
pra que um deus de outro chão  
não matasse o que existia  
por que – pra ele – servia  
a primeira religião

Não conseguiram domá-lo  
muito embora a cruz ficasse  
e desse embate sobrasse  
um misto de touro e galo  
por entre assobios de pealo  
de barbárie e de ternura  
definindo uma cultura  
sobre o lombo do cavalo!

E do berro desse touro  
Que repicava na Ibéria  
correu o sangue d artéria,  
índio - pampa – luso e mouro,  
mistura de crina e couro,  
sem dono – sinal nem marca  
que foi liberta e monarca  
desde o primeiro namoro!

Qual o guasca que não venha  
dessa raiz ancestral  
que foi o ponto inicial  
brasa da primeira lenha,  
a senha e a contra-senha  
de negro – de bugre e gringo,  
gaúcho de pampa e pingo,  
tenha a mistura que tenha!

Da leitura do primeiro poema, “Tronco e raiz de uma estirpe”, percebe-se que o autor trata dos processos de miscigenação de raças que viriam a formar a figura do gaúcho de uma forma menos traumática, procurando dessa forma encobrir parte da barbárie vivenciada no processo de formação dos elementos que definiriam o *ethos* do habitante do sul do país, o intuito do autor parece ser o de tornar o mundo mais palatável ao leitor.

Conforme se pode observar nos elementos internos da obra de Jaime, manifestando-se sob vários aspectos, sendo que um deles é marcado pelas várias influências percebidas na linguagem do poeta, em que, conforme podemos constatar, aparecem sendo reveladas pela etnologia de alguns signos linguísticos utilizados por Jaime Caetano Braun, já nas primeiras estrofes da poesia. Alguns exemplos desses signos são os seguintes vocábulos: 1. Boleadeira, termo adaptado do espanhol: *Boleadoras*; 2. Carneadeira: carnear, “retirar a carne do gado abatido”; e 3. Taquara, do tupi *ta'kwara*, “cana brava, oca por dentro”, e *kwara*, “buraco, cova, toca”.

Podemos observar alguns dos aspectos internos, utilizados nas poesias de Jaime Caetano Braun, ligados à morfologia, à rima e à sonoridade, conforme os elementos utilizados em “Tronco e raiz de uma estirpe” que servem para retratar a formação da sociedade gaúcha. Nesse contexto nota-se que o autor utiliza vogais abertas no final de cada verso, fazendo, dessa forma, com que o próprio som pareça querer simbolizar a liberdade que era vivenciada pelo homem no Sul do país nos momentos iniciais da colonização, em oposição à falta de liberdade vivenciada quando começa a “moldar-se” a, nas palavras tanto de Jaime quanto de Lígia Chiappini Morais Leite, “raça gaúcha”.

Nota-se que nos três primeiros versos da primeira estrofe, o autor utiliza os vocábulos “tiro” e “balaço”, e encerra com a nomeação de alguns artefatos, bastante comuns para os gaúchos que lidam no campo, chamados de boleadeira, utilizada pelos indígenas e construída com pedras e pedaços de couro; e garrucha, arma que os espanhóis portavam quando conquistaram a região.

Com isso, o autor acaba assinalando a disparidade entre as forças que se digladiaram pela posse do território que os indígenas habitavam, culminando no terceiro verso com o termo “moldar”, que determina a forma violenta com que os indígenas foram obrigados a aceitar o jugo do invasor, fator primordial que culminou com o surgimento da figura do gaúcho. Essa tendência do artista em utilizar vocábulos que coadunam com a barbárie que se abateu sobre o Sul, durante todo o processo de ocupação e formação inicial dessa região brasileira e do imaginário do povo rio-grandense, relaciona-se diretamente com a participação do gaúcho nas inúmeras guerras para a consolidação e a defesa das fronteiras do Sul do Brasil.

Nos poemas de Jaime, construídos muitas vezes de improviso e à beira do fogo de chão durante as tertúlias realizadas no Sul do país, pode-se perceber que a própria sonoridade das poesias baseia-se na voz potente do autor e na influência do linguajar castelhano. Essas mesmas características já assinalam o modo de ser do habitante do Sul do país e isso se reflete na própria obra, que procura iluminar o embate entre forças díspares, advindas da uma construção norteada por sílabas tônicas, normalmente na penúltima sílaba de cada palavra, marcando uma força maior no centro e uma força menor no final dos versos, determinada pelo uso de fonemas tônicos e átonos, destacando a potência internalizada das forças que estavam em movimento, explodindo no centro e não se realizando no final dos versos, assim como, também, na história do gaúcho parece não se completar a veia revolucionária dos peões, escravos e indígenas, que lutam contra o invasor de terras que não lhes pertencem e continuam passivos em relação ao patrão que os explora e domina.

Essa alienação do gaúcho em oposição ao seu espírito revolucionário, ou com um sentido heróico, conforme é discutido por Ligia Chiappini (LEITE, 1978), aparece nos aspectos da sonoridade da poesia de Jaime como uma espécie de sufocamento dos anseios e do grito de liberdade proferido pela sociedade rio-grandense da época.

Também se percebe o próprio modo de ser afeito às lides do campo e a história de lutas e revoluções. Quando nos debruçamos sobre a escolha dos substantivos e adjetivos dos quatro últimos versos, percebe-se a disparidade de forças e a barbárie que se desencadeou sobre os povos indígenas, a lança carneadeira de taquara faz referência ao holocausto que se abateu sobre as tribos indígenas que defendiam sua terra, sendo ceifadas como gado, frente ao armamento de que dispunham os invasores.

A taquara, que também significa cova, com a qual os indígenas faziam suas armas era como se fosse, realmente, o próprio sepulcro que receberia os corpos dos índios. Até que o estandarte e a espada, que nos remetem aos povos europeus, finalmente definissem as fronteiras, ou seja, delimitassem a cultura e o território que seriam impostos aos nativos habitantes do que é hoje o Sul do Brasil.

Nessas perspectivas podemos analisar nosso segundo objeto de estudo neste capítulo, o poema “Missioneiro”:

#### **Missioneiro (1958)**

Surgindo assim como um duente  
Destes campos e faxinas  
Por entre o meio das ruínas  
Que o tempo jamais apaga,  
Chucro que nem fio de adaga  
Revoluteando aos corcovos  
Sou cria dos Sete Povos  
Nascido em São Luiz Gonzaga

Meu orgulho de gaúcho  
É ser guasca Missioneiro,  
E o velho Santo Padroeiro  
Que levo por onde andar...  
Meu Templo é qualquer lugar,  
Pois pra chiru que se preza  
Lombilho é banco de reza  
E o peito a tábua de altar!

Tenho um Deus, o Deus do Pago  
Protetor desta campina;  
E uma deusa, a minha china  
Amanunciada a capricho...  
Tenho a coordeona que espicho  
Num xote de volta e meia  
Enquanto o pingo escarceia  
Num palanque de bolicho!

Sou português por um lado  
Por outro sou espanhol...  
Fui curtido pelo sol,  
Temperado na inclemência...  
Trago do negro a paciência  
E do bugre o estoicismo,  
E por supremo atavismo,  
Um grande amor à Querência.

Meu relógio é a Estrela D'Alva  
E o grito da jacutinga!  
Tomo banho na restinga  
E me boleio onde quero...  
E como guasca sincero  
Sempre tive muita fé  
Em pena de caburé  
E ferrão de quero-quero

Fui a princípio Charrua  
Vivendo no selvagismo;  
Depois veio o catecismo  
Pregado por voz de Santo  
E debaixo desse manto  
Moldou-se-me a fibratura  
Até que tomei figura  
Com Miguel Borges do Canto!

Desde então tenho passado  
Por grandes transformações!  
Peleei nas revoluções  
Em tudo que foi coxilha...  
Fui centauro farroupilha;  
Soldado de campo e mato,  
Fui Chimango e Maragato

Marcos da história andarilha!

Por isso é que hoje apartado  
Do meu pago de nascença,  
Eu sofro daquela doença  
Muito mais velha que o Chão,  
A contagiosa aflição  
Que nos consome num ai  
E todo o guasca contrai,  
Quando abandona o Rincão!

Sei que não existe cura  
E só me resta o consolo  
Pensar no pago crioulo  
Onde minha' alma se ajoelha,  
E se ao bom Deus der na telha  
Quero, por suprema graça,  
Desconjuntar a carcaça  
Naquela terra vermelha

Ressaltamos inicialmente, o uso de verbos que denotam movimentos relacionados a substantivos que indicam localização, por exemplo, em “andar”, passando pelo substantivo “lugar” com a mesma terminação e denotando localização, culminando com o substantivo “altar”, em referência à religião católica, iluminando o caminho percorrido pelo indígena até a aceitação do cristianismo.

Nesses mesmos vocábulo também se pode perceber outro aspecto da poesia, que aparece na escolha de palavras em que a última sílaba está sendo marcada por uma vogal aberta e oral, com uma abertura bucal que parece querer imitar o grito de liberdade proferido pelo gaúcho, seguida de uma consoante alveolar sonora e vibrante, causando um efeito que se caracteriza pela abertura da boca, sendo travada pelo rápido fechamento provocado pela obstrução ocasionada pela constrictiva vibrante. Essa escolha evoca o grito sufocado e ao mesmo tempo vibrante do homem sulista por liberdade.

Já com o uso de substantivos na ordem histórica inversa, passando da fase de “gaúcho”, para a de “Missioneiro”, e até a chegada dos católicos, representados pelo “Santo Padroeiro”, delimitando, mais uma vez, o caminho histórico percorrido pelo indígena para chegar à configuração atual, passando pela chegada dos padres (Santos Padroeiros), a criação das missões (Missioneiro) e culminando com a sociedade atual (os gaúchos).

A barbárie também é percebida no uso do substantivo “guasca” - que significa laço, demonstrando a forma violenta com que o indígena “chiru” foi forçado a abandonar tudo aquilo em que acreditava, para, assim, abraçar a crença dos padres jesuítas, com a referência feita à figura mítica do Missioneiro.

Também no uso do verbo ser, com significado de existência, em oposição a templo e banco de reza e em concordância a que a religião do índio é qualquer lugar e que o banco onde reza é o lombo do próprio cavalo, demonstram certo desprezo do indígena para com a religião do branco invasor.

Nos dois primeiros versos, o autor assinala o fato de que não existe motivo para se orgulhar, pois “Meu orgulho de gaúcho / É ser guasca Missioneiro”, nessa passagem aparece à contradição em ter orgulho, sentimento que não era próprio do indígena e sim do branco europeu, por aquele ter sido laçado, ou privado da liberdade, para tomar-se católico. Esses versos acabam por iluminar a violência cometida contra os povos tupi-guarani.

Mais uma vez, podemos perceber que aparece o uso do verbo andar no infinitivo e seguido de reticências, conforme se pode observar no quarto verso da primeira estrofe do poema “Missioneiro”: “Que levo por onde andar...”, ao falar da cultura, o autor dá ideia de um movimento continuado e infinito, evocando a perspectiva do tempo da poesia, um tempo que mesmo morrendo nunca se acaba, que revive a cada nova leitura.

Além dos aspectos extrínsecos e intrínsecos das poesias que estamos analisando, também se faz necessário, segundo Massaud Moises (2005, p. 33), que em uma análise literária sejam estudados os elementos formais. Nesse sentido, podemos observar que a poesia de Jaime Caetano Braun, normalmente, apresenta uma estrutura construída em estrofes de oito versos (oitavas), com rimas interpoladas em ABBACDDC, traz um ritmo marcado por uma tonicidade grave ou feminina, com uma sonoridade perfeita marcada por rimas pobres e uma métrica em redondilha maior ou heptassílabo, conforme podemos ver no trecho da primeira parte da poesia “Missioneiro”, com tonicidade nas sílabas 2 e 7 – 1º verso; 4 e 7 - 2º, 3º e 4º versos; 3 e 7 – 5º e 6º versos e 1, 4 e 7 – 7º e 8º versos.

Como é possível perceber, para construir as suas obras o poeta também explorava os elementos internos do texto, tais como as rimas, a tonicidade dos vocábulos, a semântica. Todos voltados para criar os efeitos mesmos das ideologias identificadas nos elementos externos, os quais o poeta procurava difundir em poemas em que narrava: a historicidade do gaúcho; o resultado da mistura das raças; e o trabalho do homem rural, sempre em consonância com os elementos da natureza. Jaime, com a estrutura explorada em suas poesias, vai pintando um quadro em que dá a ver o habitante do Rio Grande do Sul sendo reconhecido na pluralidade do ser, ao labutar e tentar sobreviver em meio a um ambiente que se afigura de forma bastante brutal; essa mesma violência aparece na escolha dos fonemas tônicos e abertos que marcam uma entonação forte, conforme é utilizada nas declamações das poesias do *Payador*.

Analisando o poema “Missioneiro”, que faz parte da coletânea de poesias: *De Fogão em Fogão*, publicado em 1958, pode-se observar que, assim como em “Tronco e raiz de uma estirpe”, o autor faz referência ao mesmo período de tempo em que se determina o surgimen-

to da figura do homem gaúcho, mesmo o poeta estando em momentos diferentes e conturbados na história da nação brasileira, o primeiro poema surge na época em que o Brasil passa a participar da Segunda Guerra Mundial, período do qual historiadores como Koshiba e Pereira (2003, p. 461) dizem o seguinte: “(...) o triunfo das forças liberais do mundo contra a barbárie fascista pôs o Estado Novo em posição extremamente incômoda. No dia seguinte ao final da guerra, a ditadura de Vargas já não tinha lugar, pois havia sido atropelada pelos acontecimentos”.

É nesse período histórico que ocorre no Brasil a queda do Estado Novo, período que abarca: a anistia dos presos políticos, entre eles o líder comunista Luís Carlos Prestes, encarcerado desde 1936; a queda de Vargas; e o início da redemocratização. Após a queda do Estado Novo, surge um clima favorável à continuidade da República, mas com uma política autoritária, marcada pela perseguição aos comunistas brasileiros, o que está relacionado à conjuntura mundial que, com o declínio da hegemonia da Europa e a mudança do eixo das relações internacionais, deslocou o seu centro para as superpotências em ascensão: Estados Unidos e União Soviética, assinalando o início da Guerra Fria.

Neste contexto, em 1946, realizaram-se as eleições para a Presidência da República e para a Assembléia Constituinte, marcando o início da democracia no Brasil. A esse respeito Koshiba e Pereira (2003, p. 467) dizem o seguinte: “entre 1946 e 1964, firmou-se a crença de que era possível criar uma sociedade mais justa no Brasil. Em grande parte, essa crença estava ligada à presença dos trabalhadores no cenário político, e essa foi a grande novidade da época”.

No cenário descrito acima ocorre o segundo período da Era Vargas, fase em que se dá a entrada das classes populares no cenário político, fenômeno que, além de ter ocorrido no Brasil, também pode ser percebido em outros países da América Latina, da Europa e nos Estados Unidos, esse fenômeno tem suas raízes no eixo revolucionário dos bolcheviques na Rússia em 1917.

É dentro desse contexto histórico, vivenciado no Brasil em sua época, que o *Payador* escreve uma poesia em que narra o passado de lutas ocorridas na região Sul do país, durante a colonização, procurando recuperar o “Mito do Herói Gaúcho”, segundo as seguintes conclusões a que chegou Ligia Chiappini (LEITE, 1978, P. 203) sobre o Regionalismo gaúcho da década de 20:

Aparentemente, a atitude pessimista é mais crítica que a atitude otimista. Alcides Maya teria tido um papel desmistificador e os escritores da década de 20, em que se acentua o otimismo, teriam regredido a uma representação ro-

mântica do gaúcho, do tempo de Apolinário a Alencar<sup>31</sup>, por motivos claramente ideológicos: o Rio Grande, dos anos 20, fazendo renascer um gauchismo idealizante, estaria se enquadrando no panorama geral de euforia, que caracterizou o pensamento das classes dominantes do Brasil depois da guerra e, através da apoteose da figura do gaúcho-herói, reacendia o sentimento regionalista, canalizado para todas as lutas políticas do estado, e que tão útil se mostraria mais tarde, na propaganda da Aliança Liberal e da Revolução de 1930.

Jaime procura reafirmar os conceitos de ilibada moral e heroísmo do gaúcho e, assim, elevar o habitante do sul a uma categoria superior, pretendendo que fosse reafirmado o direito a que os políticos gaúchos, haja vista a ideologia criada pelo regionalismo rio-grandense-do-sul, ocupassem posições privilegiadas. Essas características percebidas na obra de Jaime Caetano Braun relacionam-se com a criação de ideologias que reafirmem o direito a dominação baseada em uma suposta superioridade, a exemplo do que ocorreu na colonização.

Para escapar da bruta realidade e criar um mundo idealizado, em que o povo gaúcho aparece em condições diferentes do que realmente ocorre no Sul, o *Andarengo*<sup>9</sup>, como também era conhecido o poeta Jaime Caetano Braun, cria um mundo à parte do real, mais ameno e cheio das virtudes que o poeta idealiza no homem gaúcho.

Nesse sentido, “Missioneiro” já dá a ver a influência sofrida pelo poeta Jaime Caetano dos regionalistas gaúchos de 20 e é sob essas influências que Jaime Caetano Braun cria um mundo cheio do saudosismo de um tempo em que o homem, aparentemente, levantava-se contra a barbárie, lutando pelos ideais de liberdade e fraternidade para todos, direitos esses que acreditava possuir, enquanto, na realidade, era dominado pelo processo avassalador do capitalismo.

Essa possibilidade de narrar, quase duzentos anos depois do surgimento e consolidação, no Rio Grande do Sul, do elemento reconhecido como gaúcho, a mesma problemática percebida historicamente, isto é, que assim como o indígena foi expulso da terra e ficou sem meios de subsistência, também, hoje, o homem rural vê-se desprovido dos meios que possibilitem a sua sobrevivência, indicando que essa situação ocorre ainda nos dias atuais na sociedade gaúcha, surge daí a necessidade do poeta de retomar uma composição em que o homem ainda aparece em luta constante pelos direitos de posse da terra.

O poeta, em um período de trinta anos, entre a publicação de um poema e doutro, traz à luz a verdade incontestável de que a problemática existente no Brasil, no período de coloni-

---

9. Andarengo - adj (andar+engo) 1 Que anda muito; andejo. 2 Que muda frequentemente de lugar, ou sítio. 3 Que percorre muitas terras. sm Indivíduo que percorre muitas terras; andarilho.

zação e ocupação da terra, mesmo na modernidade, ainda continua, e que uma mudança de política interna, conforme ocorreu nos últimos anos no Brasil, em que se passou da barbárie de um sistema ditatorial para um sistema democrático, não foi suficiente para que esses problemas históricos, da forma como têm sido percebidos e retratados ao longo de nossa história, fossem solucionados.

Jaime, nas duas poesias que estamos utilizando como objeto de análise: “Missioneiro” e “Tronco e raiz de uma estirpe”, assim como em toda a sua obra, construída ao longo de quase 50 anos, leva a perceber que, depois de enfrentar o período mais duro de sua história, a sociedade local, representada na figura do gaúcho, assim como a brasileira, vive ainda em um sistema no qual faltam os meios básicos para a sobrevivência e, principalmente, não existe para o trabalhador a possibilidade de alcançar a verdadeira liberdade.

Da análise do seguinte trecho de “Missioneiro”, é possível perceber o ritmo dos quatro primeiros versos, com tonicidade construída de forma cadenciada e harmônica, fazendo com que a construção da “raça do gaúcho” fosse feita de maneira semelhante ao trabalho manual de um artesão, que exige paciência e uma certa concentração:

Um tiro de boleadeira  
e um balaço de garrucha!  
moldou-se a raça gaúcha  
desconfiada e caborteira  
quando a lança carneadeira  
de taquara chamuscada  
era estandarte e espada  
antes que houvesse fronteira!

O ritmo marcado pela sonoridade de uma construção mais harmônica, com tonicidade nas 2<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup> e 7<sup>o</sup> sílabas, revela uma certa harmonia nos quatro primeiros versos, fazendo lembrar do trabalho manual do homem, que requer um tempo mais lento e cadenciado, como se o artista quisesse dar a perceber que o trabalho do poeta, da mesma forma que o do homem, é feito artesanalmente, de forma: lenta, contínua e gradual.

Essa estrutura coaduna com a perspectiva de “moldar”, encerrando o período em que o autor narra como acredita ter se dado a formação do povo gaúcho. Após discorrer sobre a sua visão subjetiva da formação do habitante do Sul, o poeta termina por relacionar duas características que acredita serem próprias do homem sulista, que se relacionam com as características do cavalo: como principal meio de transporte do gaúcho; como companheiro em jornadas; como instrumento facilitador do trabalho na agricultura, e como montaria nas diversas revoluções que marcaram a historicidade do habitante rio-

grandense, comprovando que o ritmo é construído com a intenção de refletir o trabalho do homem e a convivência com os animais de montaria, cujo passo também é cadenciado e moroso.

Após os quatro primeiros versos, pode-se perceber, nos próximos dois, o surgimento de uma construção sonora em que ocorre a predominância de vogais abertas, marcando, na estrutura do poema, a contradição existente entre certa acomodação do homem ao jugo que lhe era imposto em face de barbárie, acomodação essa percebida também na estrutura da poesia pela neutralidade dos quatro primeiros versos.

Quando o poeta passa a narrar os horrores da carnificina deflagrada contra os indígenas na época da Guerra Guaranítica, o que se pode inferir principalmente pela escolha do vocábulo “carneadeira”. Percebe-se, também, a contradição da passagem de um ritmo em que havia um certo equilíbrio entre vogais abertas e recolhidas, passando a um ritmo marcado pela predominância dos fonemas abertos e com uma ocorrência maior de vogais que nos remetem a escuridão.

Essa estrutura marca a passagem de um momento de aceitação da dominação para um tempo em que o homem tenta reagir, da mesma forma que a escolha dos elementos da estrutura interna do poema também parece querer bradar, como se pode perceber pelo uso das vogais abertas, contra a submissão à barbárie.

Após essa espécie de reação em cadeia ocorrida no trecho do poema que diz: “quando a lança carneadeira / de taquara chamuscada / era estandarte e espada / antes que houvesse fronteira!” Pode-se perceber que nos 5º e 6º versos há uma predominância de vogais abertas, no próximo verso novamente ocorre um equilíbrio entre o ritmo sonoro dos elementos internos da poesia, desta vez entre os fonemas abertos e os escuros, como se o poeta tivesse que calar, frente aos horrores da barbárie que se desencadeou todas as vezes em que houve uma tentativa de reação. A estrutura do poema, mais uma vez, reflete a experiência mesma da vida do ser; no 7º verso o poema cala frente às potências dos sons mais escuros que abafam o grito por liberdade que parece ter se manifestado com a ocorrência das vogais abertas. No 8º verso, com o equilíbrio existente entre as vogais com sons escuros e fechados, e, ainda, com a ocorrência do fonema \ e \ apoiando o \ t \, consoante oclusiva, surda e linguodental, torna-se mais visível o silêncio imposto ao poeta.

O quadro pintado por Jaime Caetano Braun ilumina a configuração da sociedade gaúcha com todos os seus conflitos antropológicamente construídos e mostra a origem rude do homem sulista, conforme pode ser percebida na própria linguagem do habitante do pampa, assinalado por um modo de falar que apesar de ser seco é, também, cantado, mostrando, claramente, que a gênese em que surge a figura do habitante do Sul do país é parte da barbárie cometida pelo invasor branco, pois mistura a ingenuidade e até certo ponto a docilidade do indígena – na forma como é retratada na estrutura da obra

composta pelo poeta, assim como também aparece na musicalidade do modo de falar do gaúcho, em oposição ao temperamento brutal e violento, característicos do invasor europeu – conforme é retratado na entonação forte e na segura do modo de se expressar do habitante do sul do país.

Essa dicotomia pode ser percebida na formação da língua e dos costumes do gaúcho e é retratada nas poesias de Jaime, pois a linguagem utilizada por esse poeta é marcada por vocábulos originados do espanhol, das línguas indígenas e do português. Essa influência, percebida no dialeto falado no Rio Grande do Sul, explica-se pela miscigenação entre as diversas etnias que se encontravam nessa região na época da colonização e que permaneceram praticamente isoladas, até que se demarcassem definitivamente as fronteiras no sul do Brasil.

O trabalho realizado pelo poeta faz com que, dos vocábulos escolhidos para compor os elementos internos da poesia de Jaime, já seja possível perceber a contradição presente na linguagem poética, provocada pela mistura das raças que vieram a formar o povo gaúcho em face da violência que se deu nesse mesmo contato. Sendo assim, percebe-se que, além dos fatores externos explorados na poesia de Jaime Caetano Braun, também podemos verificar, na estrutura interna das obras desse autor, o resultado linguístico e cultural advindo da influência da mistura das diversas etnias que formaram a gesta do gaúcho.

Pode-se perceber que, graças aos aspectos do vocabulário marcado pela variação linguística resultante da influência de outros povos na formação sociocultural do gaúcho, conforme aparecem na estrutura da poesia de Jaime, o autor consegue revelar a barbárie levada a efeito contra os povos indígenas no processo de ocupação da terra na região Sul do Brasil.

Na poesia de Jaime Caetano Braun, a terra aparece sendo tratada metaforicamente como se possuísse atributos humanos, o que denota o sentimento íntimo que liga o rio-grandense à pátria. Pode-se observar que com a utilização da metáfora o autor narra a trajetória histórica do gaúcho, conforme aparece na segunda parte da poesia “Legenda Pampa”(BRAUN, 1982, p. 85):

## **Segunda Parte**

### **A EPOPEIA**

Esse o Rio Grande campeiro  
que cresceu — sem ser criança,  
sempre escorando na lança  
o velho Pai Brasileiro.  
Quase, como que, estrangeiro  
no brasílico critério,  
o rude — o inculto, o gaudério,

eterno guardião da terra,  
apenas bucha de guerra  
para os Patrões do Império!

É tão grande a prepotência  
com que é tratado e havido;  
na Corte 'mal recebido  
até — às vezes — com violência,  
que os filhos desta Querência  
resolvem mudar de fala  
e o gaúcho se abaguala  
porque não aguenta mais  
e quer saber, dos demais.  
se pensam que isto é Senzala!

Vinham de longe — porém,  
a incompreensão e o atrito  
e o rio-grandense proscrito  
ao mais odioso desdém  
sem que na Corte — ninguém,  
ouvisse ponderações,  
por isso as exortações  
do Condestável Sulino  
acordaram — como um sino,  
a peonada dos galpões!

Ela sentira os rumores,  
chegados de além Querência,  
com vozes de independência  
e libertários clamores;  
ouvindo mesmo — os clangores  
que acordaram a coxilha,  
trazendo em cada rodilha,  
um lamento da nobreza  
que as notas da Marselhesa  
sepultaram na Bastilha!

Um dia — tanto descaso  
que chegava ao desaforo,  
tanta falta de decoro  
tinham de ter um ocase  
e o guasca — soldado raso,  
que não nasceu pra vassalo,  
tendo a glória a emoldurá-lo  
compôs nos pampas, um hino  
e alçou seu próprio destino  
sobre o lombo do cavalo!

E as falanges Farroupilhas  
vão engrossando de arranco!  
índio — Negro — Pardo e Branco,  
mais rijos que corunilhas!  
São andejos das coxilhas,

cruzadores das fronteiras  
que se agrupam nas fileiras  
vindos de plagas remotas,  
das charqueadas de Pelotas  
às estâncias Missioneiras!

São os negros — libertados  
por decretos de alforria  
compadreando a autonomia  
dos recém-emancipados;  
são charruas desconfiados,  
mas que lutam sem receio;  
e o estancieiro que veio,  
junto a indiada das fazendas,  
pra reviver as legendas,  
ou morrer sobre o arreo!

É nesse contexto que o autor narra a situação vivida pelo gaúcho, quando esse sente seus direitos sendo espoliados pela coroa, haja vista a falta de indenizações provenientes da participação em guerras e ao aumento do imposto devido pela comercialização do charque, e decide promover a revolução denominada mais tarde de “Farroupilha”.

Neste momento histórico, podemos verificar que já está completamente formado o perfil do habitante do Rio Grande do Sul e que esse se identifica mais como gaúcho, indivíduo formado pelos descendentes dos portugueses, espanhóis, negros e índios, os quais, após séculos de conflitos, acabaram formando um novo elemento.

É em uma nova configuração social, em que inimigos ferrenhos, representados pelo invasor e feitor de escravos, e os expurgados de sua própria terra e, até pouco tempo antes das revoluções fratricidas gaúchas, escravos; resolvem unir-se em torno de um ideal de defesa da pátria, essa que poucos anos antes os gaúchos nem possuíam, conforme Auguste de Saint-Hilaire descreve em *Viagem ao Rio Grande do Sul*, ao referir-se ao brado dos nômades, frutos da miscigenação entre os europeus, mais especificamente espanhóis, índios e negros, conforme o seguinte trecho (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 170):

Estes homens sem religião e sem moral, a maior parte índios ou mestiços, que os portugueses designavam sob o nome de *Garruchos* ou *Gaúchos*, e cujos costumes já descrevi, não tardaram a se reunir a Artigas e a seus chefes, quando estes desfraldaram a bandeira da revolta. O brado de 'Viva La Pátria!' não era para eles senão o sinal de pilhagem; algumas vezes apoderavam-se do gado para vendê-lo e jogar com o dinheiro que por ele recebiam. Matavam-no sem necessidade e nem lhe tiravam o couro. Cada comandante não passava de um chefe de facínoras que, na maior parte do tempo, agia por conta própria, não obedecendo as ordens de ninguém. O amor da pilhagem e da licenciosidade era a motivação do soldado, o amor do comando, o estímulo do chefe. Estes homens, entretanto, tinham sempre na boca a palavra

**pátria**, e as pessoas estavam tão acostumadas a ouvi-la repetir que o tempo em que o governavam os insurgentes é conhecido na região como o **tempo da Pátria. (grifo meu)**

O grito de “Pátria”, que segundo Jaime Caetano Braun foi lançado pelos indígenas e mestiços que haviam sido expulsos das Missões e vagavam sem destino pelo pampa, retrata o desejo universal do homem por dignidade, por cidadania e por ter uma terra que possa chamar de sua. A figura do indígena Sepé Tiaraju, como já visto anteriormente, mesmo que não seja mais a do verdadeiro nativo encontrado nas terras brasílicas, por formar um personagem mais de acordo com a ideologia das classes dominantes, conforme criado pelos autores árcades e românticos, faz renascer o mito universal do homem em luta pela terra.

As Guerras Guaraníticas foram o conflito que fez com que Sepé bradasse a plenos pulmões que “**essa terra tem dono**”. Mas, “dono” não deveria ser aquele que se intitula assim por considerar-se mais forte, por ver-se em situação de superioridade ou pela posição social que ocupa, mas, sim, aquele que necessita da terra para sobreviver.

O tradicionalista gaúcho Antônio Augusto Fagundes nega ser de Sepé Tiaraju o brado do herói indígena pela terra, mas a autoria dessa manifestação de revolta é indiferente, se é que existiu realmente tal grito, pois poderia ter sido de qualquer um, ou, ainda, não havia necessidade de que fosse proferido, pois, de qualquer forma, ele freme nas vozes daqueles que percebem que a luta pelos direitos de cada um é um dever primordial de todos os seres racionais e, em consequência, que sabem se posicionar e tomar partido em relação à sociedade que nos cerca, pois, como disse o professor Paulo Freire (1996, p. 77): “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”. Essa escolha pode ser a favor dos poderosos, na ânsia de assim também poder vir a ser favorecido de alguma forma, ou na dos miseráveis, na dos marginalizados, e, assim, na da própria consciência humana.

Em suas obras, o poeta Jaime Caetano Braun nos fala do anseio do homem pela conquista de um pedaço de terra, que lhe dê as condições necessárias para permanecer nele e que, além de possibilitar a sua sobrevivência, também possibilite relacionar-se harmonicamente com o meio em que vive, em face de sua situação de indivíduo afeto e extremamente ligado às lides do campo. Ao homem rural essa conquista parece ser o prêmio, bem merecido, pelas suas lutas constantes em prol da preservação da terra que era de outros, sem, no entanto, nunca ter conquistado nada de realmente seu. Podemos perceber esse grito de revolta fluindo da seguinte poesia de Jaime Caetano Braun (2002, p. 21):

### Da terra nasceram gritos

Mataram meus infinitos  
e me expulsaram dos campos;  
da terra nasceram gritos,  
dos gritos brotaram cantos!

E me fiz canto  
de tropeiros e ervateiros,  
rasgando sulcos,  
com arado e saraquá;  
nas alpargatas dos "quileiros" e "chibeiros",  
andei as léguas  
de Correntes e Aceguá!

Meu canto é rio,  
meu canto é sol,  
meu canto é vento,  
eu tenho pátria,  
eu tenho berço,  
eu tenho glória,  
eu só não tenho terra própria  
porque a história  
que eu escrevi,  
me deserdou no testamento!

De qualquer forma — bem ou mal,  
não emociono,  
os que combatem  
as verdades do meu canto;  
sem ter direito de comer  
nem o que planto,  
só não entendo,  
é tanta terra  
e pouco dono!

Mas mesmo assim,  
tenho pra dar,  
um outro tanto,  
se precisarem do meu sangue  
noutra guerra;  
mesmo sem terra,  
hei de voltar grito de terra,  
pelo milagre  
das espigas do meu canto!

A obra do *Payador* é um grito de revolta contra a situação dos infindáveis “Sem Terra”, que muito provavelmente o poeta encontrou: nas reuniões ao redor do fogo de chão, oportunidade em que declamou suas poesias, a grande maioria, como diz Mozart Pereira Soares (*Apud*. BRAUN, 1982, p. 10), feitas de improviso e, por isso, perdidas no

esquecimento ao longo do tempo; nos galpões dos CTGs; nos rodeios e nas rondas das quais participou. A tendência do artista em falar de um passado glorioso serve para tentar dissimular um presente vergonhoso e um futuro quase sem expectativas para os pobres no Brasil.

Porém, do que se percebe superficialmente na poesia de Jaime Caetano Braun, não aparece claramente a barbárie cometida contra os povos indígenas e tampouco o sangue derramado pelo negro escravizado, que ficou salpicado pelos pelourinhos das senzalas e encharcou o couro dos tentos insensíveis da chibata. O apego do gaúcho à querência<sup>10</sup>, conforme é cantado pelo poeta, explica-se, também, pela tradição de uma história desconstruída pela óptica do mais forte e que foi profundamente assimilada pelo povo gaúcho, geração após geração.

O homem assimila, aceita e submete-se aos desígnios da classe dominante, passando a considerar como verdadeira a realidade criada pelo poeta, que, por sua vez, também, foi determinada ao autor pelos mecanismos mesmos que subjugam o povo, dado que o poeta, antes de ser o autor da sua própria história, também é subordinado ao meio em que se manifesta a sua obra.

A acomodação é o efeito que ocorre com o leitor de Jaime Caetano Braun, pois o autor executa o seu trabalho de intelectual, a partir de conceitos arraigados nos costumes populares considerados de suma importância e que, por isso, despertam e encantam o interesse do público alvo da obra.

Nesse sentido, pode-se observar que toda a história de formação do povo identificado como gaúcho está, de certa forma, condensada na poesia “Legenda Pampa”, “para o bem ou para o mal”, o leitor é elevado ao mesmo nível de linguagem e a mesma compreensão de mundo difundida pelo poeta.

Na nova perspectiva de mundo criado pelo poeta, o homem gaúcho encanta-se com a narrativa e passa a aceitar como verdadeiro o que é descrito no poema, mesmo que esta descrição não se refira exatamente ao que pode ser aceito como real. Nesse momento ocorre o encantamento que faz com que o mundo criado pelo poema passe a ser considerado pelo leitor como verossímil.

---

10. Querência: Regionalismo: Minas Gerais, Rio Grande do Sul. Lugar onde o animal foi criado ou onde se acostumou a pastar, e para o qual volta, por instinto, se dali for afastado. 2 Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Rio Grande do Sul. Local onde se nasceu, se criou ou se acostumou a viver; pago, pátria, rincão, torrão. 3 Regionalismo: Rio Grande do Sul. Ponto de reunião habitual dos colegas de uma roda social.

Na poesia de Jaime, em um nível mais profundo, talvez até mesmo sem a intencionalidade do autor, aparece a imagem do homem gaúcho como sendo o fruto da mistura das etnias que se encontraram no Sul do país, nessa visão a própria constatação da miscigenação serve como denúncia da existência da barbárie, que se deu com o estupro da cultura e das mulheres negras e indígenas durante a ocupação do território.

Comprovadamente, de acordo com os registros históricos, desde que o cientista francês Auguste de Saint- Hilaire, no início do século XIX, fez as primeiras anotações sobre a sociedade que podia ser encontrada no então nascente Rio Grande do Sul – na época em que ainda era conhecido como Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, até o início do século XXI, com o que nos dizem Aryon D. Rodrigues e Gilberto Freyre, a relação entre os povos que originaram a estirpe do gaúcho não foi nada dócil, mas sim, bastante violenta, ao contrário do que é decantado pelo poeta Jaime Caetano Braun.

Mesmo assim, o homem gaúcho ao tomar contato com os versos do *Payador* passa a aceitar que as relações humanas vivenciadas na época, que está sendo descrita na obra, ocorreram exatamente como o poeta pretende que o mundo seja percebido. O autor repassa ao leitor a sua visão de mundo e, a partir da leitura dos poemas, esse mundo idealizado passa a sobrepular o concreto e o que até então era concreto, aceitável, real, palpável, deixa de existir. Nessa perspectiva é que se cria uma visão da realidade mais palatável ao público leitor e mais de acordo com o mundo idealizado pelo autor.

No poema *Galo de Rinha*, por exemplo, pode-se perceber como se dá esse processo a partir de elementos metafóricos para representar o homem gaúcho em meio à luta pela sobrevivência. Nesse contexto, o poeta lança mão da figura do galo de rinha, emblemática na cultura gaúcha, em uma passagem na qual o galo encontra-se em um combate pela preservação da própria vida, representando, dessa forma, a luta do próprio homem pela sobrevivência. Nessa composição, o autor apresenta um animal personificado, dotado de elevado senso moral e com outras características que são próprias somente dos seres humanos, tais como: valentia e altivez, conforme podemos verificar no poema abaixo:

#### **Galo de Rinha**

Valente galo de rinha,  
guasca vestido de penas!  
Quando arrastas as chilenas  
No tambor de um rinhedero,  
No teu ímpeto guerreiro  
Vejo um gaúcho avançando

Ensangüentado, peleando,  
No calor do entreveiro !

Pois assim como tu lutas  
Frente a frente, peito nu.  
Lutou também o xirú  
Na conquista deste chão...  
E como tu sem paixão  
Em silêncio ferro a ferro,  
Caía sem dar um berro  
De lança firme na mão!

Evoco nesse teu sangue  
Que brota rubro e selvagem.  
Respingando na serragem,  
Do teu peito descoberto,  
O guasca no campo aberto,  
De poncho feito em frangalhos.  
Quando riscava os atalhos  
Do nosso destino incerto!

Deus te deu, como ao gaúcho  
Que jamais dobra o penacho,  
Essa de altivez de índio macho  
Que ostentas já quando pinto:  
E a diferença que sinto  
E que o guasca, bem ou mal!,  
Só luta por um ideal  
E tu brigas por instinto!

Por isso é que numa rinha  
Eu contigo sofro junto,  
Ao te ver quase defunto.  
De arrasto, quebrado e cego,  
Como quem diz: "Não me entrego,  
Sou galo, morro e não grito,  
Cumprindo o fado maldito  
Que desde a casca eu carrego!"

E ao te ver morrer peleando  
No teu destino cruel.  
Sem dar nem pedir quartel.  
Rude gaúcho emplumado.  
Meio triste, encabulado,  
Mil vezes me perguntei  
Por que é que não me boleei  
Pra morrer no teu costado?

Porque na rinha da vida  
Já me bastava um empate!  
Pois cheguei no arremate  
Batido, sem bico e torto ..  
E só me resta o conforto

Como a ti, galo de rinha,  
Que se alguém dobrar-me a espinha  
Há de ser depois de morto!

No poema Galo de Rinha, o autor utiliza-se de recursos internos, tais como a prosopopéia, e lança mão de uma linguagem com vocábulos que reafirmam a formação do povo gaúcho, pois trazem as marcas da influência do espanhol, do indígena e do português. Ao mesmo tempo em que traz à tona os elementos externos percebidos na sociedade gaúcha, em que o homem, mesmo sendo um ser racional, luta e promove a barbárie da mesma forma que os seres irracionais, utilizando como justificativa os valores morais reafirmados no ideal de fraternidade e liberdade para todos, que freme em todo o discurso contido nas obras de Jaime Caetano Braun, ou seja, o discurso do autor traz à tona ideologias que deveriam promover a paz social enquanto, ao invés disso, utiliza esse mesmo discurso para justificar a barbárie.

O autor provoca uma redução do mundo saturado de violência em uma infinidade de lutas em nome de ideais muitas vezes duvidosos. Tratando desse tema e tentando justificar a barbárie, na verdade o autor acaba por trazer à luz o fato de que o homem é o único animal que celebra a barbárie de forma consciente, ao contrário dos outros animais que só agem por instinto de sobrevivência. O mundo representado pelo autor trata de um ser racional que age reiteradamente de forma irracional, e que desaprendeu a viver em harmonia com o outro e com a natureza.

A menção feita reiteradamente por Jaime Caetano Braun, até mesmo de forma saudosista, a um tempo em que o homem convivia com a natureza de forma amigável e harmônica, faz desejar que se retorne a um tempo em que não havia máquinas a disputar espaço e trabalho com o homem, e que seria possível promover a preservação do meio-ambiente baseando-se no respeito à vida humana, sem a sandice do capitalismo selvagem, e na distribuição equitativa dos bens inalienáveis, que deveriam ser a terra e a vida.

A terra e a representação dos costumes da sociedade gaúcha, juntamente com a fé, são as bases do projeto da obra de Jaime Caetano Braun. Jaime produziu poemas ligados ao tema da fé, que sempre foi um dos fatores primordiais para a garantia da dominação, pois é ela que permite aos poderosos inculcar, desde o modelo de servidão celebrado na Idade Média, o temor do castigo e da perdição eterna, isso caso não sejam seguidas as leis da Igreja, que normalmente são a favor da hegemonia dos poderosos sobre as classes menos favorecidas e da aceitação da miséria como fator social decorrente da natureza humana.

Nesse sentido, de acordo com o professor Paulo Freire (1996, p. 83), “É importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação”, mas, o mesmo professor, a respeito da aceitação dessa situação por parte das pessoas, nos diz o seguinte (FREIRE, 1996, p. 83): “Enquanto sentirem assim, pensarem assim e agirem assim, reforçam o poder do sistema. Se tornam coniventes da ordem desumanizante”. O professor Freire, a respeito dessa ideologia, pregada por uma parte da igreja tradicionalista e pelos neoliberais, ainda nos diz o seguinte (1996, p. 127):

A capacidade de nos *amaciar* que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder.

Essa capacidade de que nos fala o professor Paulo Freire é visivelmente instituída em nossa cultura pela religião, e a presença do elemento religioso na poesia de Jaime Caetano Braun também gera o efeito de amenizar os contornos da disputa pela terra na região Sul. Conforme podemos perceber na poesia “Prece” em que Jaime Caetano Braun, nos diz o seguinte (BRAUN, 1992, p. 19):

### **Prece**

A terra que eu carpo  
tem erva daninha,  
devia ser minha  
por lei de família!  
e os sonhos que eu sonho  
também deveriam  
se a pátria que eu amo  
fizesse a partilha,  
dos tempos que andam  
ficaram as sendas,  
porém os que mandam  
só pensam em vendas!

A terra de todos  
pertence a tão poucos,  
talvez por que tantos  
deixaram que seja  
não há quem proteja  
de abusos e agravos  
e o canto dos bravos  
quer pátria pra todos

distante dos lodos,  
saraus e conchavos!

E o céu desta terra?  
será que venderam  
a herança mais bela  
da flor amarela  
da nossa fortuna  
se a própria laguna  
tem céus dentro dela?

Sinuelo dos tauras!  
Bandeira dos livres!  
Eu sinto que vives  
flameando nas almas!  
Aos incréus que dirigem  
inspira e acorda  
com a luz que recorda  
o berço e a origem!

Em “Prece”, Jaime Caetano fala do homem que trabalha a terra, sabendo que nunca será seu dono, e que possui a consciência de que esse bem precioso que deveria ser de todos, pertence a bem poucos. No final da poesia ele clama a dois entes que subsistem na cultura gaúcha, de um lado o “sinuelo<sup>11</sup> dos tauras”, numa clara alegoria entre o animal dócil, que guia aos outros mais bravios, e a mansidão aparente que é identificada na figura do homem do campo, e, por outro lado, faz referência à “bandeira dos livres”, que se identifica com a fúria dos homens que lutaram por séculos para conquistar e manter o território e, depois, pelo reconhecimento dos seus direitos, que consideravam não estarem sendo respeitados pelo Estado. Trata-se, mais especificamente, da bandeira levantada pelos farrapos que está sempre presente na poesia de Jaime, para o bem ou para o mal. Mais uma vez percebe-se o anseio por uma distribuição justa da terra: “(...) A terra de todos / pertence a tão poucos, / talvez por que tantos / deixaram que seja / não há quem proteja / de abusos e agravos / e o canto dos bravos / quer pátria pra todos / distante dos lodos / saraus e conchavos! (...)”.

Os fatores negativos que resultaram na perpetuação dos latifúndios e na problemática da terra, conforme também aparecem nos seguintes trechos da poesia “Prece”, de Jaime Caetano Braun: “A terra que eu carpo / tem erva daninha, / devia ser minha / por lei de família! / e os sonhos que eu sonho / também deveriam / se a pátria que eu amo / fizesse a partilha, / dos tempos que andam / ficaram as sendas, / porém os que mandam / só pensam em vendas!”, são os reflexos de uma má distribuição histórica da terra no Brasil, cuja origem está

---

11. Sinuelo - porção de gado, acostumado a ser conduzido, que se junta aos bois e cavalos bravos com a finalidade de a estes servir de guia.

no modelo de distribuição realizado de acordo com as imposições da metrópole, e, mais tarde das classes dominantes locais.

A literatura é parte integrante da cultura e, como tal, deve ser pensada em relação à práxis social. Nesse sentido, a poesia de Jaime Caetano Braun, conforme já foi possível perceber até este capítulo, acaba por revelar a sociedade rio-grandense-do-sul, recriada sob as perspectivas do autor e sob os influxos a que a sua criação está sujeita. De toda forma, com suas contradições, a poesia de Jaime Caetano Braun, procurou discutir sobre o cotidiano do homem gaúcho, considerando as características específicas da região e as relações de poder que nela foram colocadas em jogo. É de acordo com esse viés, que podemos analisar poesias como “Chimarrão do sem destino” (BRAUN, 2002, p. 83):

### **Chimarrão do sem destino**

Meu amigo — meu irmão,  
de campo — serra e fronteira,  
alma da terra e tranqueira,  
da gaúcha tradição,  
prepara o teu chimarrão  
pra que o mundo inteiro tome.  
Mate amargo! santo nome  
na religião dos ansejos,  
os que beberam teus beijos  
não podem morrer de fome!

Poder não deve — mas pode,  
não há quem dome o destino,  
o índio do campo fino,  
como o da barba de bode  
que fez dum fio de bigode  
seu código e documento,  
agora é um pária ao relento,  
sobra de tempo e de guerra,  
porque os que domam a terra  
não constam do testamento!

Tetraneto dos andantes  
que domaram a lonjura,  
testemunhas da escritura  
das epopeias de dantes,  
hoje — apenas retirantes,  
sem nada — além de ser nada;  
a tropilha desgarrada,  
sem rumos — analfabetos  
que se integram nos decretos  
da história desmemoriada!

O mate é teu — desgarrado,

da esperança e da fortuna,  
aqui no fogão — tribuna,  
de todo o abandonado,  
te vejo triste — atirado,  
lembrando o pago — talvez,  
e o que o destino te fez,  
ao te apartar da querência,  
sem quebrar — nem na indignação,  
essa bárbara altivez!

Atrás o tempo — a lembrança  
do 'não tem mais' da tapera,  
na frente — a incerteza — a espera,  
mas ninguém come a esperança;  
o choro de uma criança,  
o leite — o pão que não há,  
salário — se tem — não dá,  
teu viver não vale um real;  
miserável inseto social  
em qualquer parte onde vá!

Eu sonho — taura charrua,  
te ver pelear — sem violência,  
dentro da lei da consciência,  
na pátria que é nossa — é tua;  
sair como um livre à rua,  
não pra matar ou morrer,  
mas pra exigir — pra dizer  
que tu mereces respeito  
e — como tal — tens direito,  
como os demais — de escolher!

Acredito nos escoros  
que ainda firmam o garrão,  
no primitivo padrão  
desta querência de touros;  
gringos - lusitanos - mouros,  
dos quais a gente descende,  
como a brasa que reacende,  
dentro da cinza dormida:  
- uma vida — além da vida  
que não morre - nem se vende!

O poeta ao declamar: “porque os que domam a terra não constam do testamento!”, ao mesmo tempo em que faz uma denúncia da situação vivenciada por aqueles que lutam pelo reconhecimento do direito de possuírem uma terra para plantar e para poderem produzir o seu próprio sustento, pois são os “Tetranetos dos andantes que domaram a lonjura”, também clama para que seu povo lute por seus direitos, que são os de todos aqueles que movimentaram e movimentam a imensa engrenagem que move a sociedade sulina.

Em “Chimarrão do sem Destino”, discute-se sobre o espaço ocupado pelo gaúcho, que se vê obrigado a deixar o campo e a ir morar na cidade, percebem-se as contradições existentes entre o gaúcho de dantes e o de hoje no seguinte trecho: “o índio do campo fino, / como o da barba de bode / que fez dum fio de bigode / seu código e documento, / agora é um pária ao relento, / sobra de tempo e de guerra”.

A exemplo da análise feita pelo professor Hermenegildo Bastos (2009, p. 9), em que o objeto de estudo é a dialética existente entre o deslocamento da imaginação no espaço e a sondagem profunda do caráter dos personagens em que aparece o “homem deslocando-se no espaço, deslocando-se também na sua condição de homem”, na poesia de Jaime, o personagem poético, ao deixar o campo, também deixa a sua condição de “índio ativo” e passa a ser um pária da sociedade. .

Em “Chimarrão do sem Destino”, Jaime explora o tema da luta do homem pela terra que está nas mãos de bem poucos, em detrimento de uma imensa maioria de trabalhadores que por falta de opção viram-se jogados ao relento, sendo obrigados a migrar para as cidades e procurar por trabalho, o qual mesmo sendo muito mal remunerado ainda era difícil de encontrar, pois se exigia um nível escolar a que o homem rural não havia tido acesso.

Terminamos este último capítulo com os poemas “Gaúchos” (BRAUN, 2002, p. 55) e “Testamento Novo” (BRAUN, 1992, p. 43), que dizem o seguinte:

### Gaúchos

Venho dos anseios grandes,  
das três pátrias maldomadas  
que empurraram a trompadas  
os rios — as pampas e os andes,  
na gesta dos quatro sangues  
onde nasceu o gaudério<sup>25</sup>,  
irmanando o "Tio Lautério"  
ao "Martin Fierro de Hernández"!

Trago na genealogia,  
índios — negros — lusitanos,  
mestiços e castelhanos,  
brotados da geografia  
que à hora em que me paria,  
livre de mal e quebranto,  
parou pra ouvir o meu canto  
mesclado com ventania!

Me alargaram as retinas  
de tanto bombear<sup>26</sup> distâncias,  
no vai e vem das estâncias

das pampas continentinas;  
herdei a cruz das batinas,  
mas sou dos mesmos sinuelos,  
dos "lusíadas" de pêlos  
e os "dom quixotes" de clinas!

Talvez daí — a rebeldia  
baguala — que me norsteia,  
eu que nasci da peleia,  
pra andar no mundo 'a la cria<sup>16</sup>;  
era meu, tudo o que havia,  
na terra que já foi séria,  
onde exploram a miséria  
e comem a geografia!

Apesar disso — mantenho  
aquelas glórias que herdei,  
escravo que já foi rei,  
conservo as baldas que tenho,  
sempre no melhor empenho,  
sem nunca perder o jeito,  
no sacrossanto direito  
de me orgulhar de onde venho!

Gaúcho - gaúcho - que encerra  
a própria ancestralidade!  
mataram-me a identidade  
que foi bandeira de guerra;  
o vento xucro que berra  
atesta essa realidade:  
— das léguas de liberdade  
não resta um palmo de terra!

### **Testamento Novo**

A pátria  
que é de todos por direito,  
dos tetravôs — dos bisavós,  
dos netos,  
anda perdida  
a promulgar decretos  
contra o bom senso  
que já foi respeito!

As leis dos homens,  
milenárias — justas,  
na carta grande  
não precisam flores  
nem mordomias de legisladores  
se o povo sofre  
pra pagar as custas!

Não há retorno  
para os bens perdidos,

perante os grandes  
o protesto é mudo  
e os que não querem se manter unidos  
são candidatos  
a perderem tudo!

São sempre os mesmos  
cadenciando a dança,  
falando em pátria  
pra enganar o povo  
e — ao que parece,  
o titular da herança  
não vai entrar  
no testamento novo!

A constatação do poeta é a mesma a que as classes menos favorecidas em nossa sociedade também podem chegar, considerando-se as condições daqueles que verdadeiramente desbravaram os imensos rincões brasílicos “das léguas de liberdade não resta um palmo de terra!”. Esse é o grito de revolta que vem sendo proferido pelos homens e mulheres que deram seu sangue e suas vidas para que o país fosse soberano e, com esses sacrifícios, alargaram as fronteiras da pátria.

Quando não serviam mais aos interesses dos grandes senhores proprietários das imensas lavouras de cana-de-açúcar ou de café, os peões, soldados, trabalhadores rurais, e muitas vezes todos esses em um só, foram obrigados a se deslocarem do campo para a cidade; assim, os grandes centros urbanos acabaram inundados por legiões de desempregados. Essa problemática até hoje não foi solucionada em nosso país, apesar de aparecer reiteradamente em obras artísticas do Rio Grande do Sul, assim como se manifesta na voz do poeta Jaime Caetano Braun.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A terra não pode ser mera reserva de valor para os que especulam com o seu preço, porque só nela os homens encontram a vida."

Ulysses Guimarães.

Ao longo dos três capítulos deste trabalho, tratamos do espaço ocupado pelo poeta Jaime Caetano Braun na literatura gaúcha; sobre a ideologia que originou o “Mito do Herói Gaúcho”; e, a respeito da forma com que aparecem, nas poesias de Jaime, os personagens que representam os peões e trabalhadores rurais que deixam a vida no campo e rumam para a cidade. Foi possível perceber que, de acordo com o que é explorado nas poesias de Jaime Caetano Braun, a posse da terra no Rio Grande do Sul deu-se de forma bastante arbitrária

A princípio, com a chegada e instalação dos primeiros homens nos confins da América; depois, pela forma violenta com que os estrangeiros, na figura dos europeus, tomaram posse da região, promovendo a cristianização dos nativos da Região, a exploração do ouro, da prata, da força de trabalho dos “bárbaros” indígenas; passando, ainda, pela ideia da defesa da pátria, que só favoreceu e tem favorecido aos grandes proprietários, e; finalmente, culminando com as tentativas da redistribuição da terra com o advento da democratização em nosso país.

Tais fatores encontraram eco na poética do poeta gaúcho, Jaime Caetano Braun, o qual construiu uma obra alicerçada no processo de formação do povo gaúcho, baseando-se na luta histórica pela conquista da terra, na cultura e, principalmente, no anseio que habita a alma de todos aqueles, sulinos ou não, que almejam a que seja feita uma distribuição justa da terra, em que os camponeses, ou trabalhadores rurais, tenham os seus direitos reconhecidos e sejam legitimados como proprietários da terra que foi de seus avós.

Com este trabalho procuramos evidenciar que, se há alguém em nosso país que possui o direito legítimo de ser proprietário da terra, baseado na alegação de que foram os seus antepassados os desbravadores dos ambientes outrora selváticos, os responsáveis por fazerem a terra produzir os seus primeiros frutos, os primeiros a ocupar o que antes não era nada mais do que uma região inóspita e com poucas possibilidades de sobrevivência para os seres humanos, os herdeiros da terra no Brasil não podem ser, em hipótese alguma, outros que não os indígenas. Em face da histórica ocupação da terra no Brasil, ser herdeiro de posseiros e latifundiários não poderia ser garantia de posse.

Os direitos dos indígenas foram expropriados, desde o início da formação de nossa nação. Portanto, os descendentes dos Capitães, dos Coronéis, dos Senhores de Engenho, quando afirmam que são herdeiros legítimos da terra, por serem descendentes dos desbravadores dos confins brasileiros, caem em erro grotesco, pois não podem ter deixado de herdar a responsabilidade pelos crimes hediondos cometidos por aqueles que trucidaram os antigos proprietários legítimos da terra.

Como se pôde perceber, pela análise das obras do poeta Jaime Caetano Braun, de acordo com os registros dos fatores históricos ocorridos desde a nossa colonização, a distribuição da terra foi realizada de forma bastante equivocada desde o Brasil Colonial, sem nunca ter sido motivo de preocupação da Coroa e, tampouco, dos incontáveis mandatários que vieram depois da monarquia. Por isso, a função social da ocupação da terra, que deveria ter sido voltada para o bem comum, para a produção de bens de consumo que atendessem a sociedade como um todo, reduziu-se, ao invés disso, ao uso da terra como moeda de troca para paga de favores entre os poderosos, para produzir artigos que somente atendessem aos interesses da metrópole, e, mais tarde, para garantir a hegemonia das classes dominantes.

Finalmente, foi possível comprovar, também a exemplo do que é a denúncia principal da poética de Jaime Caetano, que, mesmo com o advento da democracia em nosso país, não foi solucionada a problemática da má distribuição da terra, pois as classes dominantes defendem, de forma bastante acirrada, com o uso da força se julgarem necessário, o que consideram seus direitos legais, principalmente, entre outros, o direito à propriedade.

Com este trabalho, foi possível perceber, ainda, que a nossa atual configuração política e social precisa encontrar uma solução para a problemática da má distribuição da terra, discutida na obra de Jaime Caetano Braun. Poesias como as que Jaime declamou pelos confins do Rio Grande do Sul, mesmo sem a intenção do artista e com todas as suas contradições internas, não deixam de veicular a necessidade de enfrentar a problemática da distribuição da terra, para que possamos chegar, de fato, a uma distribuição fecunda desse nosso maior bem, reconhecendo, finalmente, a vocação da função social da terra, e, assim, possibilitando que ela gere frutos, entre os quais, a consolidação da nação como um país de cunho verdadeiramente democrático.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR**, José de. *Iracema*. São Paulo. Ciranda Cultural, 2009.
- ALVES**, Rubem Azevedo. “O Deus dos Oprimidos”. In: *O que é Religião*. São Paulo. Abril Cultural, 1933.
- ARISTÓTELES**. *Poética*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>>. Consultado em: 05 de agosto de 2012;
- BASTOS**, Hermenegildo. “A obra literária como leitura e interpretação do mundo”. In: *Teoria e Prática da Crítica Literária Dialética*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2011;
- \_\_\_\_\_. “A literatura brasileira, a ocupação da terra e o despojo: comentários ao “deslocamento da imaginação no espaço” de um capítulo de Formação”. *Água Viva – Revista de estudos literários*. Universidade de Brasília.
- BRAUN**, Jaime Caetano. *De Fogão em Fogão*. Porto Alegre. Ed. Sulina, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Payador e Troveiro*. Porto Alegre. Ed. Sulina, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Bota de Garrão*. Porto Alegre. Ed. Tchê, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Brasil Grande do Sul*. Porto Alegre. Ed. Artes e Ofícios, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Paisagens Perdidas*. Porto Alegre. Ed. Artes e Ofícios, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Potreiro de Guachos*. Porto Alegre. Ed. Sulina, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Pátria-Fogões-Lendas: vocabulário pampeano 1º Vol.*
- BORDONI**, Orlando. *A língua tupi na geografia do Brasil*. Ap. Banestado – o Banco do Paraná.
- BOSCHI**, Marina Brito e **VIEIRA**, Juçara Maria Dutra. *Gaúcho: Espaço e Argumento*. Bento Gonçalves, 1986.
- CAMÕES**, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acessado em 09 Jan 2011.
- COMPAGNON**, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2010;
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA: Caderno Enfoc Nº 1. Ação sindical e desenvolvimento rural sustentável solidário**. Brasília. Dupligráfica Editora Ltda, 2009.
- Constituição da república federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988*. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010.
- CANDIDO**, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995;
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1965.
- \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro. Ouro Sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, 1981.
- CARLI**, Ranieri. “Praxis, consciência e individualidade na filosofia marxista”. In: *Prometeus: Filosofia em Revista*. Viva Vox DFL. Universidade Federal de Sergipe. Ano 2. n. 4 – Jul-Dez/2009.
- DACANAL**, José Hildebrando. *O fim do último autêntico*. Zero Hora, 24 Jul 1999;
- \_\_\_\_\_. “Origem e função dos CTGs”. In: **GONZAGA**, Sergius; e **FISCHER**, Luís Augusto (Coords.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- DIAS**, Gonçalves. *I-Juca-Pirama e Os Timbiras*. São Paulo. Escala Educacional, 2008.
- DURÃO**, Santa Rita. *Caramuru*. São Paulo. Editora Martin Claret Ltda, 2008.

**FACIOLI, Valentim e OLIVIERI, Antônio Carlos (organização).** *Antologia de Poesia Brasileira: Romantismo.* São Paulo. Editora Ática, 1998.

**FAGUNDES, Antônio Augusto.** *Cartilhada história do Rio Grande do Sul: uma visão da formação da terra e do povo gaúcho.* Porto Alegre. Martins Livreiro, 1986.

**FISCHER, Luis Augusto.** *Literatura gaúcha: história, formação e atualidade.* Porto Alegre: Leitura XXI, 2004;

\_\_\_\_\_. *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

\_\_\_\_\_. “Memória e invenção do passado – a poesia de Jaime Caetano Braun”. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v.2, n. 1. Jan-Jun/2006.

**FREIRE, Paulo.** *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1996.

**FREYRE, Gilberto.** *Gilberto Freyre na Universidade de Brasília: conferências e comentários de um simpósio internacional realizado de 13 a 17 de outubro de 1980.* Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1981.

**GAMA, José Basílio da.** *O Uruguai.* Editora: L&PM, 2010.

**GOLIN, Tau.** “Reflexos entre o gaúcho real e o inventado”. In: **GONZAGA, Sergius;** e **FISCHER, Luís Augusto** (Coords.). *Nós, os gaúchos.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

**HOLANDA, Sérgio Buarque de.** *Raízes do Brasil.* São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

**JOSAPHAT, Carlos.** *Las Casas: todos os direitos para todos.* São Paulo. Edições Loyola, 2000.

**KOSHIBA, Luiz e PEREIRA, Denize Manzi Freyze.** *História do Brasil no contexto da história ocidental.* São Paulo. Atual, 2003;

**LARAIA, Roque de Barros.** *Cultura: um conceito antropológico.* Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2009.

**LEITE, Ligia Chiappini Moraes.** *Regionalismo e modernismo.* São Paulo. Ática, 1978.

**LEÓN-PORTILLA, Miguel** (organizador). *A Conquista da América Latina Vista Pelos Índios: relatos astecas, maias e incas.* Tradução: Augusto Angelo Zanatta. Petrópolis. Vozes, 1987.

**LESSA, Luiz Carlos Barbosa.** *Nativismo: um fenômeno social gaúcho.* Porto Alegre. L&PM, 1985.

\_\_\_\_\_. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande.* Porto Alegre. Ed. AGE, 2002.

**LIMA, Luiz Costa.** *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção.* Hans Robert Jauss... et al., coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

**LIMA, Eli Napoleão de;** **DELGADO, Nelson Giordano** e **MOREIRA, Roberto José** (organizadores). *Mundo Rural IV: configurações rural-urbanas: poderes e políticas.* Rio de Janeiro. Mauad X. Edur, 2007.

**LUGON, Clóvis.** *A República Guarani.* Tradução: Alcy Cheuyche. São Paulo. Expressão Popular, 2010.

**LUKÁCS, Georg.** *História e Consciência de Classe: Estudo sobre a dialética Marxista.* Martins Fontes. São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. “Problemas de La Mimesis”. In: *Estética: La particularidad del estético.* (Tradução de Manuel Sacristán). Barcelona - México. Ediciones Grijaldo S.A., 1966;

**MACHADO, Propício da Silveira.** *O gaúcho na história e na linguística.* Porto Alegre, 1966.

**MEDEIROS, João Bosco.** *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.* São Paulo. Ed. Atlas, 2003.

- MOISÉS**, Massaud. *A análise literária*. Editora Pensamento – Cultrix Ltda. São Paulo 2005.
- MONTORO**, Tânia Siqueira (coordenadora). *Comunicação e mobilização social*. Série Mobilização Social Vol I. Brasília. Ed. Unb, 1996.
- MORUS**, Tomás. *A utopia*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre. L&M, 2007.
- NUNES**, Zeno Cardoso e **NUNES**, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Martins Livreiro, 2007.m
- POZENATO**, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Caxias do Sul. Educs, 2009.
- REVERBEL**, Carlos. *Maragatos e Pica-Paus: Guerra civil e degola no Rio Grande*. Porto Alegre. L & PM Editores Ltda, 1985.
- Revista de catolicismo: programa nacional de direitos humanos*. São Paulo. Revista mensal. Ed. Padre Belchior de Pontes, Nº 714.
- Revista de catolicismo: a escala da contrarrevolução*. São Paulo. Revista mensal. Ed. Padre Belchior de Pontes, Nº 716.
- RODRIGUES**, Ayrton D. *As Línguas gerais sul-americanas*. Universidade de Brasília, PAPIA 4(2).6-18 (1996).
- SAINT-HILAIRE**, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução: Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, 2002.
- SCHMIDT**, Mario Furley. *Nova história crítica*. São Paulo. Ed. Nova Geração, 2002.
- SCHOPENHAUER**, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre. L&M, 2010.
- SCHULER**, Donald. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992;
- SILVA**, Angelise Fagundes da; **SANTOS**, Pedro Brum. *O Mito do gaúcho e seu redimensionamento em “trezentas onças”, de Simões Lopes Neto*.
- SOUZA**, Vital Fernando Lopes de. *As armas ideológicas da vida: apontamentos para uma espiritualidade de luta*. Brasília. Ed. Ipiranga, 1991.
- STEINER**, George. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Tradução: Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro. Record, 2001.
- TEIXEIRA**, Bento. *Prosopopéia*. Texto proveniente de: Virtual Books On Line <<http://virtualbooks.terra.com.br>>. Acessado em 09 Dez 2010.
- VELOSSO**, João Paulo dos Reis e **ALBUQUERQUE**, Roberto Cavalcanti de (coordenadores). *A nova geografia da fome e da pobreza*. José Graziano Silva (et al.). Rio de Janeiro. José Olympio, 2004.
- ZILBERMAN**, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. Ed. Atual. e ampl. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992;
- \_\_\_\_\_. *Literatura gaúcha: Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: LP&M, 1985.

## **SÍTIOS CONSULTADOS**

Página do gaúcho. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/jayme/>>. Acessado em 15 de junho de 2012.

Letras.mus.br. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jayme-caetano-braun/812904/>>. Acessado em: 06 de abril de 2014.

Centro de Tradições Gaúcha – Uberaba – Minas Gerais - Cultura Nativa. Disponível em <<http://culturanativa.no.comunidades.net/index.php?pagina=1384900031>>. Acessado em: 09 de maio de 2014.